



NATALIA SUNCÃO

CONVIVOS COM O TEMPO

CONTORNOS DO TEMPO:

Uma vivência no campo documental

Natali Assunção

NITERÓI 2024

Tese apresentada para obtenção do título de doutora, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense.

Orientadora: Professora Doutora Martha de Mello Ribeiro

Linha de pesquisa: Corpo-Cena – Crítica da Representação

AFETOS TECIDOS

Agradeço ter me mantido firme, apesar das adversidades. A falta de acolhimento em lugares que supostamente deveriam acolher, a falta de investimento financeiro e subsídios para trabalhar, as inúmeras problemáticas vivenciadas durante esse período. Começo falando sobre isso porque me parece importante reconhecer a força de dar continuidade, apesar de. Mas reconheço que não ando só e que, felizmente, tenho muito a celebrar.

Antes de mais nada e sempre: agradeço a minha mãe, por tudo e por tanto, e por ter aceitado ceder suas narrativas, revivendo tantas histórias. Agradeço às minhas avós, minha família, meu irmão, Luca, por me fazer repensar tanto. Agradeço, ainda, ao meu pai e à minha boadrasta.

Martha, obrigada por não desistir de mim, mesmo quando eu não estava me reconhecendo, e obrigada por me auxiliar no processo de enxergar novas perspectivas na trajetória. Obrigada a todas e todos que seguraram a minha mão e me ouviram incansavelmente. Às amigas e aos amigos que me apoiam em todas as tempestades e que dançam todas as danças e às pessoas que somaram para que as camadas dessas obras acontecessem: Alba Azevedo, Bruno Henrique, Fabrícia Macedo, Ana Yoneda, Julianna Mota, Mi'saw, Sérgio Santos, Morgana Narjara, Bárbara Souza, Pedro Huff, Rodrigo Cunha, Juliana Lima, Hblynda Moraes, Duda Araújo, Gabriela Holanda, Heidi Trindade, Jana Gomes e, claro, Analice Croccia e Domingos Júnior, que deram o sustento para alegrias e surtos, e que se lançaram na empreitada cênica com muito amor.

RESUMO

Propõe-se uma criação reflexiva acerca de uma metodologia que realiza uma construção documental em diferentes linguagens: fotografia, cinema e teatro, estabelecendo uma unidade narrativa em quatro obras distintas e independentes: um ensaio fotográfico - *Ensaio do efêmero* -, um filme - *Ensaio da memória* -, um espetáculo - *Ensaio do agora* - e a escrita sobre o processo criativo das obras. Para isso, parte-se do encontro da artista-pesquisadora com nove mulheres acima de 60 anos, que partilham suas narrativas a partir do tema tempo e memória, friccionando as perspectivas dessas mulheres às da artista que se localiza em algum ponto anterior aos 60 anos aqui apontados. Intenciona-se refletir sobre o campo documental como experiência e encontro e sobre uma metodologia para adaptar e construir uma unidade narrativa em diferentes obras, mantendo a independência entre cada uma, mas possibilitando maior amplitude quando todas são visitadas em sua totalidade.

Palavras-chave: teatro documentário; cinema; fotografia.

ABSTRACT

A reflexive creation is proposed regarding a methodology that carries out a documentary construction in different languages: photography, cinema and theater, establishing a narrative unity in four distinct and independent works: a photographic essay - *Ensaio do Efêmero* -, a film - *Ensaio da Memória* -, a show - *Ensaio do Agora* - and writing about the creative process of the works. To do this, the artist-researcher meets nine women over 60 years of age, who share their narratives based on the theme of time and memory causing friction between perspectives of these women with those of the artist who is much younger. The intention is to reflect on the documentary field as an experience and encounter and on a methodology to adapt and build a narrative unity in different works, maintaining the independence between each one, but enabling greater breadth when they are all visited in their entirety.

Keywords: documentary theater; cinema; photography.

SUMÁRIO

CARTA PARA VOCÊ (#1)	15
INTRODUÇÃO – A LINHA E A AGULHA	20
CARTA PARA VOCÊ (#2)	45
1 - ELAS - A LINHA QUE NOS PERPASSA	50
1.1 Elas	67
1.2 Os dias e as mulheres	71
1.3 As mulheres	
1.3.1 - ADÉLIA	71
1.3.2 - MARIA JOSÉ	78
1.3.3 - AMARA RITA	84
1.3.4 - FÁTIMA	90
1.3.5 - VERA	95
1.3.6 - ZÉLIA	101
1.3.7 - KÁTIA	105
1.3.8 - RAQUEL	109
1.3.9 - TETÉ	115
CARTA PARA VOCÊ (#3)	123
2 - O PONTO QUE NOS ENLAÇA	126
2.1 - Dispositivos pedidos na marcação e entregues na gravação	130
2.2 - Dispositivos de chegada	131
2.3 - Dispositivo de gravação - Primeira ação para gravar	135
2.4 - Perguntas base	137
2.5 - Dispositivos de conversa	139
2.6 - Dispositivo de saída	139
CARTA PARA VOCÊ (#4)	146

3 - PUXANDO O FIO - ENSAIO DO EFÊMERO	150
3.1 - Quintal do casarão	159
3.2 - Piscina vazia	160
3.3 - Porta fechada, sala interna	164
3.4 - Janela aberta	165
3.5 - Exposição Fotográfica - Ensaio do Efêmero	175
3.6 - Documento, documental, documentário	179
CARTA PARA VOCÊ (#5)	187
4 - SEGUINDO A LINHA - ENSAIO DA MEMÓRIA	190
4.1 - Estreia em tela grande	203
CARTA PARA VOCÊ (#6)	207
5 - TRAÇANDO O PONTO - ENSAIO DO AGORA	208
5.1 - Encontro com o público	221
CARTA PARA VOCÊ (#7)	227
6 - TECER CONTÍNUO - O QUE FICA, O QUE SEGUE	228
CARTA PARA VOCÊ (#8)	234
REFERÊNCIAS	235
APÊNDICE A - Dramaturgia do Ensaio do agora	244
APÊNDICE B - Registros da Exposição Ensaio do efêmero	284
APÊNDICE C - Registros da Estreia do filme Ensaio da memória	290
APÊNDICE D - Registros do primeiro ensaio aberto do espetáculo Ensaio do agora	294

“E assim o tempo passou. Toby parou de contá-lo. De um jeito ou de outro, o tempo não passa, dizia Pilar, o tempo é um mar onde você flutua” (Atwood, 2009, p. 121)

“Escrevo porque me sinto descompensado em relação à realidade. Preciso de uma verdade fora de mim em que me agarrar. Me sinto defasado. A minha realidade interior vive abaixo do nível da realidade que me cerca. Para restabelecer o equilíbrio, num contacto normal com os demais seres humanos, tenho que escrever, porque a recriação da realidade pela imaginação, através da linguagem escrita, é a maneira que tenho de me comunicar. Há uma espécie de catarse naquilo que escrevo” (Sabino, 1989, p. 18)

“Memória é uma expressão de tempo” (MOONAGE daydream. EUA. 2022. Direção: Brett Morgen)

CARTA PARA VOCÊ

(#1)

Oi!

Não sei exatamente como começar, talvez porque ainda não faça ideia de como será a jornada... Tudo é possível, inclusive o fracasso. Tudo é possível, inclusive o medo. Tudo é possível, inclusive dar tudo certo - ainda que o percurso não esteja claro. Escrevo da noite de um dia de julho, em Olinda, Pernambuco, Brasil. Mais precisamente: dia 20 de julho de 2021. Esse é um período agitado do mês para mim. Ontem foi aniversário da minha mãe, amanhã será o do meu pai. Sim, ambos cancerianes¹. Escrevo do passado, uma vez que você me encontrará em um outro momento. Ou escreveria eu de um futuro pensado no passado? Já que uma carta supõe um remetente e um destinatário? Ou seja, uma carta pressupõe relação. Troca, entrega. Supõe um encontro. De textos, olhares, ouvidos, marcas e tempo.

1. Para integrar a linguagem não binária, adotou-se na presente escrita o artigo “e” ao invés das terminações femininas e masculinas (a, o, respectivamente), a fim de, assim, também facilitar o acesso das pessoas com necessidades especiais (não contempladas pelo uso do @ ou mesmo do x).

Bom, esteja você onde estiver, espero que esta te encontre bem e que o nosso encontro seja frutífero e de afeto.

Quando penso em memória, penso em recorte, em janela. Uma janela no tempo. Penso na sequência do que guardamos por dentro, sob o ponto de vista de quem fomos quando os fatos aconteceram, mas a retomamos na ótica de quem somos, já que só acessamos a memória no agora. Memória é um recorte do tempo. Um mergulho nos nossos acontecimentos. A memória é fala articulada, é pensamento, é reflexo, mas também é corpo, o não dito. Memória é cada pedacinho do quebra-cabeça, aliás, da colagem do que somos. Cada elemento que nos constitui, os tijolinhos que compõem a nossa estrada. E nem tudo é absoluto. Em algum ponto as coisas podem se confundir, reprimir... Até como mecanismo para avançar. Por isso que eu te digo: mesmo que não esteja na palavra, está no corpo.

Só se pode começar pelo ponto de partida. Na minha trajetória, percebo que costumo iniciar o caminho pela definição da palavra:

Significado de Memória

substantivo feminino

Faculdade de reter ideias, sensações, i m -

pressões, adquiridas anteriormente.

Efeito da faculdade de lembrar; lembrança (...) Recor-
dação que a posteridade guarda (...)

[Artes] Monumento dedicado a alguém ou em cele-
bração de uma pessoa digna de lembrança; memorial.

Papel usado para anotar coisas que não se deve es-
quecer; lembrete.

Relato feito escrita ou oralmente sobre uma situação;
narração. (...)

plural

Memórias. Obra literária escrita por quem presenciou
os acontecimentos que narra, ou neles tomou parte.
expressão

De memória. Sem a ajuda de notas ou livros, só pela
lembrança.

Em memória de. Em homenagem a alguém que já
morreu. [Informática] Memória secundária. Meio de
armazenamento de dados e instruções não volátil (p.
ex., disquetes), usado para que estes se preservem (p.
ex., quando o computador é desligado).

Etimologia (origem da palavra memória). Do latim
memoria.

Sinônimos de Memória

2. <https://www.dicio.com.br/memoria/> acessado em 20.07.21

3. SALOMÃO, Wally. Carta aberta a John Ashbery. In: Algaravias. Câmaras de
Eco. São Paulo. Ed. 34. 1996. Disponível em: [https://pt.scribd.com/doc/248083457/](https://pt.scribd.com/doc/248083457/Carta-aberta-a-John-Ashbery-Waly-Salomao)
Carta-aberta-a-John-Ashbery-Waly-Salomao Acesso em 29 de abril 2023.

Memória é sinônimo de: relembração, recordação, anamnese, rememoração, reminiscência, lembrança.²

Penso que voltar à definição no dicionário nos dá o ponto de partida em comum que ajuda a tecer nossas percepções e impressões sobre o assunto. "A memória é uma ilha de edição"³, quem disse foi Wally Salomão, mas suas palavras chegaram a mim pela voz de uma colega que sempre diz essa frase. Sim, "a memória é uma ilha de edição". Recortamos, colamos, selecionamos, editamos, e tudo isso, o que permanece e o que não permanece no corte final do nosso filme, nos compõe.

Memória. Substantivo feminino. Também não é por acaso que é dessa base que quero abordar essas memórias contigo. A minha, as delas, a sua e a de tantas outras pessoas.

Memória. Substantivo feminino.

Memória. Um recorte no tempo.

Memória. Uma janela na própria existência.

Carta, um encontro no tempo. Um encontro de tempos. Um cruzamento de caminhos.

Gosto da ideia de tecer momentos de repouso para esses nossos encontros, afinal, aqui vamos um pouco de encontro ao que anda em voga, né? Ao invés

INTRODUÇÃO - A LINHA E A AGULHA

Mas o principal – continuou ela – é que gosto de observar as pessoas. Às vezes ando de metrô o dia todo e fico olhando e ouvindo o que elas dizem. Tento imaginar quem são e o que querem e para onde vão. (Bradbury, 2012, p. 50-51)

O meu maior sonho é sonhar. (*Risos*). Porque no momento que o ser humano deixa de sonhar, ele já tá morto, né? Então, eu gosto de viver, então continuo sonhando. (Relato de Adélia, cedido em 13.06.22)⁴

4. Os relatos das 9 mulheres serão sempre citados nesse formato. Conservam expressões da fala oral, uma vez que foram partilhados via gravação de vídeo. No entanto, a transcrição aqui compartilhada por vezes omite aspectos como cacofonias e/ou repetições, para facilitar a leitura. Todas as participantes concordaram e assinaram um termo autorizando o uso de som e imagem neste trabalho e nas obras que o compõem.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Adélia. Imagem do filme *Ensaio da memória*.

A linha atravessa a agulha com calma, atenção e delicadeza. Assim é a escuta. Um estado de alerta, presença, carinho, afeto, a-t-r-a-v-e-s-s-a-m-e-n-t-o. Linha e agulha mantêm contato em uma dança que é esse tecer-bordar-registrar-marcas. Traça, cria, transforma. Na construção, formam um par, para, em seguida, trilhar caminhos outros, mas nem agulha nem linha seguem ilesas. Outro estado se estabelece e o bordado segue como registro do encontro, como processo da história. “Eu não pareço mais comigo mesma e, no entanto, nunca estive tão próxima da minha compleição anímica; ela se imprimiu em meu corpo, sua textura reflete ao mesmo tempo uma passagem e um retorno” (Martin, 2021, p. 24).

O fascínio por contar histórias, o encanto pelo ser humano, mais especificamente, pela maneira como cada um é recipiente e criador

de narrativas ou, parafraseando Ariane Mnouchkine, que se refere assim ao ator e à atriz e, aqui, amplo para todos: “um ser côncavo e convexo que, ao mesmo tempo, recebe e projeta” (*apud* Féral, 2021, p. 21). Além disso, foi também o amor pela palavra, pela imagem e pela escuta que me trouxeram até o campo documental, “a perspectiva de campo de conhecimento não se refere a uma área com rígidos contornos e permeada por definições, mas a uma possibilidade de lugar destinado à reflexão” (Sóler, 2015, p. 16). Esse campo se apresentou, para mim, como um espaço de encontro e de possibilidades de criação. Como uma janela possível para atravessamentos com outras vivências e olhares que se misturam e se *re-criam* à medida em que são tecidos sob outros pontos de vista. Aqui, penso encontro como uma experiência que, assim como indicado por Jorge Larrosa, é algo que “nos acontece” e não apenas o que acontece ou se passa sem nos tocar:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2014, p. 25)

Larrosa destaca a experiência como algo que pode nos tocar, nos atravessar e que, por isso mesmo, não nos deixa ileso. Ele propõe quase uma suspensão, posto que, a partir dessa experiência, que também entendo como encontro, não seremos mais a mesma pessoa, uma outra ordem se estabelece. Destaca-se, ainda, a necessidade de pararmos para perceber esse fenômeno. Não é possível viver esse atravessamento sem se dar conta do mesmo. Se acontece sem que você perceba, sem que se deixe tocar, sem que se permita parar e viver, não foi uma experiência. É necessário tempo, decantamento, apuração. Quase como a contramão do momento presente que impõe inúmeras telas simultâneas, excesso de informação, muitas vezes, sem reflexão e profundidade, disponibilidade 24 horas por dia, nos privando de t-e-m-p-o, de escuta, de espaço, de suspensão. Sua definição de experiência nos convida ao detalhe, à abertura, à vulnerabilidade. Destaco novamente a sua fala: “suspender o automatismo da ação, cultivar a **atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos**, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, **escutar aos outros, cultivar a arte do encontro**, calar muito, ter paciência e **dar-se tempo e espaço**”, os grifos são meus. É deste ponto, justamente deste ponto, que penso experiência aqui. E, mais especificamente, a experiência documental proposta. Esse a-t-r-a-v- e-s-s-a-m-e-n-t-o é, portanto, um desdobramento desse entendimento sobre experiência e, mais especificamente, é o entendimento desta experiência colocada no campo documental como encontro entre documentarista e documentadas.

Quando criança, gostava de inventar enredos. Brincava narrando. Cresci absolutamente tomada pelo cinema, seus encantos e provocações. Para tudo, um filme. Nessa primeira fase de encantamento

estava a minha mãe, aquela que me levava ao cinema e que via e re-
via filmes comigo até decorarmos falas repetidas anos a fio. Essa foi
a semente lançada por ela que se desprende e seguiu um caminho
extenso e intenso.



Natali e Fátima durante a gravação de “*Contornos do tempo*”. 27.06.22. Foto: Morgana Narjara.

Aqui, começamos a desvelar um pouco do nosso encontro, des-
sas nove vozes mais uma, a minha, que mais adiante vamos saber
quem somos, mas, desde agora - e antes -, já somos re- verbo, rede.
“Quem me apresentou o cinema foi meu pai, porque ele era também cine-
asta. Ele era fotógrafo e fazia filmagens de casamento, batizado (...) A pri-
meira sala de cinema era um projetor dentro de casa. (...) E aí tinha aquelas
latas de metal, né? Em que se guardava os filmes. (...) Papai filmava a gente
por qualquer motivo, eu odiava ser filmada, eu fugia, mas ele me pegava,
então, a infância da gente... ele sempre fazia esse registro. (...) nesse pe-

ríodo que minha irmã morreu e eu fui deportada, literalmente, pra Bom Conselho, um dos parentes nossos era dono do cinema de Bom Conselho, o único que havia. E eu ia todo sábado (...) Minha tia me deu uma bolsinha, fazia bolinho de goma, naquela época não existia plástico, né? Botava dentro da bolsinha, e eu toda arrumada porque ela era costureira, fazia roupinha pra mim, e eu ia ao cinema sozinha. Eu tinha 4 anos de idade, 3 pra 4 anos de idade (...) Tudo perto, não havia risco nenhum; e eu descobri o cinema assistindo a Marcelino, Pão e Vinho⁵ (sorri) (...) Eu apresentei o cinema, já mãe, à Maria Alice e Alexandre [Filhos de Fátima], e a gente pegou esse gosto, e todos os filmes que vocês possam imaginar, a gente assistia a primeira sessão, segunda sessão, terceira sessão, porque ninguém queria sair do cinema (...) Mas esse amor que eu tenho pelas artes, e pelo cinema, principalmente, né? Também muito pelo teatro, mas muito mais presente pelo cinema, eu desenvolvi e ampliei, passando de geração pra geração, pra meus netos também”. (Relato de Fátima, cedido em 27.06.22).

Engraçado, o bolo de goma também faz parte do meu imaginário. Quando criança, ao pegar ônibus sob o sol do centro da cidade do Recife, acompanhada pela minha mãe, íamos comendo saquinhos do doce. Eu gostava, e ainda gosto, daquele mais leve, um tipo aerado. Tem gosto de lembrança. Também minha mãe e eu víamos sessões repetidas do mesmo filme, quando os cinemas permitiam que continuássemos nas salas para repetir a sessão.

5. MARCELINO pão e vinho. 1955. Direção: Ladislao Vajda.

Cresci muito ligada à televisão e à música e sempre tive na palavra um desaguar frutífero, um semear necessário. Sou a colagem desses atravessamentos, no que se refere à maneira de ver-ler-escutar-sentir o mundo e de me expressar, o que também pode se perceber na minha formação (radialista e atriz) e atuação profissional, que passa pela comunicação e pela arte. Foi assim também que fui colando e tecendo meu processo de pesquisa, que parte do documentário para construções em teatro, cinema e fotografia⁶.

Essas linguagens fizeram morada em mim como uma *pele-necessidade*, e foi daí que segui no que se refere à formação formal e à atuação profissional. Já a graduação em Comunicação Social – Radialismo e TV (Universidade Federal de Pernambuco/UFPE) aponta para um olhar agregador de expressões. O que se evidencia ainda mais quando se observa o trabalho final dessa graduação, o curta-metragem *Feito algodão doce*⁷ (2009/Dir. Natali Assunção), uma ficção que mistura ani-

6. Associei ao Mestrado em Artes Cênicas (UFRN) o projeto Narrativas de uma memória em chamadas, no qual, partindo do tema liberdade e aprisionamento no cotidiano das mulheres e conversando sobre o assunto com 11 mulheres de realidades socioeconômicas e culturais diferentes, construí um ensaio fotográfico (Espelhos), um longa (Narrativas...), um monólogo (Ainda escrevo para elas) e o livro homônimo (Narrativas de uma memória em chamadas), publicado pelo selo editorial Mirada. O presente trabalho é um desdobramento de Narrativas [...] que pretende estruturar a metodologia ali apontada.

7. Duração: 9'20". Ano: 2009. Roteiro, Direção e Edição - Natali Assunção. Passou por festivais como: Cine PE 2009 - Mostra Pernambuco (Recife - PE); Mostra Infantil de Florianópolis 2009 (Florianópolis - SC); 2º Festival de Triunfo (Triunfo - PE); Femina - Mostra Infantil I (Rio de Janeiro - RJ); 2º MIAU - Mostra Paralela (Goiânia - GO); Cine Grandes Curtas (Pelotas - RS) e Festcine (Recife - PE) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DpzgbzdLFs&t=65s> Acesso em 23.07.23.

mação e *live action*⁸ para contar a história de Ana Maria, uma menina de 10 anos, cujo sonho é tocar em uma nuvem. Ela é uma sonhadora, apaixonada por arte, que vê a existência de maneira peculiar e divide com o pai sua percepção do mundo. Tanto o curso como o trabalho de conclusão apontam para a criação ramificada e multifacetada.



Para assistir ao curta *Feito algodão doce*.

No decorrer da caminhada, isso se alongou e fincou raízes: enquanto trabalhava majoritariamente com rádio e televisão, fiz uma especialização em Jornalismo e crítica cultural (Universidade Federal de Pernambuco/UFPE), atuando, inclusive, com crítica de cinema, em rádio e sites, e também fiz uma formação em interpretação (Curso de Interpretação para Teatro do SESC Santo Amaro – PE). A cada novo passo, o bordado apenas se expandia, atingindo novas formas e possibilidades. Ponto a ponto, acrescentando camadas.

8. Filme realizado com seres humanos.

Ou seja, não troquei áreas, aliei linguagens em uma construção de vida contínua, múltipla e caleidoscópica, somando bordados e traçando caminhos. Foi assim que retornei à academia. Não para elaborar projetos específicos, mas para verticalizar trabalhos que vinham sendo gestados e realizados. Cheguei, portanto, ao Mestrado em Artes Cênicas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN), para desenvolver as *Narrativas de uma memória em chamas: uma experiência sobre mulheres em teatro documentário*⁹, trabalho no campo documental, no qual parto do tema liberdade e aprisionamento no cotidiano das mulheres, conversando com 11 mulheres de realidades socioeconômicas e culturais diferentes, para a construção de um ensaio fotográfico - *Espelhos* -, um longa-metragem - *Narrativas[...]*¹⁰ -, um monólogo - *Ainda escrevo para elas* - e um livro, a partir da dissertação - *Narrativas de uma memória em chamas*¹¹.



Para assistir ao longa *Narrativas*.

9. Dissertação disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29224>> Acesso em 29.04.23.

10. Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TKcg_MfzwrA&t=45s> Acesso em 26.08.23

11. Dissertação disponível no repositório da UFRN em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29224>> Acesso em 26.08.23

Foi aqui que comecei a estruturar essa metodologia de trabalho que se debruça sobre o documental e, partindo de um tema de encontro/atravessamento e os dispositivos propostos, crio quatro obras independentes que se ampliam quando vistas na sua totalidade, e que pensam o documental em diferentes linguagens: fotografia, cinema, teatro e escrita. É esta metodologia que retomo nos *Contornos do tempo*, a fim de entendê-la melhor, estruturando os caminhos encontrados e percebendo ramificações e desdobramentos possíveis. Entendendo também que ela é composta por margeadores que nos colocam em diálogo com possibilidades de criação que estimulam, propõem direções, mas que não se apresentam de maneira rígida. Está viva, pulsa, tem contornos maleáveis que podem - e devem - ser experimentados. Suas obras são completas e independentes entre si, mas quando apreciadas em sua totalidade, fornecem ao espectador diferentes camadas de pensamento, sentimento, criação, reflexão e até mesmo diferentes aspectos e ângulos das próprias histórias compartilhadas.

Ou seja, falo também de adaptação, ainda que não de uma obra concebida a partir de outra pré-existente. Linda Hutcheon, na sua *Teoria da adaptação* (2006), destaca o fato de que qualquer pessoa que tenha experimentado uma adaptação tem uma teoria sobre o assunto, de maneira consciente ou inconsciente. Destaco esse tópico porque compreendi que eu mesma estava tecendo adaptações dentro de um mesmo processo depois de o estar experimentando empiricamente. Isso porque, aqui, ao passo que uma obra serve de base para outra, todas têm um mesmo ponto de partida: a perspectiva a partir do encontro com essas mulheres e é essa experiência

que vai sendo adaptada e vivenciada em diferentes linguagens. As mesmas narrativas vão tecendo caminhos próprios na fotografia, no audiovisual, no teatro e na escrita.

Nas Narrativas de uma memória em chamas, foi de um encontro com um texto do escritor moçambicano Mia Couto¹² que surgiu o tema. Parti das palavras de um homem para falar sobre mulheres. Meu primeiro encontro com ele se deu com o conto *Meia culpa, meia própria culpa*, que integra o livro *O fio das missangas*, e conta em primeira pessoa a história de Maria Metade, mulher presa, acusada de assassinar o marido. Sua linguagem precisa e poética fala de uma mulher em uma ficção, mas de maneira tão contundente e assertiva que foi daí que me lancei ao documental.

Mas aqui, penumbreada nesta prisão, não sofro tanto quanto sofria antes. É que aqui, sabe, acabo saindo mais que lá em minha casa natal. Vou onde? Saio por pé de meu pensamento. Por via de lembrança eu retorno ao Cine Olympia, em minha cidade de outro tempo. Sim, porque depois de matar o Seis reganhei acesso a minhas lembranças. É assim que, cada noite, volto à matiné das quatro de minha meninice. Não entrava no salão que me estava interdito. Mas ficava no outro lado do passeio, a assistir ao riso dos alheios. Ali passavam as moças belas, brancas, mulatas algumas. Era lá que eu sonhava. Não sonhava

12. Sobre a biografia do autor: <https://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/> Acessado em 04.04.22

ser feliz, que isso era demasiado em mim. Sonhava para me sentir longínqua, distante até do meu cheiro. Ali, frente ao cinema Olympia, sonhei tanto até o sonho me sujar. (PÚBLICO disponível em: <COUTO, <https://www.publico.pt/2002/01/21/jornal/meia-culpa-meia-propria-culpa-166609>> acesso em 29.04.23)

Foi ao mergulhar nos textos do citado livro que relatei ficção e documentário, propondo metodologia e tema, a fim de narrar friccionando documental e ficcional. Nesse trabalho, pude abordar caminhos nas áreas especificadas – fotografia, cinema, teatro e escrita performativa –, dando vazão a uma necessidade que se alarga em obras artísticas específicas, completas em si mesmas, individualmente, mas que se complementam, reverberando outras camadas, quando em conjunto, constituindo uma metodologia de criação. Diferentemente do proposto anteriormente, nos *Contornos do tempo*, vamos nos afastar da relação entre documental e ficcional. Essa é uma possibilidade de criação, mas que, aqui, seguiu outros rumos, tecendo o presente trabalho que se debruça apenas sobre o documental e as possibilidades de criação e abordagem desse campo, em diferentes linguagens.

Linda Hutcheon (2006, p. 25) também reforça o fato de que, ao nos depararmos com uma adaptação, se conhecemos o trabalho original, essa presença será sentida na obra adaptada. “Isso não quer dizer que adaptações não são trabalhos autônomos que podem ser interpretados e valorados dessa maneira” (2006, p. 25)¹³. Hutcheon

13. Tradução livre.

aborda a adaptação como obra e processo. Dessa maneira, não pensa apenas sobre o ato de *transferir* uma obra para uma linguagem diferente, nem se prende a um processo de valoração de originalidade do primogênito, uma vez que entende esta qualidade como permeável de qualquer adaptação (de primeiro ao segundo grau, e assim por diante). Da mesma maneira, a autora não se prende a um conceito de fidelidade, que pode indicar que uma adaptação *precisa* ser fiel ao original. Pelo contrário, ela aponta a possibilidade de infinitos desdobramentos que não se prendam a uma réplica.

Na sua teoria da adaptação, ela fala sobre obras pré-existentes que são adaptadas para outras obras, seja a partir de diferentes mídias (literatura para teatro, tema de parque temático para cinema, etc.), seja repensando pontos de vista de personagens, contextos da história, novos pontos de partida, etc. - ou seja, sem uma fidelidade compulsória. Aqui, apesar de abordar quatro criações (ensaio fotográfico, filme, espetáculo e escrita), não penso sobre a adaptação da obra de uma linguagem para outra linguagem. Neste processo, entendendo a adaptação de uma forma mais ampla: a partir de um material base - o encontro com as narrativas das nove mulheres em questão - para diferentes linguagens (fotografia, cinema, teatro e literatura) e suas especificidades. “Adaptação é repetição, mas repetição sem réplicas. E há inúmeras possibilidades de intenção por trás do ato da adaptação” (2006, p. 26). Busca-se, com este trabalho, pensar possibilidades e elaborar adaptações que se distanciem de cópias. Propõe-se sentir e pensar o encontro com essas narrativas, a partir de diferentes possibilidades, de maneira que as obras sejam inteiras separadamen-

te, mas complementares, quando vistas em sua completude. E intenciona-se, com isso, alcançar camadas distintas, à medida em que se tece em linguagens específicas.

Voltando o fio uma casa: é importante ressaltar que foi também com o projeto *Narrativas de uma memória em chammas* que surgiu o desdobramento *Memória em chammas*¹⁴, espaço no qual desenvolvo e produzo meus trabalhos e pesquisas em diferentes linguagens, como as já citadas.



Arte: Analice Croccia.



Instagram @emóriaemchamas

14. Instagram do Memória em chammas @memoriaemchamas, disponível em: <<https://www.instagram.com/memoriaemchamas/>> Acesso em 29.04.23 // Youtube do Memória em chammas, disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCSQf-FCVo74lbr8KQZ5DIWmg>> Acesso em 27.04.24.

Linha ajustada, agulha preparada. A citada metodologia de criação abrange a produção e a realização dos trabalhos e é por intermédio dela que chego ao Doutorado em Estudos Contemporâneos das Artes (Universidade Federal Fluminense/UFF), para um novo mergulho, cujo primeiro ponto se dá com o tema: tempo e memória, a partir do encontro com a perspectiva de mulheres com mais de 60 anos. Ou seja, esse é o meu norteador para as conversas com essas mulheres e a temática que vai permear as obras, meu ponto de partida. No entanto, o foco é pensar o documental em diferentes linguagens, de maneira independente, mas complementar, criando a partir do que nasce do encontro com essas mulheres. Não falo pelas nove mulheres, nem assumo um lugar de fala que não ocupo, mas sim, a partir desse atravessamento, da experiência, da troca com as perspectivas compartilhadas por elas comigo.

Partindo desta temática, conversei com nove mulheres de diferentes realidades socioeconômicas e culturais, dessa faixa etária, a fim de realizar um ensaio fotográfico - *Ensaio do efêmero* -, um filme - *Ensaio da memória* -, um espetáculo - *Ensaio do agora* - e a presente escrita, na qual partilho o processo como um todo - Contornos do tempo. Mais adiante, falarei mais sobre cada uma dessas mulheres, mas acho importante ajustar alguns pontos desde já, ainda que vá aprofundá-los à frente.

A necessidade de dialogar com essa faixa etária vem de urgências íntimas e pessoais. Evoco as palavras discorridas no filme *Ensaio da memória*: “Acho que eu tenho medo da velhice, da incerteza, dos arrependimentos, de não conseguir. Talvez também por isso esteja me debruçando sobre essa questão. Tem a necessidade de encontrar de outra

maneira mulheres da minha vida, mulheres que eu não conhecia e também mulheres que eu ainda não conheço. Tem essa maneira de descobrir muito sobre a sociedade, sobre mim, quando eu me encontro com outras pessoas e tem também algum medo e prazer nessa caminhada”. (ENSAIO da memória. 2024. Direção: Natali Assunção).

Há a necessidade de pensar sociedade, de reverberar vozes muitas vezes silenciadas e que, mesmo sendo maioria na velhice, costumam ser desvalorizadas. Existe o desejo do encontro com diferentes perspectivas que já passaram por tantas vivências. Há a urgência de ouvir mulheres que percorreram caminhos mais longos do que os meus. Existe também a necessidade de (re)encontrar mulheres da minha família, como a minha avó e a minha mãe e, neste movimento, também eu desdobrar aspectos sobre mim - com as múltiplas camadas que isso implica. E há o meu medo. Medo da velhice que vem me acompanhando há anos, desde quando eu acreditava que aos 25 estaria completamente estabelecida e realizada - até hoje não estou e suspeito que jamais estarei - ou talvez até mesmo antes disso. Medo de não atingir o que almejo para esta vida ou de estar desamparada quando estiver mais velha, da mudança da aparência e da força, da possível dependência. A fim de me debruçar sobre o documental e sobre maneiras de pensar esse documental em diferentes linguagens, resolvi encarar esse misto de abismo pessoal, desejo de troca, vontade de ampliar olhar e escuta e necessidade de observar um aspecto social.

Foi também nesse movimento de alinhar desejos que eu mesma me tornei personagem da criação. Não apenas pelo fato de a minha avó paterna estar presente a cada momento, ainda que não diretamente (falo melhor sobre isso mais adiante), nem só pelo fato de a

minha mãe ser umas das mulheres que compartilharam suas histórias e, diante disso, naturalmente, tive aspectos da minha trajetória revisitados e ampliados, mas porque, ao basear a criação no meu encontro com as perspectivas e narrativas delas, me coloquei em primeira pessoa e também eu passei a integrar a criação. Não se trata de uma autobiografia, nem estou aqui como protagonista, mas me implico ativamente nas obras.

Inicialmente, idealizei uma participação ativa ainda maior de cada uma dessas mulheres, por exemplo: no ensaio fotográfico, realizaria uma produção a partir delas, e no filme, teria uma série de imagens produzidas por elas. No entanto, este trabalho foi realizado inteiramente de maneira independente, tendo, inclusive, se dividido entre as minhas atividades profissionais em paralelo. Dessa maneira, ajustes foram necessários. A proposta inicial era um caminho mais difícil no que se refere ao investimento financeiro e à logística.

Recalculando o bordado, trouxe a reverberação do encontro para o meu corpo na construção do ensaio fotográfico, me colocando como modelo, sentindo e elaborando os encontros e as provocações, criando a partir do meu corpo. Essa obra, inclusive, permeia cada capítulo deste trabalho, por ser uma das construções propostas e por ser a primeira obra realizada, servindo como documento para as demais que se sucederam - o filme e o espetáculo. No filme, ao invés de imagens produzidas pelas próprias mulheres, há uma parte das imagens produzidas por mim, em que, assim como acontece nessa escrita, narro a história em primeira pessoa. À medida em que fui construindo essas narrativas, fui percebendo que, de uma maneira ou de outra, todas partiam de uma voz em primeira pessoa. Cada

obra e seus detalhamentos serão abordados mais adiante. Contudo, iniciamos o traçado sabendo, de antemão, dessas propostas.

Acredito que aqui tenhamos um panorama inicial ou, ao menos, um fragmento dele. O que a tinta e as páginas não mostram são veias, músculos, sonhos, medos, desejos, o tecido mais grosso de pele que me trouxe até aqui. Ao menos não completamente, mas, se tivermos sorte, no nosso encontro será possível *entre-ver*. Abro portas e janelas para isso. Espero que você aceite o convite.

Me interessa o entrelugar, a metáfora, as entrelinhas. Ou seja, o que está sendo dito para além da palavra. Quais são os contornos, o que podemos ver quando miramos além do que vai no primeiro plano? A possibilidade de, lançando mão de um microscópio, ampliar histórias que atravessam e constroem o tecido social, uma vez que “testemunhar é também fazer justiça não só para si mesmas, mas para aqueles que hoje não podem falar” (Rago, 2013, p. 75). Por meio do extraordinário que habita o ordinário do cotidiano, podemos ampliar e dar luz à poesia que nos atravessa e faz a história, ainda que esta não seja aquela registrada nas linhas dos livros didáticos que preferem propagar grandes heróis (majoritariamente homens; majoritariamente brancos) e seus feitos grandiosos. São as pessoas comuns - as pessoas - que fazem história todos os dias em suas vivências. Neste trabalho, especificamente, uma mulher fala com mulheres sobre suas narrativas, e cria, na perspectiva documental, a partir desse atravessamento.

Unir as mulheres passa, portanto, por dotá-las de um passado comum tecido por narrativas históricas em torno das quais podem criar polos de identificação



como mulheres e como feministas. A escrita como prática política revela um cuidado pelo outro, nesse caso, ao concretizar o desejo de oferecer às mulheres a sua própria história, contada de outro modo (Rago, 2013, p. 203)

Essa é também uma maneira de cuidar, de tecer essas narrativas históricas, tendo a escrita - seja ela no papel, na fotografia, no palco ou na tela - como prática poética e política que busca ofertar as nossas próprias histórias, o nosso (re)conhecimento. Trata-se não apenas de um testemunho, de um registro, mas da elaboração artística, a partir do encontro com narrativas, por meio das quais podemos criar essa malha em comum. Partindo de reflexões pessoais sobre tempo e memória, tal malha comum fala também de cada uma dessas mulheres, suas vivências, conquistas, dores e trajetórias sociais, oferecendo o resultado desses atravessamentos.

A história relatada por uma testemunha ou por um participante que ninguém notou. Sim, é isso que me interessa, é isso que eu gostaria de transformar em literatura. Sou uma historiadora da alma. Por um lado, investigo o ser humano concreto, que viveu em um tempo concreto e que participou de acontecimentos concretos; por outro, preciso distinguir neles o ser humano eterno. A vibração da eternidade. Aquilo que sempre existe no ser humano. (Aleksiévitch, 2016, p. 18)

Ao falar sobre investigação da alma, Svetlana Aleksievitch se aproxima da experiência proposta por Larrosa, sobre a qual falamos anteriormente, e do atravessamento que propomos aqui. Isso porque a jornalista e escritora destaca sua necessidade de abordar o ser humano não de maneira objetivamente fria, calcada em números, estatísticas e/ou relatos heróicos supostamente grandiosos, mas sim, na participação concreta, na grandiosidade miúda, por assim dizer, nas ações, nas emoções e nas sensações cotidianas dos processos investigados. O que cada olhar viu, o que sentiram, quem amaram, quais cheiros, toques, sensações e, a partir dessa concretude, traça-se um panorama. Uma investigadora da alma.

São essas *pequenas* grandiosidades cotidianas que me interessam no campo documental, que se apresenta como um espaço de entrega, confiança, ética e escuta. Uma possibilidade de encontro, de olhares em contato, de vidas que, por um momento, afluem em um mesmo rio para posteriormente seguir caminhos distintos que jamais serão como antes, assim como vimos no início, quando se pontuou que nem agulha nem linha seguem ilesas do seu encontro. Espero que nós também possamos nos transmutar de alguma maneira, que nosso atravessamento nos transforme e que nos reinventemos.

Afinal, reinventar-se supõe desapegar-se da imagem do que se foi, daquilo que fizemos ou do que foi feito de nós mesmos, de nossas experiências, aspirações e realizações, buscando não esquecê-las, mas criar novos espaços sociais, subjetivos e simbólicos, na atualidade. Reinventar-se significa despedir-se de quem

um dia fomos, a fim de construirmos outras subjetividades, dando passagem a novas formas de expressão. (Rago, 2013, p. 152)

Quem somos depois daquele encontro? Quem seremos depois deste? A previsão do nosso caminho consiste nesse primeiro *encontro-apresentação*, para que você possa saber um pouco de quem eu sou e de como cheguei até aqui. Em seguida, vamos falar sobre as mulheres que cederam seus relatos, vivências e histórias a esse trabalho, abordando também o processo, a produção, a escolha, os encontros. Como aconteceu? Quais dispositivos foram utilizados, o que se destacou. Quem são essas mulheres? Quais eram os planos iniciais? Que novas rotas foram traçadas? Aqui entrelaço vozes de muitas outras escritoras (da ficção e da não ficção), como Eliane Brum e as já citadas Linda Hutcheon e Svetlana Aleksievitch. Seguindo o fio de criação, vamos para o momento-narrativa referente à construção e realização do ensaio fotográfico, esmiuçando processos e vivências, tendo Cecília Almeida Salles e Susan Sontag como diálogo mais forte. Depois, seguimos o bordado até a construção do filme, partilhando processos e especificidades, tendo aqui também Andrei Tarkovski e documentaristas brasileiros, João Moreira Salles, Eduardo Coutinho, Eliane Brum e Petra Costa como referências. Desaguando, em seguida, na construção do espetáculo para, por fim, chegar à conclusão do trabalho realizado, passando por uma avaliação do todo, ratificando descobertas e possibilidades futuras.

Durante toda a construção vamos manter o diálogo com o campo documental e suas características e a minha relação com essa linguagem, referências, ética, o documentário como cuidado, dispositivos

e maneiras de documentar. Nesse processo, dou as mãos a nomes como os já citados: os pesquisadores Marcelo Soller e Cecília Almeida Salles, os documentaristas Eduardo Coutinho, João Moreira Salles e Petra Costa e a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum. Essas são as principais bases que margeiam meu navegar.

Além disso, como principal linha desse tecer estão as nove mulheres e as suas narrativas. Suas palavras vão nos conduzindo no processo e, a cada etapa, partilho, ainda, cartas minhas direcionadas a você.

O documental, para mim, é um processo de escuta, um encontro. Também aqui se dá um ponto importante entre linha, agulha e tecido, porque é a partir da entrega estabelecida na escuta que se dá o encontro; é na fala de quem partilha parte da sua vida que acontece a confiança; é no tecer da história sob a perspectiva de quem conta que se transforma o vivido. Para mim, há no documental um apreço profundo pela vida, pois “nosso cotidiano está repleto da matéria-prima da fala” (Aleksiévitch, 2016, p. 18).

Documentar se apresenta para mim como mais uma faceta da minha construção de colagem – processo pelo qual se elabora uma imagem a partir de diferentes elementos compostos por texturas distintas (ou não), sob diferentes técnicas de construção. A colagem se apresenta, portanto, como uma releitura, uma adaptação, uma forma de expressão, uma possibilidade de alinhar minhas bagagens de diferentes áreas e formações, uma maneira de sentir o mundo, e esse novo elemento que nasce da relação com as pessoas registradas e suas narrativas. Esse processo permeia toda a minha construção teórica e

prática na televisão, no cinema, no teatro, na fotografia, na própria colagem – digital e/ou analógica – e na escrita. O mesmo se dá com meu documento-olhar-imagem, essa maneira de sentir, comungar e narrar a alma e o mundo.

É uma possibilidade de tecer narrativas compondo imagens-sons. Há o brilho no olhar, a pulsão, o desejo, o fogo que move a necessidade de escutar e falar. Há a delimitação, o encontro com o tema. Há a organização, o processo de produzir e traçar caminhos. Há a busca, o coração aberto às personagens. Há a entrega, a narrativa partilhada. Há o caminho pelas inúmeras possibilidades. Há o caminhar para conduzir os desenvolvimentos. Há o recorte sob o olhar de quem conduz. Há a permeabilidade de quem escuta e tece. Há a narrativa. Há o novo encontro e os reencontros. Há o tecer dos sentimentos, dos pensamentos e dos sentidos.

E por que falo com você em primeira pessoa? Porque esse é um trabalho muito íntimo e pessoal. Não poderia falar dessas mulheres sem falar de mim e, acredito, também de você. E não saberia - nem poderia - abordar essas questões sem a exposição necessária de quem faz parte do próprio processo. Estou aqui implicada, em cada camada.

Inicia-se ou se reinicia o movimento espiralar de entrega-encontro. Linha e agulha seguem tecendo. Não são as mesmas.

Como resposos, o tempo vai e volta em espirais e nos reinaugura em suas cinesias. Em seus voltejos, somos. Tempo ntangu, tempo sol, tempo no vento riscado, no corpo experimentado. Tempo que se refaz em outros tempos, como o tempo de disseminar e o



tempo de recolher. Tempo também é tanga, escrever e dançar. Escrever é assim inscrever no corpo que dança, vozeria, canta e tamborila, o tempo constituinte de espirais (Martins, 2022, p. 203).

Durante a realização das *Narrativas de uma memória em chamusca* a imagem que se apresentou foi circular, porque as histórias das 11 mulheres envolvidas não apenas se atravessavam, mas se repetiam de alguma maneira, apesar da especificidade de cada uma. Além desse reverberar entre elas, também espelhavam minhas histórias, as das minhas avós, minha mãe, minhas amigas, minhas tias, minhas primas e tantas outras. À medida em que a criação seguiu sua rede e me encontrei nos *Contornos do tempo*, esse círculo foi se transformando em espiral, porque se revelou a continuidade e a maleabilidade das narrativas. Essa é, portanto, uma imagem que acompanha a criação.

A linha atravessa a agulha com calma, atenção e delicadeza. Assim é a escuta. Um estado de alerta, presença, carinho, afeto, a-t-r-a-v-e-s-s-a-m-e-n-t-o. Linha e agulha mantêm contato em uma dança que é esse tecer-bordar-registrar-marcas. Traça, cria, transforma. Na construção, formam um par, para, em seguida, trilhar caminhos outros, mas nem agulha nem linha seguem ilesas. Outro estado se estabelece e o bordado segue como registro do encontro, como processo da história.

CARTA PARA VOCÊ

(#2)

Hoje é uma terça-feira, faltam três dias para o meu aniversário. São 22h48 do dia 20 de setembro de 2022. Ainda estamos sob a regência do sol em virgem.

Hoje foi a primeira vez que vi seus cabelos completamente embranquecidos. Curtinho, tão bonito. No entanto, me dói, porque sei que muito da sua vaidade sempre se mostrou nos cabelos pintados (bem pretos), assim como nas unhas, nas bijouterias - muitas -, nas roupas e nos perfumes. Hoje você estava linda com uma blusa florida, um colar com uma flor e brincos brilhantes.

Você completa hoje 87 anos. Sempre foi uma das minhas pessoas preferidas no mundo. O meu grande amor. Sua alegria e o amor por festa e carnaval sempre encontrou morada em mim. Foram

15 filhos (três falecidos). Não sei quantos netos nem quantos bisnetos. A verdade é que não sei detalhes da sua vida, mesmo que você tenha ajudado a me criar, já que passei incontáveis dias e noites na sua casa. Cresci ali. Durante as férias, o lugar ficava tão cheio que a sala era tomada por colchões nos quais primos e primas dormiam aos montes.

Soube do Alzheimer depois de decidir realizar esse trabalho... Nada é por acaso, não é!? Soube depois, também por não ser uma pessoa tão participativa e por ter estado tão pouco presente fisicamente nos anos que se passaram (e ainda estou).

Hoje te entreguei o primeiro livro que publiquei, "Narrativas de uma memória em chamuscas". Me atravessou tanto... É que você me inspirou muito para mergulhar e realizar esse projeto todo do "Narrativas..." Estou muito feliz de ter falado sobre isso com você hoje.

Hoje lembrei que, durante alguns anos, eu sempre recebia uma mensagem fonada. Lembra? Havia um serviço telefônico por meio do qual você podia mandar uma mensagem de felicitações ou algum outro tema e, durante alguns anos, eu recebia essas

ligações todo dia 23 de setembro, no meu aniversário. Era você quem me mandava.

Você sempre disse que eu sabia exatamente quais presentes te dar e você sempre acertou os presentes para mim. Gostos diferentes, mas sabemos nos ver.

Hoje você me disse:

- Você é minha filha. Você tem mãe, mas você é minha filha.

- Eu também acho, vovó. E dizem que avó é mãe duas vezes.

Você é a minha preferida. E eu sei que sou a sua (eu e Diego). E somos as mais lindas porque é como eu sempre digo: puxei a você.

P.S. Foi com a senhora que eu comecei a amar ímãs de geladeira. A primeira coisa que eu comprei quando decidi morar só foram ímãs de geladeira (!) e eu ainda nem tinha a casa! Bom, eu tenho meu jeito de fazer as coisas mesmo.





Amor,

Li.

Olinda, 20.09.22, 23h07

1 ELAS - A LINHA QUE NOS PERPASSA

“Então, eu gostaria de dizer uma frase que pra mim é fundamental, é... *sapere audi*, em latim, significa “ousar saber”. Então, eu sempre ousar saber, eu sou aquela menina que aos 3 anos de idade descobriu a escola, e a leitura e o livro, né, pelo lado mais afetivo” (Relato de Fátima, cedido em 27.06.22)

“É amadurecimento, né? É, primeiro é uma graça, né? Poder viver com consciência, poder fazer aquilo que você gosta, que você quer, poder ter equilíbrio, né? Então é uma dádiva o envelhecimento. E o acúmulo também de experiências, de vivências, de tanto que a gente aprende cotidianamente. Hoje eu aprendo com... antigamente eu aprendia com os mais velhos, hoje eu aprendo com os mais novos, né?” (Relato cedido por Vera, no dia 27.06.22)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Fátima. Imagem do filme Ensaio da memória.



Vera. Imagem do filme Ensaio da memória.

O plano era simples: falar agora sobre documentário e documentar, mas nem sempre o rumo das coisas segue a nossa vontade; muitas vezes, não. O plano era simples: permanecer sendo a pessoa que segue os impulsos de criação nesse ímpeto de experienciar e encontrar, megalomaníaca (dizem, não vejo dessa forma) e *workaholic*, sem problemas com prazos (amo) e realizações, porque sempre foi assim, mas nem sempre as coisas seguem a nossa vontade; muitas vezes, não. Nem sempre nós seguimos nossos caminhos usuais; muitas vezes, não. Mudamos. Nesse caso, para além de qualquer vontade e previsão, a pandemia¹⁶.

Não vou conseguir elaborar aqui todos os impactos no nível microscópico da minha vida e meu entorno, talvez eu nem queira, não aqui, mas posso dizer que, assim como para todes, nada está sendo da mesma forma, e ainda estou buscando retomar linha e agulha para seguir. O que nos traz até aqui, a este momento, este exato *momento-memória* que fala do que sinto agora e te encontra em outro tempo, esse *registro-documento-obra-desabafo-processo*. Hoje, não sigo o idealizado para a linha e o bordado. Hoje, prefiro conduzir o nosso encontro por meio das mulheres, suas narrativas, os impactos causados em mim, as pontas de criação que se abrem e as possibilidades.

16. Referente à COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, família de vírus que causa infecções respiratórias - www.covid.saude.gov.br - Acesso em 20.10.22

Enquanto falamos sobre isso, escuto *The Smiths*¹⁷. Faz sol por aqui, embora costume ouvir essa banda em dias de chuva. Minha abordagem documental é de afeto e cuidado. Inicialmente, o tema se apresenta. Aqui, deu-se de maneira fluida, instalou-se, revelou-se, mas é importante reforçar: o trabalho anterior, o já citado *Narrativas de uma memória em chamas*, com seu movimento circular e o tema liberdade e aprisionamento no cotidiano das mulheres, foi se transformando, até ganhar um movimento espiralar que aborda tempo e memória a partir do encontro com a perspectiva de mulheres acima dos 60 anos. A linha divisória não é rígida, é contínua. “A criação artística é marcada por sua **dinamicidade** que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade” (Salles, 2006, p. 19, grifo da autora).

Ao abordar as redes de criação, Cecília Almeida Salles fala sobre a criação artística como esse ambiente fluido e dinâmico que se propaga de diferentes maneiras, que está aberta ao estímulo criativo não apenas em gabinetes e/ou salas de ensaio, por exemplo, mas em todo e qualquer campo da vida, uma vez que estamos em ação nas diferentes esferas nas quais atuamos, inclusive, durante o ócio ou o lazer. Reforça, ainda, que a criação é essa rede que se expande e se desdobra, sem rigidez, continuamente, e que, ao adotar “o paradigma da rede [,] estamos pensando o ambiente das interações, dos laços, da interconectividade, dos nexos e das relações” (Salles, 2006, p. 19). É justamente em diálogo com este pensamento que me coloco aqui.

17. Banda inglesa de rock, formada em 1982.

Nasce, então, o desejo, a necessidade que, dessa vez, versa sobre tempo e memória, a partir do encontro com narrativas de mulheres dessa faixa etária. A verdade é que poderia partir de outra temática, mas, como compartilhado anteriormente, esta foi a linha levantada, que veio a ser tecida neste momento e que certamente me levará a um novo ponto em seguida. Levantou-se a partir da rede contínua e continuada que vem sendo desenvolvida durante a minha trajetória artística e pessoal. Não consigo distingui-las. Desse desejo multifacetado que se apoia no íntimo, no individual, no social, no compartilhado. “A opção pelo documental traz em seu interior uma série de questões presentes em discussões que extrapolam a esfera do pensar e do fazer artísticos e permitem, portanto, suscitar reflexões sociais e educacionais” (Soler, 2015, p. 18). Evoco as palavras de Soler porque acredito que a escolha pelo campo documental para desenvolver esse processo nos coloca diante da possibilidade de transitar por essas facetas, interligando pessoal, social, educacional.

Já falamos sobre esses impulsos e desejos, mas ficamos ainda com a seguinte questão: por quê esse marco temporal especificamente? De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), idosa é toda pessoa com mais de 60 anos, nos países em desenvolvimento, e com mais de 65, nos países desenvolvidos. Em abril de 2019, a OMS publicou um relatório anual com as estatísticas globais¹⁸ que registra uma diferença de 18,1 anos na expectativa de vida entre pessoas de

18. <https://www.paho.org/annual-report-of-the-director-2019/pt/>
Acessado em 12.10.22.

nações desenvolvidas (expectativa de 80,8 anos) e pessoas de países em desenvolvimento (62,7 anos). Além disso, 80%, em média, das mortes em países desenvolvidos acontece entre pessoas com mais de 70 anos, o que não se repete nos países em desenvolvimento. Nestes, um terço das mortes se dá muito antes da chamada terceira idade, acontece entre crianças com menos de cinco anos. Essa mesma faixa etária (menor de cinco anos) registra, nos países desenvolvidos, uma morte a cada 14 pessoas.

O entendimento que apresenta o marco de 60 anos para indicar pessoas idosas em países em desenvolvimento, como o Brasil, também consta na “Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842, de 1994), e no Estatuto do Idoso (lei 10.741), de 2003¹⁹. A primeira tem como objetivo assegurar os direitos sociais do idoso. (...) A segunda vem regular todos esses direitos”²⁰.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, já em 2018, essa faixa etária da população brasileira ultrapassava a marca de 30 milhões de pessoas, sendo as mulheres a maioria expressiva do grupo, totalizando 56% das pessoas idosas. Além disso, indicava-se que a perspectiva é que esse número siga crescendo durante as próximas décadas não apenas no Brasil, mas

19. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm Acessado em 12.10.22.

20. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa> Acessado em 21/09/2022.

também no mundo²¹. No entanto, é importante ressaltar que a pandemia e a crise sanitária que ela desencadeou reduziu a expectativa de vida no Brasil em 4,4 anos, de acordo com um levantamento divulgado em fevereiro de 2022, pela especialista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Ana Amélia Camarano²². Apesar disso, ela ainda aponta que, no decorrer dos anos, haverá uma queda na taxa de natalidade da população, que vai seguir em uma crescente de envelhecimento.

O Brasil é o sexto país do mundo no que se refere a quantidade de pessoas com mais de 60 anos e o envelhecimento da população é a principal característica demográfica do planeta²³. Ainda que observemos essas estatísticas expressivas, é comum que essa parcela da população seja vista como descartável no Ocidente, especialmente por estar no limite do que se considera uma pessoa economicamente produtiva, em uma sociedade capitalista. Dessa maneira, presenciamos, com frequência, o apagamento direcionado às pessoas idosas por meio do abandono e do recorrente olhar que insiste em dar a vida desse grupo como acabada, ainda que esse comportamento seja um retrocesso que descarta conhecimento, experiência e vivência.

21. <http://agenciadenoticias.ibg.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980>

22. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-reduz-expectativa-de-vida-no-brasil-em-44-anos-diz-especialista/> Acessado em 24.10.22.

23. <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa> Acessado em 24.10.22.

Contudo, como vimos, o número tende a seguir crescendo e esse número atende por muitos nomes, localidades, sonhos, desejos, tristezas, dores e histórias. Esses nomes integram o tecido social e trazem consigo perspectivas únicas, constantemente em construção, como todes. Falo, portanto, do impulso que me move no que se refere à minha relação com a velhice, sobre a necessidade de encontrar essas mulheres, mas também sobre uma questão urgente no âmbito social mundial.

Aqui é importante destacar um ponto do Estatuto da Pessoa Idosa:

Todas as pessoas devem proteger a dignidade da pessoa idosa. Por essa razão, a legislação garante que nenhuma pessoa idosa pode sofrer qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, sendo que qualquer descumprimento aos direitos da pessoa idosa será punido na forma da lei.²⁴

Apesar desses direitos, muitas vezes, a prática se distancia deles. Seja de maneira radical, por meio de maus tratos, por exemplo, seja pelo etarismo, preconceito referente à idade, que pode ser direcionado a jovens ou velhos, seja no campo do sutil, quando não há, por exemplo, representatividade dessa parcela da população, que só cresce.

24. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm
Acessado em 12.10.22.



Mas, de volta ao Estatuto da Pessoa Idosa:

Casos de violação aos direitos desse segmento social devem ser denunciados ao Disque 100, ou Disque Direitos Humanos, vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O serviço funciona diariamente, 24h, inclusive nos finais de semana e feriados.

As denúncias são anônimas e podem ser feitas de todo o Brasil por meio de discagem direta e gratuita para o número 100, pelo whatsapp: (61) 99656-5008, ou pelo aplicativo Direitos Humanos Brasil, no qual o cidadão com deficiência encontra recursos de acessibilidade para denunciar.²⁵

Abre-se um outro porquê para a presente pesquisa: por que mulheres? “Obviamente, não se assume aqui a determinação biológica como fundamento da feminilidade ou, em outras palavras, sabe-se que não basta ser mulher para que se produza um questionamento da hegemonia cultural masculina; é preciso ‘devir-mulher’” (Rago, 2013, p. 299). O recorte se dá por diferentes motivações: porque a questão se apresentou como desdobramento do mergulho anterior que também se debruça sobre esse gênero; por causa das mulheres

25. [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/estatuto-do-idoso-](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/estatuto-do-idoso-assegura-direitos-de-pessoas-com-60-anos-ou-mais)

[assegura-direitos-de-pessoas-com-60-anos-ou-mais](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/estatuto-do-idoso-assegura-direitos-de-pessoas-com-60-anos-ou-mais) Acessado em 24.10.22.

da minha vida que estão nessa faixa etária, como a minha mãe e a minha avó paterna; porque eu sou uma mulher e, para que possamos ocupar e narrar as nossas histórias, “Escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade” (Rago, 2013, p. 56). Sim, esse trabalho é uma maneira de marcar a nossa temporalidade, afirmando as nossas diferenças e narrativas, ampliando e decantando essas experiências. Para além de um registro, estamos transformando, extrapolando, *elaborando a partir de*. No entanto, essas não são as únicas motivações envolvidas. Existe ainda um fator primordial: as mulheres são maioria nessa etapa da vida. “Meu maior sonho é poder envelhecer com dignidade, com saúde. (...) Hoje, a partir da evolução, das descobertas, das pesquisas e tudo o mais, nós já temos uma longevidade maior, mas a maioria não envelhece com dignidade, passando fome, morando em condições... (...) Então eu peço a Deus saúde e dignidade no envelhecimento. E assim, né, poder continuar meu caminho, minha trajetória, até onde for possível e até onde me for permitido. É isso (Relato de Vera, cedido em 27.06.22).

Ainda de acordo com o citado relatório anual, publicado pela OMS em 2019, a diferença da expectativa de vida é, em média, de 4,4 anos a mais para as mulheres em relação aos homens. A maior longevidade entre mulheres se apresenta de maneira global e se deve a inúmeros fatores, que vão desde aspectos biológicos até questões sociais. O mesmo relatório aponta o fato de o maior consumo de álcool e tabaco acontecer entre homens (cinco vezes mais), sendo estes também a parcela que menos se consulta com médicos. Além disso, a mortalidade em acidentes de trânsito é duas vezes maior entre ho-

mens (que ainda são maioria nos trabalhos desse setor) do que entre mulheres. A taxa de suicídio é 75% menor entre mulheres e a de homicídio segue esse indicativo, sendo também maior entre homens. No entanto, o Alzheimer atinge mais mulheres, justamente por causa da longevidade destas (OMS, 2019)

Em entrevista ao comunicador Marcelo Tas, no programa *Provoca*²⁶, escutado no formato de podcast²⁷, o especialista em envelhecimento Alexandre da Silva²⁸ apresenta um ponto interessante quando diz que a feminização no envelhecer não está ligada a aspectos biológicos, mas que se deve, principalmente, à perda do papel social do homem, por meio do qual, na estrutura rígida social de hoje, quando ele deixa de ser o provedor ou passa a não ganhar o que gostaria/mereceria, sente-se menos, rebaixado, impotente e, conseqüentemente, vai acumulando problemas de comportamento e saúde. Ainda assim, a fala do especialista dialoga com os pontos levantados pelo relatório da OMS.

À medida em que traço esses registros nas páginas aqui compartilhadas, lembro do documentário brasileiro *Espero que esta te encontre e que estejas bem*, dirigido por Natara Ney, lançado em 2020. Quase 10 anos antes do seu lançamento, em 2011, encontram-se mais de

26. Programa Provoca <https://cultura.uol.com.br/programas/provoca/> Acessado em 27.04.24.

27. <https://spotify.link/xNO2z5J08Ib> Acessado em 27.04.24.

28. Secretário Nacional dos Direitos Humanos da Pessoa Idosa - MDHC, especialista em envelhecimento, pesquisador e PhD em Saúde pública.

100 cartas numa feira de antiguidades. Todas escritas por uma mesma remetente de Campo Grande (MS), para o seu noivo, que estava no Rio de Janeiro. As correspondências percorrem dois anos da vida do casal, de 1952 a 1953. O filme traça uma investigação em busca das pessoas por trás das letras registradas nos papéis em “Uma história sobre amor, tempo e memória”²⁹. Para percorrer as distâncias geográficas-temporais em busca de remetente e destinatário, a artista fala com muitas pessoas, em diferentes localidades e, nessa trajetória, perpassa por diferentes temporalidades. Em uma dessas conversas, falando com uma senhora, pergunta-se sobre a memória e sobre o Alzheimer. Lembro da resposta: “desse senhor eu tenho medo”. Resgato o assunto por meio da arte, mais especificamente por meio do filme citado, para exemplificar a estatística apontada logo ali acima, repito: o Alzheimer atinge mais mulheres, justamente por causa da longevidade destas. “Esse senhor” vai se instalando enquanto tira tudo do lugar. O mesmo “senhor” que vem estreitando os laços com a minha avó Diva. A gente ainda vai falar mais sobre ela.

Aqui, esse senhor não vai receber protagonismo, mas, como estamos observando a relação entre os gêneros e o envelhecimento, e como partilhei a visita deste a minha avó, acho importante pontuar, antes de seguir adiante, que o Alzheimer, apesar de ainda não ter uma causa específica determinada para o seu aparecimento, é uma

29. <https://embaubafilmes.com.br/distribuicao/espero-que-esta-te-encontre-e-que-estejas-bem/> Acessado em 12.10.22.

doença que “provoca deterioração das funções cerebrais, como perda de memória e da linguagem³⁰”. A deterioração é progressiva, e como se soma à perda da habilidade de cuidar de si mesmo, e também a perda da razão, esta é uma doença que atinge todos que estão no entorno do paciente.

Como arte e vida são a mesma linha que aqui traçamos, ao acompanhar outro trabalho desenvolvido no Recife (PE), me deparei com mais duas questões no que se refere ao envelhecimento das mulheres: cuidado/responsabilidades e liberdade. Como disse anteriormente, minha formação como atriz se deu no SESC Santo Amaro (PE). Também lá se desenvolve uma pesquisa teatral de extrema relevância para a cena local, por meio do coletivo de teatro Bárbara Idade, composto por pessoas da terceira idade, que já montou diversos espetáculos mergulhando em vieses como literatura, poesia e biodrama³¹. Com sua semente lançada em 2005, ainda como um curso oferecido para a essa faixa etária, o Bárbara Idade seguiu pesquisa até se firmar como um coletivo, que teve o artista e arte-educador Rodrigo

30. <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/doenca-de-alzheimer/>
Acessado em 12.10.22.

31. Experiência teatral desenvolvida na Argentina, no início dos anos 2000, pela artista Vivi Tellas, que trabalha biografias na cena, investigando esteticamente relações entre vida e teatro.

Cunha³² à frente das realizações do referido grupo, durante o período de 2005 a 2020. Tive o prazer de acompanhar parte dos estudos como platéia cativa de alguns dos espetáculos realizados pela turma. Para conhecer melhor o trabalho, há ainda uma possibilidade literária, por meio do livro Coletivo de teatro Bárbara Idade - engendramentos feministas na cena da mulher senescente³³, de Cunha (2020). Nele, o autor aborda o envelhecimento ou senescência, como ele prefere se referir, processos artísticos, caminhos de criação, a história do grupo e as personalidades que o compõem, que, vale ressaltar, são majorita-

32. Arte/Educador, Encenador, Ator. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN (2019), graduado em Educação Artística/Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (2004). Integrante do grupo de pesquisa Motim – mito, rito e cartografias feministas nas artes (UERJ/CNPq). Entre 2005 e 2021 atuou como Professor de Teatro do Sesc Pernambuco, desenvolvendo um trabalho sistematizado com o Coletivo de Teatro Bárbara Idade, tornando-se foco de sua pesquisa o ensino de teatro a senescentes e práticas feministas na cena. Foi professor substituto em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (2016/2017 e 2020), trabalhando com Fundamentos do Ensino de Artes. Atualmente é professor do Instituto Federal da Paraíba/ IFPB.

33. O livro *Coletivo de Teatro Bárbara Idade: engendramentos feministas na cena da mulher senescente* se debruça sobre os processos artísticos e pedagógicos desenvolvidos com um grupo de teatro composto por pessoas idosas que desenvolveram um trabalho contínuo, ao longo de 15 anos, no Sesc Santo Amaro/Pernambuco. A escrita do mesmo se deu em um momento em que o autor buscou, no Mestrado em Artes Cênicas, amadurecer um processo criativo que partia de poemas sobre mulheres e histórias de vida das integrantes do Coletivo. Neste mergulho, o grupo se encontra com teorias e práticas feministas, com a valorização da subjetividade das intérpretes, num processo pedagógico/artístico horizontalizado, na criação da cena. Refletindo a trajetória do grupo e percebendo novas formas de condução de trabalhos teatrais com pessoas idosas, o livro aborda processos de Ensino do Teatro, Teatro Contemporâneo, Envelhecimento e Questões de Gênero, Teorias Feministas e Práticas Feministas na Criação Teatral.

riamente mulheres, cujas vidas traçaram outros rumos a partir desse encontro bárbaro: “Foi quando eu apresentei a minha primeira peça, é... quando eu me apresentei lá em Petrolina que eu fiz 70 anos no dia que eu fui me apresentar em Petrolina. Eu fiz 70 anos no palco, quando eu saí do palco, tô toda arrepiada, quando eu saí do palco, tava uma mesa linda posta pra mim, uma torta, todo mundo batendo palma, então isso pra mim marcou... que eu nunca tinha festejado meu aniversário, foi a primeira vez” (Relato de Amara Rita, cedido em 13.06.22).

Destaco este trabalho pela importância e força ao se mostrar como pesquisa continuada na cidade, também porque três das nove mulheres com as quais conversei para o processo partilhado aqui integram o coletivo (vamos tecer esses pontos mais adiante), e porque as reflexões do autor pontuam aspectos de muita relevância, por meio das vivências das suas *Bárbaras*, como ele se refere às integrantes do grupo. Ao se debruçar sobre suas trajetórias, ele aponta como na terceira idade as mulheres ainda têm que, majoritariamente, encabeçar famílias, tomando conta doméstica e/ou financeiramente das mesmas. No entanto, também é na velhice que se instaura uma liberdade nova: muitas vezes podem ser e experimentar quem são, o que gostam e tantas outras novidades. O próprio processo do coletivo acaba por destacar essas descobertas, que transbordam da cena para a vida e vice-versa. Se a maior porcentagem da terceira idade é composta por mulheres, instaura-se também uma espécie de solidão que nem sempre é negativa, uma vez que é nessa nova configuração que podem, enfim, assumir as rédeas das próprias vidas.

À medida em que vamos construindo nossa costura, chamo a atenção para o fato de que vou utilizar diferentes termos para desig-

nar a mesma parcela da população composta pelas pessoas com mais de 60 anos. Posso me referir, como o próprio Cunha aponta nas suas páginas, à senescência. Posso ainda falar sobre a terceira idade. Posso usar os termos idosa, idoso, idose. E posso também falar sobre velha, velho e velhice. Aqui só não será empregado o termo *melhor idade* por entender que toda idade é a melhor idade. “A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (Kilomba, 2019, p. 14). Apropriemo-nos, então, da língua e tomemos posse dos termos, abandonando conotações negativas impregnadas por uma sociedade pautada no consumo. Subvertamos a ordem de poder opressor, que coloca o velho no âmbito do negativo. É com isso em mente que proponho esse exercício de utilizar as diferentes designações, para que possamos nos *re-apropriar* das palavras sem medo, sem pudor. Isso a partir da defesa de *velho* empregada por Eliane Brum, que propõe o abandono do eufemismo e o abraço das coisas em sua totalidade. Mas, diferentemente dela, proponho que acolhamos toda essa gama de expressões apontadas, a fim de olhá-las sob uma nova perspectiva.

As palavras escolhidas – e mais ainda as que escapam – dizem muito, como Freud já nos alertou há mais de um século. Se testemunharmos uma epidemia de cirurgias plásticas na tentativa da juventude para sempre (até a morte), é óbvio esperar que a língua seja atingida pela mesma ânsia. (...) Desde que a juventude virou não mais uma fase da vida, mas uma vida inteira, temos convivido com essas tentativas de

tungar a velhice também no idioma. A velhice é o que é. É o que é para cada um, mas é o que é para todos, também. Ser velho é estar perto da morte. E essa é uma experiência dura, duríssima até, mas também profunda. Negá-la é não só inútil como uma escolha que nos rouba alguma coisa de vital. (...) Há uma bela expressão que precisamos resgatar, cujo autor não consegui localizar: “A morte não é o contrário da vida. A morte é o contrário do nascimento. A vida não tem contrários”. A vida, portanto, inclui a morte. Por que falo da morte aqui nesse texto? Porque a mesma lógica que nos roubou a morte sequestrou a velhice. A velhice nos lembra da proximidade do fim, portanto acharam por bem eliminá-la. Numa sociedade em que a juventude é não uma fase da vida, mas um valor, envelhecer é perder valor. Os eufemismos são a expressão dessa desvalorização na linguagem. (...) Envelhecer o espírito é engrandecê-lo. Alargá-lo com experiências. (Brum, 2013, p. 279, 280, 282)

1.1 ELAS

Chegamos, então, às nove mulheres³⁴. “A memória para mim é uma coisa muito importante, que a gente deve *memoriar* uma coisa boa, não uma coisa ruim, entendeu? Para eu *memoriar* uma coisa que, um pas-

34. É importante ressaltar que as nove mulheres que cederam seus relatos estavam cientes do teor do projeto, das obras que seriam criadas a partir desses encontros e quais eram as minhas propostas. Inclusive, cada uma delas assinou um termo de autorização para que o material pudesse ser utilizado em cada obra.

sado que vai passar na minha vida, uma coisa que vai passar amanhã ou depois, eu prefiro não *memoriar*... Memoriar assim de ser feliz, de chegar num lugar bem bonito, bem florido, entendeu? Chegar numa praia e ver aquele mar bem lindo, aquele sol maravilhoso, sabe... Que eu gosto disso... *comé*... Chegar num clube e ver todo mundo dançando, pinotando animado, eu acho bonito (Relato cedido por Maria José, no dia 13.06.22).

Decidi conversar com nove mulheres da terceira idade e de realidades sócio econômica e culturais diferentes, a partir do tema tempo e memória, na perspectiva da mulher acima de 60 anos. Todas na Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco. As únicas obrigatoriedades eram que todas fossem mulheres e que tivessem a idade estipulada, embora tenha havido uma exceção, sobre a qual falarei mais adiante. Também preciso destacar, aqui, para você, que, ao falar delas, com elas e sobre elas, ao alinhar essas narrativas, também falo muito sobre mim, em uma “*heteroautobiografia*, ou seja, de uma escrita de si que se dá através da reinscrição das vidas de outras mulheres” (Rago, 2013, p. 17).

A quantidade estipulada foi uma demanda metodológica, mas também prática de produção. Estabeleço perfis diferentes que possam determinar vivências distintas entre elas, passando por aspectos como branca, negra, cis, transsexual, artista, pesquisadora, casada, solteira, com filhos, sem filhos, etc. A ideia é que diferentes perfis façam parte desse traçado que conta com essas nove vozes. Não quer dizer que cada uma apresenta uma característica que se destaca. Uma mulher pode perpassar mais de um perfil idealizado. Também não quer dizer que tais perfis vão determinar as nossas conversas.



Toda e qualquer pessoa já tem uma perspectiva única no mundo, mas traçando esses perfis podia criar uma gama mais abrangente dentro do que um espectro de nove pessoas pode proporcionar passando por vivências do cotidiano das mulheres. Naturalmente, nove pessoas não cobrem a totalidade da diversidade possível, mas me ajudam a compor um retrato mais amplo, com tonalidades muito particulares e compõem o quadro específico a partir do qual a pesquisa se estruturou. (Assunção, 2022, p. 38-39)³⁵

Além disso, sendo o trabalho realizado de maneira independente, sem apoio financeiro, eu precisava estabelecer uma margem que previsse algum imprevisto, cancelamento e/ou impossibilidade de gravação de alguma delas, para que, em um desses casos, ainda fosse possível realizar os trabalhos. Também por isso o número nove. Apesar da *margem de erro*, todos os encontros aconteceram e todas integram a pesquisa e as obras. É importante apontar que, inicialmente, se pensou em dez mulheres, mas, infelizmente, fechamos em nove. A décima pessoa seria uma mulher indígena, no entanto, o deslocamento até a aldeia não foi possível dessa vez, justamente por se tratar de uma realização independente.

35. A metodologia em questão começou a ser traçada na pesquisa anterior, *Narrativas de uma memória em chamuscas*. O trecho em itálico corresponde a uma mudança para a presente pesquisa. Anteriormente trabalhei com 11 mulheres, mas, dessa vez, nove mulheres cederam seus relatos para essa criação.

Cheguei a elas de diferentes maneiras. Anunciei nas minhas redes sociais que estava desenvolvendo a pesquisa e também passei a procurar indicações com pessoas relativamente próximas. Inicialmente, considerei conversar com mulheres de um mesmo ambiente, como uma casa de repouso, por exemplo, mas entendi que buscá-las em diferentes moradias e ciclos sociais ajudaria nesse universo construído com uma maior variedade de perspectivas e vivências. À medida que as sugestões de pessoas foram chegando até mim, avaliei os perfis, as histórias prévias que recebia de cada uma e fui determinando, dentro da ideia apresentada acima, com quais mulheres iria conversar. O segundo passo era telefonar para cada uma, falando sobre o trabalho, explicando do que se tratava e propondo o encontro. Havendo interesse, marcávamos a gravação e, apenas lá, apresentava as questões. Também falarei melhor sobre essa estrutura e sobre os dispositivos utilizados mais adiante.

As gravações foram divididas em quatro dias: 13, 27, 28 e 30 de junho de 2022. Para quem acredita em coincidências, a primeira delas aconteceu, mesmo saindo dos trilhos do cronograma e do planejamento inicial, no mesmo período da primeira gravação realizada nas *Narrativas de uma memória em chamadas*, que aconteceu nos dias 11 e 12 de junho de 2018. Quatro anos separam esses encontros e muito mudou. Não apenas no que se refere a essa que tece aqui pensamentos, impressões e sensações, mas também todo o resto, mundo, criações, pesquisas e metodologia. É instigante desdobrar esses processos (re)descobrendo possibilidades.

A fim de conhecer mais dos seus universos e intimidades, nossos encontros se davam no lar de cada uma. A cada gravação, visi-

távamos a casa de duas delas, com exceção do primeiro dia, no qual encontramos três mulheres, apesar de visitar apenas duas casas. Isso porque duas das nove mulheres são irmãs. Mas vamos por partes. Logo logo vamos falar e conhecer melhor cada uma delas.

1.2 OS DIAS E AS MULHERES

No dia 13, encontramos Adélia, Maria José e Amara Rita. As três integram o citado coletivo teatral *Bárbara idade*, e as duas últimas são irmãs;

No dia 27, estivemos com Fátima e Vera;

No dia 28, visitamos Zélia e Kátia. Zélia é minha mãe;

No dia 30, encontramos Raquel e Teté.

1.3 AS MULHERES

1.3.1 ADÉLIA

“Então, essa Adélia que vos fala é uma mulher que tem orgulho da mulher que é: negra, exigente, calma, mas também pode se tornar brava algumas vezes, dependendo da situação, mas que respeita e exige ser respeitada” (Relato cedido por Adélia, em 13.06.22)



Natali e Adélia, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Mi'saw.

A aquariana Adélia Raul, nascida no dia nove de fevereiro, dia do frevo, estava com 71 anos quando nos recebeu na manhã ensolarada do dia 13 de junho de 2022. Apresenta-se a partir do orgulho que tem de ser quem é, da sua fluidez, força e respeito. A voz de uma mulher negra que valoriza a família e busca viver em equilíbrio, amor, independência e liberdade. “Adélia é alma, é coração, é amor. Não quero ódio no meu coração, é amor. (...) Adélia é uma leoa (...) que aprendeu a ser leoa depois que se tornou mãe. Então, como todo animal defende a sua cria, né, eu construí fortaleza, porque era uma pessoa tímida (...) foi quando eu fui mãe, aos trinta e três anos, eu me tornei

uma... não mudando a personalidade, mas reconhecendo que eu tinha valor e poderes de decidir e definir a minha vida.(...) A timidez continua, mas procuro ultrapassar os meus medos com enfrentamento, com coragem.(...) Depois que eu me tornei mãe, eu sei, tenho certeza, convicção, que eu passei a ser outra mulher. (...) Hoje eu sei definir as coisas que eu quero. Sem me preocupar de lá na frente não deu certo, mas tentei.(...) Vale a pena tentar. Não importa se não vai dar certo. Melhor tentar do que ficar na dúvida “se eu fizesse?”. Então dúvida a gente tem que cortar de letra” (Relato cedido por Adélia, em 13.06.22).

Integrante do citado grupo de teatro Bárbara Idade³⁶, abriu as portas da sua casa para nos receber. Vem de uma família numerosa e tem muita admiração pelo pai e pela mãe. Coloca também a maternidade como um divisor de águas porque foi depois dessa experiência que mudou profundamente. Ama a vida e os familiares, gosta de manter a sua independência, é doce, forte e se apresenta dosando essa força e a sensibilidade. Pergunto qual foi a coisa mais bonita que ela viu nas últimas vinte e quatro horas e ela me diz que viu uma lua belíssima. “(...) Tava linda! Eu acredito que foi lua cheia. Eu saindo da casa da minha irmã... naquela hora que você ligou, Natali. E quando eu saí do portão, “puxa, que vida, que lua linda!” Tá entendendo? E fora a lua, ver os meus filhos, ver a minha família (*emocionada*) não tem coisa melhor na minha vida. Me encanta. Família pra mim é tudo. (...) Eu venho de uma família numerosa, de onze irmãos. Atualmente somos oito. Então, eu vim

36. Citado na página 35.

de um lar onde os meus pais eles deixaram exemplos e davam exemplos de união. A lembrança da família numerosa, todos em volta da mesa, todos se respeitavam, não tinha balbúrdia, o alimento dava pra todos.” (Relato cedido por Adélia, em 13.06.22)

Todas as marcações das gravações foram feitas por mim e, já ao telefone, algumas colocações de Adélia me capturaram, como, por exemplo, o que me disse sobre não ter celular e sobre gostar de “olho no olho”. Ela me disse ainda: “Sou muito andarilha”, “gosto de liberdade”.

O que as câmeras não mostram é o primeiro olhar, a recepção, o abraço inicial... o cuidado que cada uma dessas mulheres dedicou à equipe... Adélia passou café na hora, indicou para o esposo, com quem mora, que ficasse bem quietinho, para não fazer barulho durante a gravação. Ele mesmo ficou como suporte para qualquer eventualidade, muito prestativo e atencioso. Depois da gravação, ainda tinha um lanchinho especialmente preparado para o grupo, com direito a um sorvete de abacaxi. Fruta que, curiosamente, apareceu novamente no mesmo dia.

Ao longo desse processo em que uma pessoa é transformada em personagem, inevitavelmente dados vão sendo perdidos. A ausência na tela do aperto sincero de mão quando chegamos sonega a informação de que o personagem foi gentil, e assim também a água oferecida, ou o café que foi buscar na cozinha. Todo diretor, quando mostra seu filme na televisão de casa, tem necessidade de falar: “Logo depois desse corte ele disse que...”; “Isso foi logo depois que chegamos”; “Nessa hora passou um avião e tivemos que

interromper”; “Aqui ele começou a perceber que precisávamos terminar”; “Ela nos recebeu assim mesmo, arrumada, pintou-se...”. (Salles, 2005, p. 8)

Ainda que essas conversas se transmutem em fotografia, palavra escrita, espetáculo e filme, ainda assim, há nuances e momentos que só habitam as entrelinhas, o encontro, a experiência, que, reafirmando o indicado por Larrosa, é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca” (Larrosa, 2014, p. 18). Então, muito do vivenciado nos encontros não está diretamente na foto, no filme ou no espetáculo. Há aspectos que ficam conosco e, sim, sempre que partilho pontos dessas criações, tenho a necessidade de complementar com algum desses detalhes.

A casa de Adélia é simples e cheia de vida. Tanto a área da entrada quanto o terraço são tomados por plantas. Nem tudo é captado pela câmera ou pelo gravador, mas atravessa alma, olhar, ouvido e pele. Transforma.



Natali e Adélia, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22. Foto: Mi'saw.

Nosso primeiro dia foi todo das Bárbaras, porque, além de Adélia, encontramos, na sequência, mais duas integrantes do grupo, as irmãs Amara Rita e Maria José, esta que me falou sobre a importância do teatro para ela. Olha aí mais um ponto de encontro! Por mais que seja clichê, foi a minha entrada no teatro que mudou completamente o curso da minha vida. “(...) eu acho que é por isso que eu passo esse tempo todo no teatro, e hoje eu sou a pessoa que eu sou hoje que eu quando eu entrei aqui no teatro, eu num era... eu pra mim eu era uma pessoa, num sei nem quem eu era, sabe? Não sabia falar, não sabia conversar, mas quando eu entrei no teatro... pra mim foi tudo na minha vida foi aquele teatro.” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22)



Maria José, Natali e Amara Rita, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Mi'saw.



Da esquerda para a direita: Natali e Adélia; Maria José, Natali, Amara Rita e Mi'saw, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22. Foto: Morgana Narjara.

1.3.2 MARIA JOSÉ

“Meu tempo pra mim é tudo na minha vida, hoje eu tenho tempo pra tudo, entendeu? Até pra amar se aparecesse eu ainda tinha tempo pra amar... Fosse uma pessoa do meu jeito, meu tempo ainda tinha... Meu tempo dá pra tudo, dá pra trabalhar, dá pra passear, dá pra dar... meu tempo se eu... o que eu penso do meu tempo é ter uma creche cheia de criança, ser uma voluntária... O meu tempo dá pra isso” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22)

“(E qual é a primeira lembrança que a senhora tem na vida todinha, assim, a primeira memória que a senhora lembra? O primeiro acontecimento que a senhora lembra?) Foi quando eu morava na casa da minha tia, eu morava na minha tia e mana morava na outra, aí quando foi, quando mana tia trouxe a notícia que ela ia ser freira, aí pra gente aquilo ali foi um, um, um... um negócio que, como é, que eu não tinha no pensamento, aquilo jamais eu pensava que ia acontecer, e no dia que ela foi veio se despedir de mim e do meu irmão, né, assim meia-noite, uma hora da madrugada, que meu pai foi levar ela pra Vitória pra ser freira, aí uma coisa muito ruim (incompreensível) aí nós três tivemos que se separar, aí isso ficou na minha memória (emocionada)” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22)



Da esquerda para a direita: Maria José; Morgana Narjara, Natali e Fernanda Mi'saw durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Bárbara Souza.

Fomos recebidas na casa de Amara Rita, onde conversamos com ela e sua irmã, Maria José. O local é um pequeno condomínio, cujo corredor nos leva a diferentes casas, sendo a primeira delas a que visitamos.

Um ano mais nova do que a irmã Amara Rita, Maria José nos encontrou aos 80 anos. Dona de um sorriso contagiante e de uma leveza envolvente, Maria José enfrentou inúmeras dificuldades durante a vida e sabe muito bem quem ela é. “Olhe, meu nome é Maria José da Silva Sales. Eu sou uma pessoa que eu gosto... muitas coisas eu gosto... Eu

sou uma pessoa que não guardo raiva, não guardo rancor (...) Para mim todas as pessoas são iguais, eu não tenho discriminação comigo, eu não critico, se a pessoa é branca, se a pessoa é preta, se a pessoa é... Se a mulher tem o lado dela diferente, se o homem tem o lado dele diferente, entendeu? Se a mulher é casada, se a mulher.. Se a mulher for da vida errada, eu não critico, apenas o que eu digo é isso, cada um siga seu livre-arbítrio... Cada um viva sua vida do jeito que a pessoa queira viver e o que gosta... Eu sou, sou assim, a gente, nós, não devia existir preconceito, devia ser a pessoa livre, fazer da sua vida o que você quiser. Não pra criticar nem de A nem de B, o que eu gosto é isso também, sabe? Aí eu gosto de ajudar as pessoas, por exemplo, se você tiver aperreada, vem aqui e fala “eu queria que (*gagueja*) me desse um conselho, ‘aquela palavra’, se, se eu tiver como dar uma palavra pra lhe ajudar, eu lhe dou (*gagueja*), agora pra você chegar pior do que foi eu prefiro não dar, mas sempre eu procuro ajudar, tendeu?” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

Ela começa tímida, mas desabrocha, é toda sorriso e simpatia. Sua mãe faleceu quando elas ainda eram crianças. Não casou com o seu grande amor por causa da pressão paterna. Acabou enveredando por um outro casamento, melhor visto aos olhos do pai. Hoje é viúva. Durante a juventude, enfrentou inúmeros abusos, e passou anos afastada da irmã, que viveu em um convento, mas na vida adulta ambas se reencontraram e partilham a vida.



Maria José e Natali durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Fernanda Mi'saw.

Sou uma romântica. Então, naturalmente fiquei extremamente emocionada com o amor narrado por Maria José, que não se privou de falar dessa beleza interrompida. “Quando eu tinha meus dezessete anos comecei a namorar com um rapaz, eu gostava muito, muito dele, aí meu pai (...) “mas você não vai casar com esse rapaz, esse rapaz não vai dar certo”. Ele ainda me chamou pra fugir eu não tive coragem, agora sabe porque eu não tive coragem? Porque eu já não tinha mãe, eu já vivia nas casas dos outros, já vinha sofrendo, aí eu pensava se eu fugisse com ele, aí quando voltasse pra, como meu pai falou “se você fugir com esse rapaz e você voltar pra casa com bucho na boca, eu não lhe aceito você (*incompreensível*)” (...) Aí eu pensei assim “meu deus, eu já sofro que nem eu tô

sofrendo na casa das minhas tia, e se acontecer isso meu pai, como é que eu vou fazer?” Aí eu acabei com o rapaz, aí terminou ele... apareceu um, aí me casei mais pra fazer mais o gosto do meu pai... Agora se eu tivesse o pensamento que eu tinha hoje não tinha, eu tinha enfrentado meu pai”. (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

Não pude não me ver entrelaçada nessa história de amor que, para ela, de alguma maneira, seguiu ecoando, porque ela ainda disse que aquele “Foi meu primeiro amor (...) se eu tivesse (...) feito isso eu não tinha me arrependido não... que esse rapaz ele casou, ficou viúvo... aí casou, ficou viúvo, aí depois com um tempo foi que eu vim saber que ele tinha falecido, já no ano passado. (...) Depois que ele, ele morava no Cabo, eu (gaguejando) ainda devia ter procurado saber onde é que ele... pra pelo menos pra ver, pra rever, sabe? A amizade da gente, tudo (*incompreensível*) foi muito, muito antiga né, aí sempre eu fico pensando nisso na minha cabeça”. Fica a memória e o se. Quis saber, então, o que ela diria a Amaro, seu primeiro amor, se ele não tivesse morrido e ela o encontrasse agora, ao que ela respondeu: “Eu acho que se, mesmo depois que eu fiquei viúva, se eu tivesse me encontrado com ele, sabe, aí, eu acho que a gente ia se amar novamente, porque foi uma pessoa que eu nunca esqueci na minha vida, foi ele. Mas a gente... da vida né? (...)” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

Uma mulher absolutamente cativante, delicada e terna, que me levou às lágrimas, ao relembrar canções, partilhando a sua cantoria conosco. Importante ressaltar que nos encontramos no carnaval, porque uma verdadeira brincante sempre se ilumina ao encontrar outra. “Carnaval é muito bonito né, agora quem sabe brincar é a festa melhor que tem, né? Basta saber brincar carnaval, vale a pena a pessoa brincar carnaval” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22), ela me disse. Eu

respon-di que quem sabe brincar carnaval sabe viver. “Sabe viver, agora foi, é mermo, é, quem sabe brincar carnaval e você pra brincar carnaval mais sabe viver, aproveitar a vida bem aproveitada” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

Ela que nos disse que adora cantar acabou concordando em partilhar sua música conosco: “(*Cantando*) Tanta tristeza sinto eu na vida de te amar sem poder te ver, mas tanta lágrima que por ti derramo, só do teu nome eu não posso me esquecer, mas tanta lágrima que por ti derramo, só do teu nome eu não posso te esquecer”. Perguntei de quem era a música e ela me informou que “essa música é de meu teatro” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

E uma vez que a barreira da timidez havia sido rompida, ela ofereceu mais uma canção: “(*Cantando*) Eu saía de mar afora, era as onda do mar que me levava, tantos olhos, tantos olhos que eu te via, só os teu meu amor que me alegrava. Eu tenho a esperança, esta fé, esta fé eu tenho em Deus... é de gozar, é de gozar os teus carinhos e depois tu gozar carinho meu e depois tu gozar carinhos meu. Essa música me lembra muito esse namorado que eu tinha. (*risos*)” (Relato cedido por Maria José, em 13.06.22).

1.3.3 AMARA RITA

Meu maior sonho? É ser atriz perfeita. Ser uma atriz perfeita, fazer de tudo, na televisão, tirar a roupa se for preciso, fazer uma coisa assim bem... que agrade a todo mundo. (Relato cedido por Amara Rita, em 13.06.22)



Amara Rita, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Natali Assunção.

A leonina Amara Rita estava com 81 anos quando partilhou a sua alegria e abriu os cômodos da sua casa para esse encontro duplo. Assim como a irmã, sofreu muitos assédios na família, até seguir para o convento, onde ficou durante uma década. Saiu de lá quando passou a não se identificar com alguns aspectos da instituição. Uma mulher solar e forte. “Eu, Rita, pessoa, corpo presente... né? Fisionomia e tudo mais, sou isso aqui. Eu, Rita, pessoa interior, pessoa que pensa, pessoa que age. (...) Eu sou uma pessoa que gosto de falar, de conversar, estar de bem com a vida, gosto de viver, gosto das coisas simples (...) Gosto de cozinhar, adoro fazer as coisas pras pessoas, gosto de agradar as pessoas. Eu sou essa pessoa que, se eu pudesse, eu me daria de presente, porque adoro dar presente... Não gosto muito de receber, eu fico meio constrangida, assim, sem graça, quando eu recebo uma coisa, é, apesar de que dizem que o meu signo é um signo que gosta muito de elogio, gosta de se mostrar, gosta disso... eu não me acho muito assim, sabe? (...) É, gosto de... sempre gosto de estar sorrindo (...) gosto também de ouvir. (...) Então eu gosto assim de me doar pras pessoas, de fazer as coisas. Quando eu tinha meus doze anos eu gostava muito de velhos, eu ainda gosto de velhos” (Relato cedido por Amara Rita, em 13.06.22).

Ela gosta de ser chamada de Rita, porque no convento sofreu *bullying* por parte de uma das freiras, que dizia que o seu nome, Amara, vinha de amargo, de amargor. Para mim, o nome evoca um aspecto muito diferente: amor. Me parece que Amara vem de amar, dessa grandeza que ela carrega, apesar de todas as adversidades enfrentadas, desse brilho que transborda e ela partilha com quem passa pelo seu caminho. Sobre a ida ao convento, revelou: “Eu fui pro convento porque várias coisas me levaram a isso, né? É eu fui quando estava com 16

anos, nunca tive namorado, nunca tinha tido namorado, nunca tinha nada, mas eu era muito (...) perseguida, assediada (...) sexualmente, pra sexo, essas coisas, então eu fugia muito, mais isso era desde criança, desde a minha idade de 4 anos que eu fui assediada, praticamente *estrupada*, sabe? E isso me fez crescer muito, e eu nunca esqueço disso, são coisas... eu não tenho mágoa, não guardo mágoa, não guardo ódio, nada, vem a lembrança assim quando eu preciso falar, mas que eu fique remoendo isso, não (...) Então eu fugia muito... Eu me escondia debaixo das camas, eu me escondia, me trepava em pé de árvore, onde eu sabia que ninguém ia me procurar... e eu ficava lá, pé de jaca, então, eu tinha um pé de goiaba que eu chamava ele de meu amigo, então ele era feito um tripé, e aí eu conseguia uma tabuazinha, um pedaço de apoio, eu botei ali e ali eu me sentava, naquele pé de goiaba, e ali eu ficava até... sair a a pessoa, desaparecer, e eu voltar pra casa, né. Ficava perto de casa, me escondia muito, me escondia da minha mãe, pra ela não me ver chorar por causa da doença dela, sabe? E isso, é tudo isso, é.. me interiorizou, que quando eu fui crescendo pra, fiquei com meus 12 anos e já me tornei mocinha, aí a situação piorou... Ao ponto de ser apontado faca, né, me mostrar a faca assim, se não fizer eu mato e eu desarmar essa pessoa... Aí foi quando um dia eu pensei, né... aí eu fui pra, nesse tempo eu lembro mais não, os os franciscanos, Capuchinhos Franciscanos eles faziam muitas missões (...) aí o padre nesse dia falando de Santa Terezinha aí eu fiquei impressionada, Santa Terezinha foi pro convento, foi freira, aí eu fiquei – “O que é freira? O que é convento?” sabe... aí eu fiquei, né, ela foi com 15 anos, morreu com 27, a idade da minha mãe quando minha mãe morreu, minha mãe estava com 27 anos, moça mais jovem, meu [pai] ficou com 30 anos de viúvo, ele era mais velho do que ela 3 anos... Aí eu fui perguntar ao padre quando terminou a missa, eu saí por ali e fui



perguntar ao padre – “padre, o que é freira?” aí ele me explicou, -“ e o que é convento?”, “é o lugar onde ficam as freiras”... aí lá soltei – “eu acho que eu vou ser freira”, porque eu acho lá no convento não tem esse negócio de homem, dos home tá atrás, só que dizem que o padres faziam, mas no meu convento nunca houve isso não sabe, de tá padre atrás da gente não, nem ia nem homem, aí eu inventei e fui, é ... pedi pra ir pro convento e eu fui. Entrei e fiquei lá, gostei, me dei muito bem, graças a Deus, agradeço porque fui, agradeço muito a Deus porque fui e também agradeço porque saí, porque não deu, porque era uma coisa que eu pensava que fosse e num era, foi outra... eu ia pra ser f-, eu fui...” (Relato cedido por Amara Rita, em 13.06.22).

Amara Rita divide conosco suas lembranças e emoções, não apenas abrindo a porta da sua casa e da sua memória, mas também seu caderno de pensamento, no qual ela escreve suas reflexões e as compila com índice e marcação de tema: “Primeiro é o amor, segundo caridade, bondade, paz, bondade, felicidade (...) São histórias... Aí aqui o tempo... (*lendo*) ‘Tempo, a sucessão dos anos, dias, horas e etc, que envolve a noção do presente, passado e futuro’. Isso aqui é abertura do que eu escrevi, né. Ele é prê.. é, como empregamos o nosso tempo? Como é que eu emprego o meu tempo? Ele é preciso, ele é precioso. (...) temos que empregá-lo bem, para que tenhamos bom proveito de tudo aquilo que nos foi doado pela bondade de Deus. Devemos aproveitar todos os momentos de nossa vida para nos melhorar e trabalhar em nosso benefício e progresso de toda a humanidade. (*continua lendo*) Para tudo tem um tempo e ele ocupa todo o espaço da nossa vida. Vejamos o que diz o Livro do Eclesiástico, do capítulo 3. Um tempo para cada coisa. Para tudo há tempo. Para cada coisa há um momento debaixo dos céus. Há tempo para nascer – eu escrevi aí na minha

cartinha – tempo de man- para morrer, para plantar, para colher e por aí vai... tempo para, tempo para guardar, o tempo para atu... atirar fora aquilo que a gente guardou né, a gente guarda as coisas por um tempo, depois a gente atira fora... tempo para rasgar e tempo para cozer, para costurar né aquilo que a gente rasgou. Tempo para calar e tempo para falar, tempo para amar e tempo para odiar, tempo para guerra e tempo para paz.” Aqui, diante dessas verdades, devemos empregar bem o nosso tempo no trabalho salutar e compensador, procurando com alegria o bem-estar das nossas vidas, de nossas vidas, que comer e beber, gozar dos frutos do nosso trabalho é um dom de Deus. As horas de lazer devem ser gozadas de acordo com as nossas necessidades, com as nossas condições e nunca ultrapassar dos limites. O abuso do álcool e da comida encharcam o nosso organismo, causando, assim, desequilíbrio de ordem orgânica e moral. *(conclui a leitura)* Pronto, tá aqui” (Relato cedido por Amara Rita, em 13.06.22).

Às vezes o afeto é demonstrado pela abertura, carinho, acolhimento, sorriso e culinária. Aqui também recebemos tudo isso. No término da gravação, novamente um lanche nos foi preparado. O curioso é que o abacaxi voltou a aparecer, só que, dessa vez, em um bolo delicioso, preparado para esse momento.

Assim como quem brinca, no momento em que percebi a coincidência, apontei e disse: vamos ver o que significa e, em uma busca rápida, via *google*, vimos que a fruta representa hospitalidade e fertilidade.





Natali e Amara Rita, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 13.06.22.
Foto: Mi'saw.



Maria José, Natali e Amara Rita, durante a gravação de *Contornos do tempo*.
13.06.22. Foto: Mi'saw.

1.3.4 FÁTIMA

“Então, veja, livro, saber, sede de conhecimento, curiosidade, tudo isso está aqui no nosso entorno” (Relato cedido por Fátima, no dia 27.06.22)



Fátima. 27.06.22.
Foto: Natali Assunção.

Nosso segundo dia de gravação aconteceu em uma outra segunda-feira, 27.06.22. A socialista, marxista feminista, socióloga e professora Fátima nos recebeu quando com 72 anos de idade, sendo mais de 50 dedicados à docência. Abriu as portas do seu apartamento que

guarda um pouco dessas pecinhas que a compõem. Arte em todo canto possível do seu espaço- lar, memórias, livros, marcas, lutas, estudos...



Elementos da casa de Fátima. 27.06.22. Fotos: Natali Assunção.

Fátima partilha afetividades, relações familiares, sua busca pelas próprias raízes e sua atuação no campo profissional, que também diz muito das suas subjetividades. “Eu sou uma mulher, né? É... com 72 anos e caminhando pra 73 anos de idade e muito consciente do momento histórico que a gente vive e dos anteriores, porque eu sou memorialista, a minha profissão escolhida... Eu sou socióloga e assistente social (...) Eu sou de humanas (*sorri*). Eu encontro a minha identidade no meu trabalho, né? É, como assistente social e socióloga; e juntando as duas coisas, como professora. (...) E aí, eu gosto muito de etimologia, a origem das palavras. Então a palavra professor, professora vem do verbo ensinar. Então quem ensina é profeta, não no sentido religioso, mas profetizar significa anunciar o novo, o que está por vir. E aí, eu sou muito bem resolvida com a minha posição de estar no mundo, né, anunciando o novo, professora que sou. (...) Como mulher, sou feminista, sou da geração *baby boomer*, aquela que nasceu no pós segunda-guerra mundial, né... e nasci em 1949 (...) Eu sou feminista de primeira hora, desde pequenininha, e aí sempre fui curiosa, né, sempre fui perguntadeira, não me conformo com qualquer resposta, gosto de ir a fundo (...) Sou de João Pessoa, sou nordestina e tenho muito orgulho em ser uma grande aprendiz de Carlinhos Marx, cujo nome correto é Karl Marx (...) e trabalho a partir da perspectiva que ele tão sabiamente criou. Eu sou uma pessoa questionadora, sou socialista e, por ser socialista, eu defendo direitos, o direito à vida, à liberdade e à dignidade.(...) E sou, também, do ponto de vista mais afetivo, porque isso também é afetivo, a profissão é profundamente afetiva, mas tem um cantinho lá que é mais especial, né, eu sou mãe e vovó”. (Relato cedido por Fátima, no dia 27.06.22)

Esta gravação, assim como as demais, foi realizada e finalizada em um determinado espaço de tempo. Contudo, a experiência é contínua e continuada, porque:

O pensamento em criação manifesta-se, em muitos momentos, por meios bastante semelhantes a esse que aqui vivemos. Uma conversa com um amigo, uma leitura, um objeto encontrado ou até mesmo um novo olhar para a obra em construção pode gerar essa mesma reação: várias novas possibilidades que podem ser levadas adiante ou não. As interações são muitas vezes responsáveis por essa proliferação de novos caminhos: provocam uma espécie de pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações, que geram uma rede de possibilidades de desenvolvimento da obra. Essas possibilidades levam a seleções e ao consequente estabelecimento de critérios. (Salles, 2006, p. 26)

Assim como Cecília Almeida Salles apresenta uma construção artística em rede, com dinamicidade, flexibilidade, permeabilidade, vida pulsante e contínua, aqui também estabelecemos essa fluidez. Não apenas no que se refere à consciência da criação como um processo contínuo e dinâmico, portanto, passível de alterações, mas também por entender que essa criação está em relação com tudo e todos. Ou seja, não se restringe apenas a um encontro acadêmico em uma sala de aula ou ao momento capturado após o 'ação!', mas a um atravessamento em um transporte coletivo, por exemplo. É um organismo vivo, em diálogo. Trago essa reflexão ao encontro de Fátima

porque muito da sua fala veio embebida justamente desse conceito e, assim como em todos os encontros, o que se seguiu (e se antecedeu) à ação de gravar também integra o processo. Além disso, o conceito de Salles dialoga fortemente com os meus processos criativos. Após a gravação, Fátima nos serviu um almoço afetivo, para o qual a filha dela, Alice, chegou para nos acompanhar. Brindamos o brinde judaico proposto pela própria Fátima: “L’chaim”, que significa “à vida, para a vida”. Assim foi todo o nosso encontro, uma celebração.



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Fátima, sua filha Alice, Mi'saw, Natali, Morgana Narjara e Bárbara Souza. 27.06.22.

1.3.5 VERA

“Eu gosto de encontrar pessoas, gosto de discutir a vida com elas, gosto de partilhar não só trabalho, mas também alegria, também desejos, né? Também nossas dores coletivas e individuais também. Eu gosto de estar com as pessoas” (Relato cedido por Vera, em 27.06.22)



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Mi'saw, Natali e Vera. 27.06.22.

Vera Barone estava com 77 anos, ao abrir as portas do seu apartamento e partilhar lembranças, afetos, sentimentos e pensamentos. Ela, um grande nome do movimento negro, se apresentou para nós:

Nascida no Rio de Janeiro em 16 de maio de 1945, a advogada e militante Vera Baroni se tornou um nome de peso para a comunidade e o ativismo negro no Brasil. Mais velha de quatro filhos (...) Em maio de 1968, Vera Baroni pisou pela primeira vez no Nordeste, na cidade do Recife, em Pernambuco. Ela veio para cá durante a ditadura militar com uma ideia do lugar formada pelos alunos que alfabetizou durante o período que trabalhou no colégio Sion. Um deles em especial, Sebastião, comentava sobre a cultura popular do estado.³⁷

Uma força da natureza que me fez sentir instantaneamente à vontade na sua presença. Mas, preciso confessar que a nossa atenção foi dividida, porque seu gato, Odi, fez muito sucesso com toda a equipe. Ambos abriram espaço para uma tarde de partilha.

37. UMA MULHER NEGRA EM MOVIMENTO: Conheça a história de Vera Baroni. Disponível em: <<https://obirin.com.br/uma-mulher-negra-em-movimento-conheca-a-historia-de-vera-baroni/>> Acesso em 10.06.2022.



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Odi. 27.06.22.

Muito generosamente, ela nos convidou à escuta sobre comunidade, pertencimento e continuidade, à medida em que, falando de si, também falava desses três pilares. “Vera é uma mulher negra que tem consciência desse pertencimento racial porque ele traz pra mim uma continuidade, né, eu sou continuidade daquelas, sobretudo, e daqueles que vieram antes de mim, negros como eu, e que fizeram uma travessia transatlântica, que foram, seus corpos e suas mentes foram transformadas em mercadoria, e por quase 400 anos, né, viveram nessa condição nesse país. Então, eu sou fruto disso, tenho consciência de onde eu vim. Eu tenho uma mãe baiana, de Cachoeira, quer dizer, o berço da nossa ancestralidade es-

piritual, tenho um pai mineiro que vem de pessoas indígenas, então esse encontro do negro com o índio é que fez com que Vera estivesse aqui. Eu tenho consciência do tempo, eu quero transformar esse país, eu quero que as mulheres sejam respeitadas, da mesma maneira que os índios ou outros sujeitos políticos que hoje estão invisibilizados. E, ao mesmo tempo, eu sou uma mulher de 77 anos que já viveu muitas coisas, que hoje tá mais devagar, sem estar, vamos dizer, imobilizada, aposentada. No que pese o meu período ativo de trabalho que eu fiz durante 35 anos, já passou. Eu hoje faço o que quero, o que gosto, na hora que quero, e eu quero continuar ativa enquanto me for possível, enquanto Olorum permitir, pra que eu possa cumprir meu caminho” (Relato cedido por Vera, em 27.06.22).

Simpática e disponível, Vera começou mais reservada, no seu apartamento repleto de histórias nas paredes e prateleiras: objetos, fotografias, quadros... À medida em que a conversa foi sendo tecida, camadas foram sendo compartilhadas, “Do ponto de vista do que eu vivi, do que eu conquistei, eu tive muitas oportunidades na vida e eu fiz várias escolhas e eu não me arrependo de nenhuma delas. Eu fiz escolhas em que eu poderia hoje ter uma outra situação, mas não me arrependo daquilo que eu escolhi pra mim, pra minha vida, para as minhas relações com as pessoas. Então eu tô feliz com as escolhas que eu fiz na vida, né?” (Relato cedido por Vera, em 27.06.22).





Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Vera. 27.06.22.



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Natali e Vera. 27.06.22.

1.3.6 ZÉLIA

“Poesia eu acho que é o sentimento da alma.” (Relato cedido por Zélia, em 28.06.22)



Zélia, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 28.06.22. Foto: Mi'saw.



No terceiro dia, 28.06.22, uma terça-feira de manhã, quem nos recebeu foi Zélia, não apenas uma das nove mulheres que bordam esse trabalho comigo, mas também minha mãe. Esse encontro foi um pouco diferente, por causa dos laços envolvidos. Ela abriu casa e coração, no alto dos seus 68 anos e, mesmo na timidez inicial, falou de si, “Olha, realmente eu não sei me definir (...) talvez uma pessoa tolerante até um ponto, que dou importância a algumas coisas até certo ponto ou em outro momento não dou importância nenhuma. Principalmente, assim, do que pensam ou deixam de pensar de mim, eu realmente não me importo. Eu me defino assim, (...) gosto de ler Sidney Sheldon³⁸. (risos) Cinema, gosto de sair com a minha filha, para nossos passeios. Gosto disso, basicamente é isso.” (Relato cedido por Zélia, em 28.06.22)

O encontro se deu no apartamento em que ela morava na época, localizado em Boa Viagem (Recife, PE). Mesmo local no qual moramos juntas por mais de 15 anos. Foi interessante visitar um espaço tão familiar com um olhar diferente. Várias linhas foram puxadas, marcas e memórias tecidas e, no processo, ela e a equipe se emocionaram inúmeras vezes. Foi um encontro pautado no sorriso e nas lágrimas que partilhamos em grupo.

E, uma vez mais, terminamos a gravação com um lanche oferecido pela que nos recebeu: doces, salgados, café, suco. Outra dimensão da partilha.

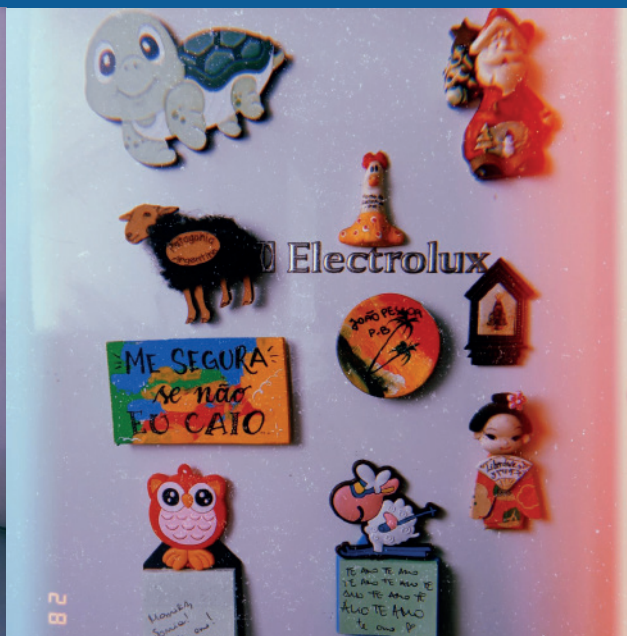
38. Escritor norte-americano (1917 - 2007), que vendeu mais de 300 milhões de livros, em 180 países, com tradução para 50 idiomas, além de 250 roteiros para televisão e seis peças para a Broadway.



Zélia e Natali, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 28.06.22. Foto: Mi'saw.



Zélia e Natali, durante a gravação de *Contornos do tempo*, 28.06.22. Foto: Mi'saw.



Detalhes. Casa de Zélia. 28.06.22. Foto: Natali Assunção.

1.3.7 KÁTIA

“Sou uma pessoa inquieta, libertária, sem muitas amarras, sem me prender aos nós, criando meus próprios caminhos, tanto que, quando não havia uma mulher fazendo cinema em Pernambuco, eu comecei a fazer. (...) eu era um ser humano, um indivíduo, uma indivídua, querendo registrar” (Relato cedido por Kátia, em 28.06.22).



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Kátia Mesel. 28.06.22.

Ainda no terceiro dia, seguimos para o apartamento de Kátia, que nos recebeu à tarde. 74 anos, cineasta. Sobre ela:

Dona de uma criatividade incansável e de um espírito livre e contagiante, Kátia Mesel é um dos grandes nomes do audiovisual pernambucano. Com 50 anos de carreira, e mais de 300 filmes produzidos, foi a primeira realizadora do audiovisual pernambucano que se tem registro, além de ser a primeira mulher a ter participado de um festival de cinema no Brasil, em 1973.³⁹

Sorridente, solar e repleta de cores, ela os recebeu no seu espaço-lar que, assim como ela e seu trabalho se colocam, também se apresenta como um espaço-memória. Não apenas por guardar lembranças de uma vida, mas também por ser o lugar no qual mantém boa parte do acervo da sua obra. Do alto do edifício, o apartamento apresenta uma vista privilegiada do Recife e, no seu interior amplo e ventilado, guarda espaço para muitas plantas e inúmeras obras artísticas. Ela nos falou sobre essa relação: “Me coloco também como guardiã da memória, porque, como documentarista, eu tenho uma memória cultural de Pernambuco por décadas, né? E, ao mesmo tempo, o tempo ameaça essa memória. Por quê? Porque as plataformas mudam,

39. KÁTIA MESEL E O CINEMA PERNAMBUCANO: “É o cinema mais heterogêneo do Brasil”. Disponível em: <<https://www.spiarevista.com/post/especial-m%C3%AAs-da-mulher-k%C3%AAtia-mesel-e-o-cinema-pernambucano-%C3%A9-o-cinema-mais-heterog%C3%AAno-do-brasil>> Acesso em 13.11.22.

os temas mudam, as pessoas deixam de dar atenção ao que já foi feito e, de repente, quando você vai ver, as fitas mofaram, o super 8 derreteu, o cupim comeu, a goteira caiu, os negativos se diluíram e eu me deparei muito tempo com isso. (...) A solução atual que eu arrumei foi o seguinte: vou fazer um canal⁴⁰, botar o que eu puder, porque a nuvem, para ser destruída, precisa de um raio gama, né? Ou os anjos arautos do apocalipse. *(riso)* (...) Eu tenho que continuar fazendo porque o meu olhar hoje é um olhar muito mais adestrado, é um olhar muito mais, é, empático com as coisas, não é? Do que tanto tempo atrás. E aí fica essa essa coisa embolado, né? De impossibilidades, mas disso eu não posso ficar refém” (Relato cedido por Kátia, em 28.06.22).

Foi com muito humor e elegância que ela partilhou muito das suas histórias, as vividas e as registradas. “Nunca me casei, tenho três filhos homens, nunca quis me casar, nunca disse a ninguém que o bom era isso, “não queridinha, não case não”, entendeu? Nunca catequizar ninguém pra os meus pensamentos, sabe? (...) eu acho que só adianta uma relação quando existe amor, entendimento, admiração, acabou isso, não é o juiz que vai determinar, ao meu ver, né? *(sorri)* mas isso não é receita. Todos os meus irmãos casaram, meus filhos, os dois mais velhos, também casaram, tudo certinho, tudo direitinho. O terceiro é solteiro ainda.” (Relato cedido por Kátia, em 28.06.22)

40. Canal Kátia Mesel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/KatiaMesell/videos>> Acesso em 13.11.22.



Registros da gravação de *Contornos do tempo*. Kátia Mesel. 28.06.22.

1.3.8 RAQUEL

“O que eu guardo dentro de mim de memória são coisas frustrantes e coisas glamourosas. Frustrante, porque eu, quando trabalhava em recreação infantil, eu criei trauma em certas ocasiões, e até hoje, ao dormir, eu sonho com essas essas cenas que passou por mim, é... de coisas não agradáveis que ficou tão marcante em mim que hoje em dia eu já acabei com as atividades infantis e sonho. Quer dizer que foi traumatizante. E o glamour foi eu ter ido para o palco, fazer a noite, fazer os teatros, espetáculos de comédia. Então isso foi a parte glamourosa. Viajei muito, fiz muito sucesso viajando, em casas de shows, teatro e tudo. Então eu divido isso: a parte glamourosa que ficou marcado, e a parte traumatizante que ficou de coisas desagradáveis, quando eu trabalhava com recreação e eventos infantis” (Relato cedido por Raquel, em 30.06.22)



Natali e Raquel, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 30.06.22.

Falei antes sobre como as únicas obrigações para traçar as personagens desse projeto eram que deveriam ser todas mulheres acima de 60 anos. Lembra? Também falei sobre como se deu apenas uma exceção. Pois bem, chegamos a ela: Raquel. Ela foi a única mulher que ainda não tinha completado a idade estipulada. Ao nos receber, estava com 59 anos.

No entanto, ao chegar até o seu nome, não pude deixá-la fora dessa construção. Mulher, artista, transsexual, chegou a integrar o *Vivencial Diversiones*⁴¹, foi a primeira mulher trans pernambucana a participar do programa de Silvio Santos⁴², na década de 80⁴³. Ora, sendo eu uma comunicadora, mais especificamente, uma radialista⁴⁴, com a história entrelaçada também pela televisão, veículo com o qual

41. Grupo teatral, nascido em Olinda (PE), em 1974, em uma paróquia católica. Apesar do local de nascença, a trupe sempre apresentou uma veia transgressora e contra-hegemônica, voltando o olhar para assuntos marginalizados, como homossexualidade e política. Em 1979, surgiu o Café Teatro *Vivencial Diversiones*, que fez muito sucesso com suas criações artísticas. O grupo seguiu até 1983, quando fechou as portas, por causa de conflitos internos e por falta de investimento. O filme *Tatuagem* (Hilton Lacerda, 2003) é baseado no grupo.

42. Apresentador de TV e empresário brasileiro, nascido em 1930. Dono do Grupo Silvio Santos, conglomerado de empresas que incluiu nos seus domínios o Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT.

43. RARIDADE: Simpson no Show de Calouros | Final dos Anos 80. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqPq_VgBDQA> Acesso em 13.11.22.

44. Graduada em Comunicação Social - Radialismo e TV pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

trabalho há anos, e por um outro integrante do grupo Vivencial⁴⁵, não dava para resistir a esse encontro⁴⁶. Sobre si, ela nos falou, “Desde pequena eu tive esse lado de nascer com a personalidade, o corpo masculino, mas não me aceitava, certo? Não me aceitava e sempre gostei do lado masculino da coisa, do homem, né? Então, o que eu fiz? Eu pedi licença a minha família e disse: olha eu não vou mais morar com vocês e vou me identificar para o lado feminino. Isso eu tinha meus 15 a 16 anos. Saí de casa. Tive que sair de casa porque naquela época o preconceito era maior ainda, então fui tomando hormônio, foi deixando o cabelo crescer, entendeu? Foi onde surgiu a primeira oportunidade de Guilherme Coelho, um diretor que eu conheci, me colocar no Vivencial Diversiones. Aí já começou a minha vida artística desabrochar, aí fui fazendo esquetes, textos, daí surgiu o convite para viajar. Eu fui juntando o dinheiro para prótese, para plástica, foi melhorando o lado feminino. Até hoje eu sobrevivo e vivo da arte” (Relato cedido por Raquel, em 30.06.22).

45. Na minha trajetória como comunicadora e artista, tive o prazer de encontrar Henrique Celibi, que, aos 14 anos, em 1979, fez sua estreia no teatro justamente com o Vivencial. Ao perder a mãe, foi acolhido pelo grupo. Nossos caminhos se cruzaram muitas décadas depois disso, na TV Jornal (afiliada do SBT no Recife), quando ele participava eventualmente de um dos programas da casa, o Papeiro da Cinderela, no qual marquei presença em diferentes momentos, em funções como estagiária, produtora, editora de texto e também diretora. Quando comecei a fazer teatro e Celibi tomou conhecimento dessa minha outra faceta, sempre incentivava e ficava animado. Quando o presenciava no palco, ele sempre destacava minha presença na plateia. Faleceu em 11.05.17, em um acidente doméstico.

46. Para conhecer mais sobre a história de Raquel Simpson, há um documentário disponível: Garota, bem garota (2018, Marlom Meirelles). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yXofxE9DaPk>> Acesso em 13.11.22.



Raquel e Natali, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 30.06.22. Foto: Mi'saw.



Equipe durante a gravação de *Contornos do tempo*: Morgana, Raquel, Mi'saw, Natali e Bárbara. 30.06.22.

Quando perguntei sobre qual era a sua primeira memória, a sua primeira lembrança, da vida toda, também ela falou sobre o palco: “Quando eu subi no palco pela primeira vez, né? Aí isso não saiu nunca da minha mente. A experiência, o nervosismo, a insegurança, foi aquela primeira vez que me deram uma chance de ir para o palco, aquilo ali jamais esqueci. (...) Eu tinha que ter um esquete e depois, logo em seguida, tem que fazer um número musical, então juntou os dois. Como eu nunca tinha subido no palco, estava insegura, então isso marcou. (...) A música foi Gloria Gaynor⁴⁷, *I Am what I am*⁴⁸. (...) Foi a minha primeira música que foi sucesso. Viajei muito com essa música, porque eu faço vários personagens. Eu faço Shirley Bessey⁴⁹, eu faço Vanusa⁵⁰, sonho de um palhaço⁵¹, mudanças, entendeu? Eu faço Gloria Gaynor, Lisa. Eu faço também Julian Anderson. Então são vários personagens, eu não fico só num personagem só, entendeu? E ainda faço esquetes de humor” (Relato cedido por Raquel, em 30.06.22).

47. Cantora estadunidense conhecida por sucessos como, por exemplo, *I will survive*, música lançada no álbum *Love tracks*, em 1978.

48. Lançada em 1984.

49. Cantora nascida no País de Gales em 1937.

50. Cantora brasileira (1947 - 2020), que faleceu aos 73 anos.

51. Canção de Antônio Marcos, gravada por Vanusa, em 1968.



Raquel, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 30.06.22. Foto: Mi'saw.

1.3.9 TETÉ

“Ah, poesia é algo bom, é algo que constrói, é algo que alimenta, que deixa você leve, pra mim é assim” (Relato de Teté, cedido em 30.06.22)



Natali e Teté, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 30.06.22.
Foto: Morgana Narjara.

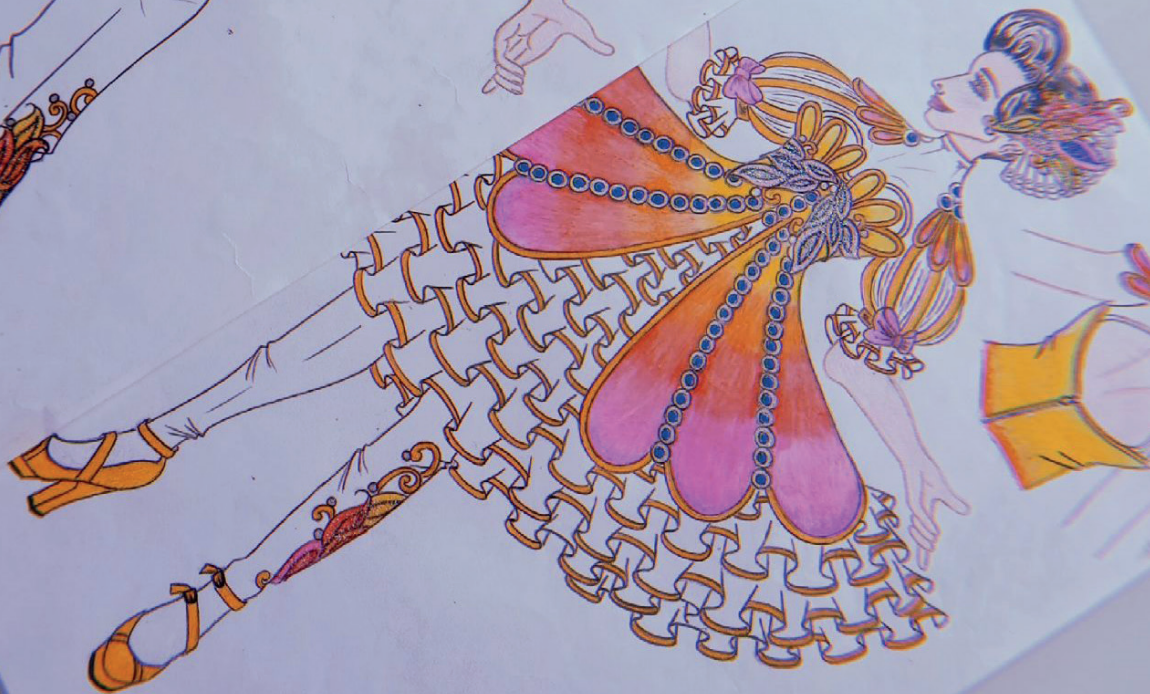
Adeilda ou Teté foi nosso último encontro, nessa fase da criação. Costureira aposentada, continua costurando, mas agora em menor escala. Apaixonada pela costura, começou cedo, dando os primeiros passos nessa direção quando ainda era criança. Integra a quadrilha *Junina Tradição*, do Morro da Conceição⁵². Casada, mãe de dois filhos, mora com a mãe de 93 anos, que apresenta Alzheimer⁵³.



Detalhes. Casa de Teté. 30.06.22. Fotos: Natali Assunção.

52. Quadrilha junina com cerca de duas décadas de atuação. Nascida no Morro da Conceição, localizado em Casa Amarela, bairro da cidade do Recife (PE). Bicampeã brasileira, tricampeã Rede Globo NE, Bicampeã Regional Rede Globo NE e bicampeã Pernambucana: @qjuninatradicao .

53. Quando realizamos a gravação, Teté morava com a sua mãe, mas no momento em que se deu a exposição fotográfica Ensaio do efêmero, sobre a qual falaremos melhor mais adiante, em julho de 2023, sua mãe já havia deixado esse plano.



30.6.98

Já a ida à sua casa foi uma aventura, porque fomos nos perdendo na subida do morro, perguntando por Teté, entrando e saindo em algumas ruas, até chegar ao endereço correto. Lá, ela falou sobre si: “Teté, é, é da seguinte maneira: eu, Teté gosta muito de costurar. Começou a costurar com 14 anos. Não aprendi com ninguém, quer dizer, aprendi sim. Com meus avós, as minhas tias costuravam e eu gostava de ficar observando. Era uma mesa muito grande, imensa, uma tesoura muito grande e eu ficava prestando atenção naquilo. Um certo dia, minha tia, eu estava passando férias lá, que eu era muito pequena, me lembro vagamente, e realmente, quando ela saiu, não tinha ninguém mais na sala, então eu fui, peguei a tesoura com muito sacrifício, muito pesada, e saí cortando o que ela tava cortando. Era uma roupa de uma senhora e, quando ela chegou, que viu, botou a mão na cabeça que eu tinha cortado, tinha botado a perder o vestido da mulher. E minha mãe correu brigando comigo, mas ninguém deixou e ficou por isso mesmo. (riso) E eu cresci, eu acho que eu tinha uns cinco anos ou menos, eu me lembro muito vagamente dessa história, muito vagamente. Eu me lembro bem da mesa grande, que eu fui crescendo e a mesa permaneceu, e foi nisso que eu gostei de costurar e fui costurando. Costurava pras minhas bonecas. Minhas bonecas todinhas tinha roupinha, tinha sapatinho, tinha tudo. E eu costurei até 14 anos de boneca, as roupinha de boneca, aí de 14 anos em diante comecei a costurar. Foi assim, costurei a minha vida inteira até eu me aposentar, aí eu não costuro mais, costuro assim pra quadrilha, né? Que eu sou diretora da *Junina Tradição* e é isso” (Relato de Teté, cedido em 30.06.22).

Esse foi o fechamento desta etapa da criação. Um encontro de muita doçura. Também porque, apesar de esse ter sido o primeiro encontro que tive com ela, Teté me lembrou muito o jeito da minha mãe,

Zélia, com a qual conversamos antes durante as gravações. Foi muito interessante, para mim, perceber em outra das nove mulheres pequenos trejeitos que me levaram novamente à minha mãe; uma surpresa.



Natali e Teté, durante a gravação de *Contornos do tempo*. 30.06.22. Foto: Mi'saw.

Ao visitar cada uma dessas mulheres, entramos em contato com aspectos dos seus universos particulares, uma vez que somos convidadas a conhecer um pouco das suas vidas por meio dos cômodos da casa, animais de estimação, presença (ou não) dos demais moradores e moradoras, fotografias de cada espaço, quadros, da maneira como os móveis estão arrumados, cores, recepção, do acolhimento, gestos, olhares, sons que rodeiam cada lar (rua, carros, vizinhos...), dentre tantos outros detalhes. Tudo tece a narrativa e revela aspectos das suas subjetividades. “Falar da própria subjetividade, fazê-la emergir na escrita aponta, portanto, para uma dimensão política de luta pelo direito

de existir em sua singularidade. (Rago, 2013, p. 277). Proponho, portanto, uma pesquisa baseada nos indivíduos, nos sujeitos, a qual:

examina as experiências, auto-percepções e negociações de identidade descritas pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito. Tem-se o direito de ser um *sujeito* - político, social e individual (...) Esse método de focar no *sujeito* não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário (Kilomba, 2019, p. 81-82)

Além de traçar perfis, sondar, estabelecer os nomes e marcar as gravações, é necessário destacar mais alguns andamentos da metodologia. Para a realização deste trabalho e dessas trocas com cada uma delas, preciso, principalmente, de dois aspectos em evidência: escuta e olhar abertos. Sem julgamento e empaticamente colocados à disposição de cada uma, bem como de cada pessoa/surpresa que possa aparecer/acontecer durante o processo.

Apesar de o termo entrevista não se aplicar ao trabalho em questão, uma vez que proponho conversas: encontros que se propõem abertos, sem a presença de uma série de perguntas específicas e/ou a necessidade de cobrir expectativas prévias. Ou seja, não fechamos o campo de diálogo. Temos norteadores que margeiam o encontro, temas que são pontos de partida, dispositivos que nos auxiliam, mas cada mulher revela seu caminho, à medida em que vai compartilhando a sua narrativa. Adiante, falarei mais precisamente sobre esses tópicos. Apesar de me afastar do termo entrevista, recorro e dialogo com Grada Kilomba, que fala sobre “entrevistas *não diretivas*” (Kilo-

ma, 2019, p. 85). A definição da autora se aproxima do realizado aqui, já que também se baseia em *narrativas biográficas*.

A entrevista *não diretiva* à/ao entrevistadora/entrevistador incentiva as/os entrevistadas/os a falar sobre um determinado tópico com um mínimo de questionamento direto ou orientação. Nesse sentido, as/os entrevistadas/os têm a chance de falar livremente sobre suas experiências. (Kilomba, 2019, p. 86)

Abro aqui um espaço para falar diretamente sobre a minha vivência diária no mercado de trabalho. No jornalismo cotidiano atual - que muito se baseia em clicks - muitas vezes, não há espaço para maturação. Muitas reportagens se fazem exclusivamente por meio de ligações telefônicas e inúmeras publicações se dão a partir de *releases* de divulgação prontos e até mesmo por replicação de postagens. Também nessa corrida contra o tempo e caça aos números, está a entrevista, que perde espaço de troca calma e decantada, baseando-se em perguntas pré-fabricadas, com interesses prévios e, muitas vezes, superficiais. Não trato por depoimentos, para me distanciar do aspecto jurídico que a palavra pode evocar. E não aplico o termo entrevista, devido a essa vivência citada na comunicação, e porque indica uma troca mais precisa de perguntas e respostas, a qual não se aplica a esse contexto no qual busco um campo mais aberto, de incentivo, com uma estrutura maleável, que possibilite descobrir o caminho a ser seguido, a partir da própria partilha e do seu desenrolar.

O que me interessa nas construções documentais não são regis-

tros e/ou quadros estáticos de perspectivas sobre momentos capturados, mas sim o *encontro*, a *experiência* (à luz do que nos diz Larrosa, como vimos anteriormente), a transmutação que acontece - que *nos* acontece - a partir desse entrelaçar, e que rede (na já citada perspectiva de Cecília Almeida Sales) pode ser continuada a partir daí.

Mas nesse ponto é preciso fazer uma observação importante: nos últimos anos, o cinema documental vem tentando encontrar modos de narrar que revelem, desde o primeiro contato, a natureza dessa relação. São filmes sobre encontros. Nem todos são bons, mas os melhores tentam transformar a fórmula eu falo sobre ele para nós em eu e ele falamos de nós para vocês. Desse encontro, nasce, talvez, uma relação virtuosa entre episteme e ética. Filmes assim não pretendem falar do outro, mas do encontro com o outro. São filmes abertos, hesitantes no que diz respeito a conclusões categóricas sobre essências alheias. Não abrem mão de conhecer, apenas deixam de lado a ambição de conhecer tudo. (Salles, 2005, p. 13)

Tenho caminhado sem mapas absolutos, e, vale ressaltar: no processo criativo, opto por manter poros abertos para o acaso e a surpresa. No entanto, proponho elementos que nos margeiam - sobre os quais falarei mais adiante - para que o rio siga seu fluxo. Também por isso escolho narrativas biográficas partilhadas, encontros, e não entrevistas. Assim vamos entrelaçando olhares e tecendo histórias.

CARTA PARA VOCÊ (#3)

Oi!

Sabe Patti Smith? Ela é uma multi artista norte-americana, cantora, compositora, fotógrafa, escritora... cujo álbum de estreia, Horses, foi lançado em 1975. Eu só vim conhecê-la por causa da indicação de uma amiga, Rita. Ela disse que eu precisava ler Linha M, de Patti. Comprei o livro, mas demorei anos para lê-lo. Sobre essa leitura, tenho aqui um registro meu em uma rede social:

"2016⁵⁴ foi o ano de lançamento do livro "Linha M" (Patti Smith). Foi nesse mesmo ano que a querida @ritavenuss me indicou a leitura, dizendo que eu ia amar. Confio nas indicações de Rita. Resolvi ler.

Novamente, o encontro com as palavras se deu um pouco depois. Mais precisamente no ano passado (2020). Foi uma leitura pausada entre lá e cá. Não por não ser bom ou fluido, pelo contrário, apenas porque foi assim que se deu nosso encontro. Como quem divide cafés em momentos específicos.

54. Ano de lançamento no Brasil. Foi originalmente publicado em 2015.

2 O PONTO QUE NOS ENLAÇA

“Se olhares realmente o que está acontecendo, se olharem o outro, sem crítica, sem julgamento, com a maior abertura possível, então se progride.” (Mnouchkine em entrevista - Féral, p. 99)

“Tempo é uma coisa, assim, muito elástica, muito surpreendente e muito variável dentro de você mesmo, não é? Porque, às vezes, a gente tá tão ocupada e diz assim, “ah, mas eu não tenho tempo pra fazer isso porque eu tô muito ocupada” e, de repente, você nessa ocupação toda, você arruma pequenas brechas de tempo pra concluir aquilo” (Relato de Kátia, cedido em 28.06.22)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Fotógrafa: Ana Yoneda.



Kátia. Imagem do filme *Ensaio da memória*.

Um encontro no qual se estabelece um processo de escuta e troca prevê também cuidado. É assim que construo essas relações, com a consciência de que estou falando com seres humanos que estão abrindo histórias pessoais e, muitas vezes, íntimas, para que possamos criar a partir do que nos transforma depois desse atravessamento, e isso acontece de maneira mútua, porque, para que haja confiança, é necessário haver abertura e entrega de ambas as partes.

Para que esse traçado se forme, um dos elementos fundamentais para a metodologia proposta é a utilização de dispositivos. O dispositivo “se constitui assim como um mobilizador de uma atenção singular e especial (...) um desfuncionalizador do cotidiano, um disparador de possibilidades de desvios inventivos, um inventor na vida social, uma linha estendida ao outro” (Migliorin, 2020, p. 33). Ou seja,

possibilitam a abertura de campos e novas perspectivas. Aqui, os dispositivos atuam em diferentes níveis: a fim de aproximar as duas pontas da conversa, estimular o diálogo e o próprio encontro, bem como possibilitam diferentes meios de abordar e refletir sobre o tema (por meio da escrita, da fala, de objetos, de elementos surpresa...).

Diante do tema proposto - nesse caso: o tempo e a memória na perspectiva da mulher acima de 60 anos -, a metodologia consiste em elaborar uma série de dispositivos que vão estimular as questões apontadas. Para que isso se estabeleça, é necessário haver entrega mútua e confiança.

As interações são norteadas por tendências, rumos ou desejos vagos. O artista, impulsionado a vencer o desafio, sai em busca da satisfação de sua necessidade, seduzido pela concretização desse desejo que, por ser operante, o leva à ação, ou seja, à construção de suas obras. (Salles, 2006, p. 33)

O que me guia é a necessidade de criar a partir do tema proposto. A tela inicialmente em branco apresenta toda e qualquer possibilidade de bordado - ou a ausência dele. É justamente esse impulso criador que leva à ação, ao movimento. Este, a princípio, é pautado por tendências e intuições que, durante o próprio *agir-tecer*, vão tomando forma e construindo os trajetos dentro dos inúmeros caminhos possíveis. O filme se apresenta no decorrer do próprio filme, assim como João Moreira Salles pontua:

A compreensão do tema impõe suas prioridades e a estrutura conduz a narrativa por caminhos determinados, nos quais certos desvios se revelam impraticáveis. É com pena que o documentarista abandona todos esses outros filmes hipotéticos. São possibilidades não realizadas, derrotadas pela lógica do filme e por exigências da estrutura. O paradoxo é este: potencialmente, os personagens são muitos, mas a pessoa filmada, não obstante suas contradições, é uma só. Aqui - precisamente aqui - reside para mim a verdadeira questão do documentário. Sua natureza não é estética, nem epistemológica. É ética. (Salles, 2005, p. 9)

Meus norteadores iniciais são os dispositivos.

Como conversamos anteriormente, depois da coleta de possíveis nomes e suas respectivas análises, o primeiro contato se dá por telefone, momento no qual me apresento, explico o processo e pergunto sobre o interesse de cada uma. Uma vez que há interesse, já se dá uma primeira etapa de solicitação de dispositivos, a serem entregues no dia da gravação. Além deles, há ainda os dispositivos de chegada, no dia do encontro, os de gravação, os de conversa e os de saída.

2.1 DISPOSITIVOS PEDIDOS NA MARCAÇÃO E ENTREGUES NA GRAVAÇÃO

Solicito dois objetos na nossa primeira conversa: um que as represente de alguma maneira e uma carta de cada uma, com a sua perspectiva acerca do que é tempo e memória para elas. Não há uma

delimitação ou um direcionamento fechado. Apenas peço um objeto que seja importante para elas e que elas sintam que as representa e uma carta endereçada a mim, que fale sobre tempo e memória para elas, de maneira pessoal. Ou seja, no que se refere ao objeto, não sinalizo especificidade alguma e, no que se refere à carta, não direciono nem determino tamanho ou forma. Essa é uma maneira de incentivar dois aspectos: que pensem em si mesmas a partir de um objeto e, naturalmente, já acionem memórias nesse processo, e a reflexão sobre o tema, considerando a escrita, forma que se apresenta de maneira diferente, porque são elas e o papel, sem a presença de interlocutores. Como a presença da câmera também se apresenta como mais um personagem, para além da equipe de gravação, espero que o momento escrito possa se dar sem que nos leve (câmera e equipe) em consideração. Também espero que elas pensem em mim como alguém a quem destinar uma carta, alguém para quem direcionam essas palavras e experiência, estreitando, assim, nossos laços, antes mesmo de nos encontrarmos.

Nos nossos encontros temos outros processos, os quais serão apresentados na sequência.

2.2 DISPOSITIVOS DE CHEGADA

Outra maneira de incentivar o estreitamento da relação é a presença de uma equipe reduzida, um ambiente intimista e/ou familiar e o estabelecimento de um espaço de troca. Trabalhamos com uma equipe formada por quatro pessoas: eu mesma, diretora do filme, Morgana Narjara⁵⁵, diretora de fotografia, Mi'saw⁵⁶, assistente de fo-

tografia e Bárbara Souza⁵⁷, produtora de set. Ao optar por encontrar cada uma das mulheres em suas respectivas casas, o ambiente íntimo e intimista já estava entre nós. É importante ressaltar que, na medida em que as narrativas das mulheres são estimuladas, ao encontrá-las, também entrego um pouco de mim. Só assim penso ser possível estabelecer um diálogo de via dupla, ao invés de mão única.

55. Fotógrafa e videomaker pernambucana. Formada em Comunicação Social (Rádio, TV e Internet) pela Universidade Federal de Pernambuco, iniciou na fotografia durante a graduação, em 2012, e em 2013 já atuava profissionalmente, fotografando e filmando a cena cultural pernambucana. Desde então, fotografa e produz vídeos de espetáculos de teatro, dança, música e festivais, como o Transborda Usina Teatral, Cena Cumplicidades, Paixão de Cristo de Nova Jerusalém, Baile do Menino Deus, Proscenium! e realiza trabalhos autorais de fotografia e vídeo. Além de facilitar oficinas de fotografia e audiovisual.

56. Maranhense radicada no Recife. Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Produtora executiva e Assistente de direção pela Academia Internacional de Cinema e fotógrafa pela Escola Pernambucana de Fotografia. Trabalha com produção cultural e cinema desde 2017, compondo equipes de festivais, curtas e longas-metragens.

57. Bárbara Souza é Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pernambuco, com Graduação Sanduíche pela Universidade de Roehampton, em Londres, Reino Unido – Ciências sem Fronteiras (programa de bolsas de estudos da Capes) e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalha desde 2012 na produção independente de curtas-metragem de ficção, como Rez (selecionado no Brazilian Art and Film Festival - Londres), Rua Cuba (selecionado no Janela Internacional de Cinema 2016) e EntrePernas (selecionado no FINCAR e no Festival de Triunfo 2018); e também documentários, como Regenerate e Made in Brazil (exibidos no Riverside Studios - Londres). Entre 2014-2015, foi estagiária de produção na Massangana Multimídia/Fundaj e, no ano seguinte, tornou-se colaboradora da mesma, atuando em projetos como o documentário Jornadas Humanas e o curso de dramaturgia Diálogos de EUDifícios, ministrado pelo diretor e dramaturgo Felipe Botelho. Entre 2016 e 2019, ela também prestou serviços para as produtoras pernambucanas REC Produtores Associados e Cabra Quente Filmes.



Registros da gravação de *Contornos do tempo*.
Equipe: Mi'saw, Natali Assunção, Morgana Narjara e Bárbara Souza. 28.06.22.



Gravação de *Contornos do tempo*. Equipe: Fernanda Mi'saw, Bárbara Souza, Natali e Zélia.
Foto: Morgana Narjara. 27.06.22.

Mesmo havendo a explanação feita por mim durante as marcações, ao telefone, a cada encontro, esse dispositivo também se dava na presença física, porque Bárbara explicava todo o processo novamente e, só aí, pegava autorização do uso de som e imagem das mulheres.

Outro dispositivo desse momento era a partilha da definição dos termos *tempo* e *memória*, retiradas de um dicionário online⁵⁸, que se dava também por meio de Bárbara, que mostrava ou lia a definição, a depender do que cada uma optasse. Com isso, eu pretendia estimular outro processo de reflexão, porque havia o estímulo inicial de pedir para que escrevessem de maneira pessoal o que sentiam sobre os termos, havia também a consciência do tema do trabalho e, agora, somava-se a isso uma definição do dicionário, supostamente mais objetiva e universal. É justamente por esse caráter mais universal e popular que costumo partir desse encontro com o dicionário. Para que, diante dessa definição universal, possamos sentir e pensar nossas definições individuais. Mais do que uma linha filosófica de definição, me interessa esse espaço mais acessível e até neutro que pode funcionar como um ponto de partida para nós, nossas sensações e reflexões mais íntimas e pessoais. Nossa construção única, que fala de nós, mas também fala de você e da sociedade.

58. <https://www.dicio.com.br/memoria/> Acessado em 20.07.21. Indicado também na página 7 desta obra.

2.3 DISPOSITIVO DE GRAVAÇÃO - PRIMEIRA AÇÃO PARA GRAVAR

A fim de estabelecer, de fato, um diálogo de via dupla, eu também escrevi uma carta falando sobre o que é tempo e memória para mim. Esta era uma variação da carta #1 que partilhei com você no início desse encontro⁵⁹. Para elas, ficou assim:

Quando penso em memória penso em recorte, em janela. Uma janela no tempo. Penso na sequência do que guardamos por dentro sob o ponto de vista de quem fomos quando os fatos aconteceram, mas os retomamos na ótica de quem somos, já que só acessamos a memória no agora.

Memória é um recorte do tempo. Um mergulho nos nossos acontecimentos. A memória é fala articulada, é pensamento, é reflexo, mas também é corpo, o não-dito. Memória é cada pedacinho do quebra-cabeça, aliás, da colagem do que somos. Cada elemento que nos constitui, os tijolinhos que compõem a nossa estrada. E nem tudo é completamente real. Em algum ponto as coisas podem se confundir, reprimir... Até como mecanismo para avançar. Por isso que eu te digo: mesmo que não esteja na palavra, está no corpo.

Só se pode começar pelo ponto de partida. Na minha trajetória percebo que costumo iniciar o caminho pela definição da palavra. Penso que voltar à definição no dicionário nos dá o ponto de partida em comum que

59. Carta para você #1 - página 5 desta obra.

ajuda a tecer nossas percepções e impressões sobre o assunto. “A memória é uma ilha de edição”, quem disse foi Wally Salomão, mas suas palavras chegaram a mim pela voz de uma colega que sempre diz essa frase. Sim, “a memória é uma ilha de edição”. Recortamos, colamos, selecionamos, editamos e tudo isso, o que permanece e o que não permanece no corte final do nosso filme, nos compõe.

Memória. Substantivo feminino. Também não é por acaso que é dessa base que quero abordar essa memória contigo. A minha, as delas, a sua e a de tantas outras pessoas.

Memória. Substantivo feminino.

Memória. Um recorte no tempo.

Memória. Uma janela na própria existência.

Encontro. Um encontro no tempo. Um encontro de tempos. Um cruzamento de caminhos.

Aqui vamos um pouco de encontro ao que anda em voga, né? Ao invés dos áudios – adiantáveis em velocidade de reprodução – e até mesmo de mensagens instantâneas, nos encontramos, como se atravessássemos (ou construíssemos) nosso próprio túnel, um refúgio mútuo. Construindo nosso próprio tempo.

Natali Assunção (Li)

O dispositivo da definição do dicionário se apresentou desde as “Narrativas...” e segue somando às construções. A proposta é estabelecer um ponto de partida neutro, acessível a todos - o dicionário -, a fim de, diante dele, mirarmos na nossa compreensão mais subjetiva acerca da questão proposta. Como é o nosso olhar, o nosso

sentir a respeito dessas ideias, somando-se a isso as diferentes camadas propostas: elaborar a partir da carta, da fala, da escuta.

No início de cada gravação, eu lia essa carta para cada uma das mulheres. Com isso, pretendia abrir para elas como essas questões também me atravessam, porque entendo que, se quero estabelecer um encontro, preciso me colocar disponível, aberta, em escuta, sem julgamentos e também vulnerável. Preciso partilhar meus próprios sentimentos e sensações a respeito do que peço para que elas partilhem comigo.

2.4 PERGUNTAS BASE

Proponho questões que pretendem estimular a partilha sobre as histórias biográficas, em diálogo com o tema, mas de maneira a ampliar as possibilidades de abordagem, porque o que interessa aqui é a subjetividade, como essas questões acontecem e afetam cada uma dessas mulheres. Como já falamos, o termo entrevista não se aplica, porque não trabalho com questões fechadas, nem pretendo direcionar um recorte específico para uma gravação. No campo da comunicação, uma das minhas áreas de formação, é comum que uma entrevista seja guiada por uma lista de sugestões de perguntas. Há o tema e a personalidade a ser entrevistada, com a qual o/a comunicadore dialoga, a partir de uma pauta específica. Essas perguntas podem ser alteradas, suprimidas, modificadas e, à medida em que se conversa, é possível - e se espera - que novas camadas e desdobramentos sejam apresentados. Mas existe, sobretudo, uma pauta, o tema que norteia a entrevista ou a reportagem, por exemplo. O papel que cada pessoa entrevistada desenvolve já está posto, quando acontece a entrevista,

ainda que possam revelar questões inesperadas. Aqui, me afasto dessa roupagem da comunicação e falo sobre conversas, por meio das quais se estimula que elas partilhem suas narrativas, em um encontro conosco, sem essa pré-definição do que se espera de cada uma delas. À medida em que se colocam, vamos descobrindo o que temos para desenvolver juntas.

É por isso que utilizo perguntas-base, norteadores que nos colocam em contato com o tema geral e que nos auxiliam a abordar as questões a partir da subjetividade de cada uma. Essas perguntas são realizadas por mim a elas, mas não impedem que elas coloquem questões no caminho oposto, caso queiram. Vale lembrar que, antes de iniciarmos a conversa, eu também me coloco inserida no tema e compartilho meus pensamentos e sensações com cada uma, a partir da carta compartilhada com elas.

As perguntas-base foram:

Quem é você? (se apresenta, fala nome, quem é, do que gosta...) O que é o tempo para você?

Qual é a sua primeira lembrança? (E a melhor? E a pior?) O que é memória para você?

Se você pudesse viver em uma memória, qual seria?

Se você pudesse apagar uma lembrança, qual seria?

O que você gostaria de dizer/fazer que não foi dito/feito? O que é a velhice para você?

Qual é o seu maior sonho/desejo? Quem é a sua saudade?

O que é a poesia para você?



É importante ressaltar que, por se tratarem de perguntas-base, podem ser feitas todas ou parte delas, a depender da dinâmica com cada mulher. Cada uma traça seu caminho, a partir desse “disparador de possibilidades” (Migliorin, 2020, p. 33). Este é o mote para as conversas e, à medida em que vamos desenvolvendo as histórias de cada uma, vamos descobrindo nossos caminhos juntas.

2.5 DISPOSITIVOS DE CONVERSA

Também durante a própria conversa, utilizava um dispositivo sem aviso prévio: pedia para que me dissessem qual tinha sido a coisa mais bonita que elas viram nas últimas vinte e quatro horas. Confesso que esse era um dos meus momentos preferidos, porque possibilitava um desvio não esperado e permitia um vislumbre a respeito de como elas estavam percebendo e partilhando a sua percepção sobre a beleza e a poesia do cotidiano.

2.6 DISPOSITIVO DE SAÍDA

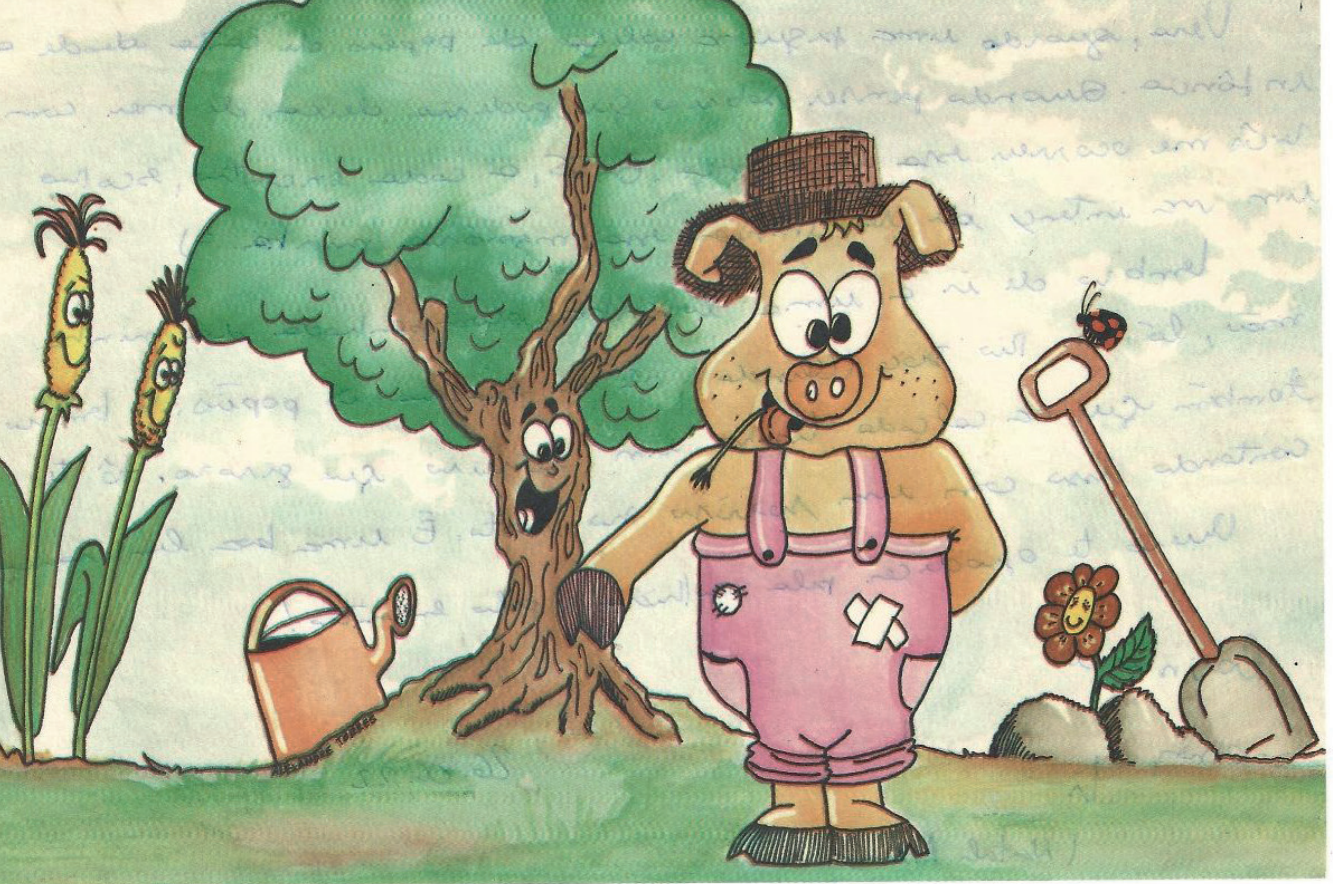
A cada despedida, eu também deixava um pouco de mim com elas. Da mesma maneira que recebia as cartas que cada uma direcionou a mim, entregava a elas uma carta que eu escrevi especialmente para cada uma. Não a lida no início da gravação, mas outra com sensações que cada uma despertou em mim, mesmo antes do nosso encontro presencial. Todas escritas em papel de carta - escolhido especialmente para cada uma - a partir de uma coleção guardada co-

migo desde a infância. Já que falamos sobre memória, recorri a uma memória pessoal material minha - essa coleção. Não recordo o período no qual os comprava, nem por quanto tempo mantive o hábito, mas, de alguma maneira, ainda guardo uma parte comigo.





Cartas para Maria José e Amara Rita.



Cartas para Fátima e Vera.



possa separar nossos
CORACÕES



Cartas para Zélia e Kátia.



Cartas para Raquel e Teté.

Tenha calma, estou caprichando para você!

Considerarei compartilhar aqui essa troca de cartas entre elas e eu, mas preferi deixar na nossa intimidade. De qualquer forma, registro as imagens dos papéis de carta, e talvez você possa até imaginar o que falamos, tendo o que conto aqui como base e o que se vê nas obras criadas a partir do meu encontro com essas nove mulheres. No entanto, antes de seguirmos adiante, quero partilhar uma memória minha: quando criança, eu costumava comprar esses papéis de carta na companhia da minha mãe. Lembro especialmente de uma lojinha, uma espécie de papelaria de bairro, localizada em Rio Doce (Olinda, PE), na calçada da qual havia um letreiro de metal preto vertical que girava com uma palavra colorida. Não tenho certeza de qual era a palavra, talvez papelaria, mas recordo da sensação de ir até lá escolher os papéis, na companhia dela. Hoje ainda tenho uma pasta na qual alguns desses papéis permanecem.

Curiosamente, nas *Narrativas de uma memória em chamadas*, essa mesma coleção de papéis apareceu quando estava em vias de estreitar o espetáculo Ainda escrevo para elas, porque recorri à pasta - e à essa memória pessoal e material - para escrever cartas à equipe que me acompanha nesse trabalho. Pois, aqui, seguindo um movimento contínuo, eles retornam naturalmente, sem planejar. É nesta elaboração sobre o processo que percebo o encontro, e a rede de criação volta a se tornar evidente, ligando trabalhos, não apenas os que fazem parte desse projeto, especificamente, mas também o anterior a ele, que propunha a metodologia aprofundada aqui.

Essas interações da rede se dão por contato, contágio mútuo ou aliança, crescendo por todos os lados e em todas as direções. É importante pensarmos nessa ex-

pansão do pensamento criador, no nosso caso, sendo ativada por elementos exteriores e interiores ao sistema em construção. (Salles, 2006, p. 25)

É por isso que não poderia falar com você em uma suposta distância objetiva. É pessoal, entende? É íntimo e, ao mesmo tempo, não é sobre mim ou apenas sobre elas, é sobre nós. Além disso, a teia e o bordado partilhados aqui vão para além das páginas, antecedem e vão adiante, porque seguem o contorno que ultrapassa as margens desse papel.

CARTA PARA VOCÊ (# 4)

No dia das mães estivemos juntas. Acho que foi a primeira vez que desenhamos. Amo desenhar, embora não seja o meu forte, mas isso nunca me impediu hahahaha. Fui rabiscando algumas coisas até fazer uma espécie de cálice. Quando dei por mim, você o estava colorindo. Uma obra em conjunto, Diva e Li.

Sigo distante, eu sei, me culpo por isso, que vem de muito tempo antes e por tantos fatores, mas não diminui o enorme de você em mim.

Engraçado como você está nos meus trabalhos. O Narrativas de uma memória em chamas ganhou outra dimensão depois de uma conversa com você nessa mesma cozinha na qual te vi almoçar... E esse de agora tem você em tanto dele, embora meu desejo de tê-la como personagem não tenha podido se concretizar, não como idealizei. Eu queria mesmo, vovó, ter feito uma gravação com você também, conversando sobre os temas que estou abordando e, assim, ir te conhecendo ainda mais, mas, no cenário atual, não é mais possível. Mesmo assim, você está aqui, sempre está comigo. Eu te vejo, vovó. Queria que você tivesse tido mais liberdade para dançar e fazer o seu

carnaval. Não consigo escrever sem chorar, nem vou completar as ideias aqui, em

palavras, mas a gente sabe, eu e você.

Neste dia das mães (14.05.23), você almoçou muito calmamente e me fez lembrar de como você costumava fazer bolinhos de feijão com farinha, com as mãos, enquanto você comia. Os bolinhos já não estavam lá fisicamente, mas estavam aqui dentro, à medida em que aquela cozinha se abria como um portal, nos ligando a um ontem que não sei precisar quando foi exatamente, mas que segue comigo agora.

Li.

Olinda, 28.05.23, 17h29







60

3 PUXANDO O FIO - ENSAIO DO EFÊMERO

“O inevitável inacabamento é impulsionador” (Salles, 2006, p. 20).

“[NATALI]: E tu sabe dizer qual é a tua primeira memória? A primeira lembrança que tu lembra? Assim, da tua vida toda. A primeira coisa que tu lembra? A mais antiga. [RAQUEL]: É a mais antiga que fixou-se, né? Na minha, foi quando eu subi no palco pela primeira vez, né? Aí isso não saiu nunca da minha mente. É a experiência, o nervosismo, a insegurança, foi aquela primeira vez que me deram uma chance de ir para o palco. Aquilo ali jamais esqueci” (Relato de Raquel, cedido em 30.06.22)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Raquel. Imagem do filme *Ensaio da memória*.

Uma das camadas tecidas nesta metodologia é a imagem estática, o experimento de sentir e transpor reflexões e sensações para a fotografia, em parceria com mais um olhar que não o meu - o da fotógrafa. “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento - e, portanto, ao poder” (Sontag, 2009, p. 14).

Para mim a fotografia se mostra como um portal. Um espaço de suspensão. Um mundo subjetivo externalizado, uma intimidade exposta, uma necessidade de diálogo, uma comunhão de sensações, uma visão compartilhada. O que me atravessa, entrego para você que também vê, sob sua própria ótica. Uma experiência. (Assunção, 2022, p. 116)

Antes de puxar esse fio, penso que é importante reforçar que os termos metodologia e método, quando utilizados aqui, são como margeadores de ações, e não como um molde rígido por meio do qual se pode reproduzir criações. Mas, nesta metodologia, proponho um caminho que entrelaça camadas distintas (fotografia, audiovisual, teatro e escrita) em um processo que se retroalimenta em adaptações que partem de um mesmo material inicial: o encontro com as mulheres e a temática proposta.

As conversas com as mulheres, a escrita, a elaboração de um documentário em audiovisual e os experimentos em fotografia foram parte do processo que visava articular linguagens, pensando maneiras de documentar em cada uma, desaguando na cena que pretendia estruturar uma voz documental a partir das mulheres escutadas com as minhas próprias vivências de atriz pesquisadora. (Assunção, 2022, p. 70)⁶¹

Dessa maneira, pretendo aprofundar aqui - e no decorrer da vida e das criações - possibilidades e margeadores capazes de gerar espaços de criação que podem - e devem - se transformar, posto que estão vivos.

(...) os percursos criativos, de modo geral, são guiados pelo desejo do artista e mantidos por intrincadas e interessantes tramas de linguagens, que têm o po-

61. No projeto anterior, *Narrativas de uma memória em chamuscas*, o processo era outro: partia de 11 relatos e, além de pensar na fricção com as narrativas da própria atriz criadora, propunha um diálogo com um texto ficcional previamente existente.

der de abrir frestas para o modo como o pensamento criativo se desenvolve para maneiras como o conhecimento artístico é construído. Cada processo é marcado por tramas semióticas e desejos específicos e singulares. (Salles, 2006, p. 106)

Tais margeadores e tal método são possibilidades de caminhos maleáveis que se propõem a abrir frestas, podendo se reorganizar e se repensar em infinitas combinações, supressões e acréscimos.

O artista pode, aparentemente, criar tudo. No entanto, liberdade absoluta é desvinculada de uma intenção e, por consequência, não leva à ação. Limites internos ou externos à obra oferecem resistência à sua liberdade; no entanto, essas limitações revelam-se, muitas vezes, como necessárias e propulsoras da criação. (...) tendo, porém, o poder de modificá-los. (Salles, 2006, p. 99)

Também acredito que esses margeadores funcionam como propulsores da criação, possibilitando impulso na mesma medida em que atuam como pontos de reflexão e experimentação. Esses *limites* proporcionam uma imagem inicial que pode ser ajustada, alterada, abandonada e/ou reorganizada, na medida em que a criação segue, se estrutura e se revela. São potencializadores da criação, e o caminho apontado aqui não se apresenta de maneira absoluta, está em constante tecer, podendo gerar novos pontos a cada movimento.

Para além disso, com a fotografia, a proposta é sentir o encontro com as mulheres e seus relatos na minha pele. Como essas palavras e sensações se tornam imagens? Como essas narrativas se fundem às minhas e às das demais pessoas que se somam ao processo? Para essa realização, contei com a parceria da fotógrafa Ana Yoneda⁶². Apesar de acompanhar e admirar seu trabalho há bastante tempo, essa foi a primeira vez que colaboramos juntas. Intuí que a sua sensibilidade somaria ao processo e apresentaria novos desdobramentos, e assim o foi. Contatei-a, expliquei o projeto, ela ficou animada e topou na hora. Compartilhamos referências, ela teve acesso a mais detalhes sobre o trabalho e elaboramos juntas a caminhada da imagem estática.

Para mim, um dos aspectos mais interessantes dessa etapa é compartilhar a criação e ver como ela se transforma com o acréscimo de outra artista. O que nasce a partir desse novo encontro que já é resultado daquele anterior com as mulheres e as demais profissionais do audiovisual? Entendo todo esse processo de criação documental

62. Ana Yoneda é fotógrafa, realizadora audiovisual independente, montadora de vídeo e artista visual. Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, onde também concluiu suas pós-graduações em Fotografia e Audiovisual, e em Cultura Visual - Fotografia e Arte Latino-americana. A fotografia foi a mídia pela qual se iniciaram suas experimentações com a imagem, mas cria também por meio da fotomontagem, videoarte, autorretratos, performance e cinema. Explora conceitos de forma visual e experimenta variadas formas de mídia como suporte para as suas criações. Participou do 1º Salão de Artes Visuais da Quarentena, com sua série de autorretratos Experimentações Surrealistas, e do 10º Festival de Fotografia de Tiradentes, com o ensaio Plasticidade. Com seu primeiro filme autoral, A Poesia do Despercebido, participou de diversos festivais de cinema, entre eles A Semana do Audiovisual Negro 2022, Mostra Correnteza e MOV Festival Internacional de Cinema Universitário 2022.

como pontes de encontro que se abrem, cada vez mais, em novas frestas de criação, como matrioskas⁶³ que se expandem.

Elencamos pontos de diálogo e elementos possíveis para trabalharmos: trilha sonora específica para o dia do ensaio, cenário com mais de um ambiente, possibilitando recortes dentro do processo, cenário *artificial* à mostra, em um lugar arborizado, objetos que dialogassem com o tempo abordado aqui, tais como ampulheta, elementos da natureza (plantas, flores e frutas), trechos das conversas com as mulheres impressas em papel ofício, tecido, livro e máquina fotográfica analógica... Vamos discorrer sobre eles, adiante. Mas, aqui compartilho essa playlist criada para a realização do ensaio e sugiro, ainda, que você a escute enquanto lê essas linhas:



Playlist *Ensaio do efêmero*

63. Também conhecida como boneca russa. Trata-se de brinquedo russo tradicional que se constitui de uma série de bonecas, geralmente feitas em madeira, colocadas umas dentro das outras, da maior até a menor. Novamente, aqui o trabalho segue se expandindo, uma vez que suas sementes vêm desde o desenvolvimento do já citado *Narrativas de uma memória em chamas*, que tem, no cenário do espetáculo *Ainda escrevo para elas*, uma matrioska.

Foi nessa gestação que Yoneda propôs um cenário: que tal o Mirante de São Francisco?⁶⁴ Apesar de frequentar a cidade alta de Olinda (PE), não conhecia esse casarão antigo, muito utilizado como locação para ensaios e gravações, bem como para ambientar eventos. Quando vi o espaço, que se apresentava como um misto temporal com tantas marcas à mostra, comportando justamente os diferentes ambientes que tínhamos em mente, topei de imediato! Felizmente o espaço acolheu o projeto, realizado de maneira independente, e nos recebeu, cobrando apenas a metade do valor da locação, para manutenção do lugar.

Falamos sobre imprevistos há pouco, lembra? Aqui também aconteceu. O ensaio foi marcado para um sábado, dia 25 de março de 2023, mas, no dia, não apenas a fotógrafa estava afônica, como caiu uma chuva sobre Olinda que impossibilitava fotografar nos espaços abertos. Remarcamos, então, para a segunda-feira seguinte, dia 28 de março, e tudo correu tranquilamente.

64. O Mirante São Francisco é um casarão do início do século XX, com mais de um estilo arquitetônico, tombado pelo Patrimônio Histórico da Humanidade e rodeado por árvores e muita natureza. Os mais antigos da família contam que o casarão foi um projeto do engenheiro francês Louis Léger Vauthier, o mesmo que projetou o Teatro de Santa Isabel. O espaço tem 5 pavimentos e no ponto mais alto apresenta um Mirante a céu aberto, com vista para a Igreja da Sé de Olinda, para o mar e para a cidade do Recife. O local é ponto de parada de grupos turísticos e há mais de uma versão para a sua história, algumas lendas, outras verdadeiras que parecem ficção. Durante mais de uma década, o casarão foi habitado por uma família de inquilinos cujo patriarca era um excêntrico advogado que criou leões e jibóias na casa. Vizinhos antigos relatam histórias com esses leões.

Para esta empreitada, contei ainda com mais duas pessoas: Juliana Motta⁶⁵, maquiadora e produtora de set, e novamente Mi'saw, que, agora, além da assistência de fotografia do documentário, assumiu o *making of* do ensaio e a assistência de Ana Yoneda.

Assim como idealizado, elaborei a playlist homônima específica, criada no aplicativo *spotify*⁶⁶, compartilhada há pouco com você, para o Ensaio do Efêmero, que foi executada durante todo o processo do ensaio. O mesmo se deu da seguinte maneira: cheguei, a maquiagem

65. Julianna Mota se destaca em duas áreas criativas: produção audiovisual e maquiagem. Formada em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Federal de Pernambuco, em 2008, ela encontrou sua paixão tanto na produção quanto na maquiagem, e desde então tem abraçado essas duas profissões. No campo da produção, acumulou experiência trabalhando em empresas como a TV e Rádio Jornal do Commercio, E2 Comunicação e Complexo de Ensino Renato Saraiva. Durante sua carreira, teve a oportunidade de produzir e apresentar o programa Nega-da, exibido pela TV JC, onde pôde explorar sua criatividade e compartilhar histórias relevantes da comunidade negra. Participou da produção da primeira temporada do programa Releitura, transmitido pela TV Brasil, contribuindo para a criação de conteúdo de qualidade. Também atuou como Produtora Executiva em diversos projetos, como Carnaval da TV Jornal e o filme de curta-metragem Quebra Panela, contemplado no edital Funcultura. Como maquiadora, trabalha em parceria com fotógrafos, figurinistas e produtores de vídeo para criar conteúdo audiovisual e publicitário de alta qualidade. Sua expertise em maquiagem adiciona um toque especial aos projetos em que está envolvida, contribuindo para a criação de looks e personagens marcantes. Tanto como produtora audiovisual quanto como maquiadora, demonstra versatilidade, com a capacidade de criar e colaborar em diferentes projetos, demonstrando habilidade em adaptar-se a diferentes estilos e necessidades.

66. ENSAIO DO EFÊMERO

<https://open.spotify.com/playlist/3eYV8C2ecfijno9PP0zNiw?si=Unq5YrwiSiO3I-ME8_S8Z3A&nd=1> Acessado em 11.06.23



foi feita, figurinos e elementos separados, espaços determinados e organizados e toda a equipe partiu para o ensaio, que aconteceu nas seguintes etapas:

3.1 QUINTAL DO CASARÃO

Aqui tínhamos o verde das plantas de fundo e, à mostra, trabalhamos uma estrutura artificial, composta por uma arara de metal e tecidos em tons de marrom e bege. No cenário havia ainda uma cadeira, uma ampulheta, trechos das conversas com as mulheres impressos em papel ofício, elementos da natureza (plantas e frutas), um pequeno móvel de madeira, uma câmera fotográfica analógica e um livro, *Esculpir o tempo*, de Andrei Tarkovski⁶⁷.



67. TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. Martins Fontes. São Paulo, 1990.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.

Aqui trabalhamos o encontro dos tempos e o peso destes.

3.2 PISCINA VAZIA

Em seguida, ocupamos a piscina do local, que se encontrava vazia e também marcada pelo tempo. No fundo, havia um punhado de frutas (umbu ou cajá, não sei precisar qual exatamente). Não fomos nós quem produzimos, foi o acaso, o imprevisto que abraçamos. Nesta etapa, trabalhamos a angústia de algumas lembranças, o encontro com memórias pessoais, a suspensão do tempo e o ralentar do relógio.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.

Vale ressaltar que, uma vez que crio em rede, as obras estão entrelaçadas e seguem gerando novas possibilidades, em um ato contínuo. Neste ensaio, é possível perceber pontos fortes de diálogo com o trabalho anterior, o *Narrativas de uma memória em chamas* e seu ensaio fotográfico *Espelhos*, relacionando elementos da natureza e espaços, tais quais a piscina vazia e a janela (que aparece logo adiante), por exemplo, em um transformar e expandir a rede que segue tecendo e abrindo novas frestas possíveis.

3.3 PORTA FECHADA, SALA INTERNA

Após o ambiente externo (plantas e piscina) seguimos para o interior do casarão ocupando primeiro uma das salas, diante de uma porta fechada. Trabalhamos a possibilidade de abrir novos espaços e a leveza. Há, para isso, a porta fechada, as marcas do tempo, um corpo semi desnudo e flores. Buscamos a delicadeza de novas descobertas.



3.4 JANELA ABERTA

No último ambiente trabalhado, contamos com uma janela aberta. Neste momento, ainda temos o corpo semi nu, as flores, e retomamos a estrutura artificial do primeiro ambiente, a arara de metal, que agora se apresenta desnuda, sem os tecidos que cobriam parte do cenário, que dá lugar a flores, em diálogo com o sol que se põe ao fundo. Novas frestas se abrem para esse corpo-mulher que abriga inúmeras narrativas que não só as suas.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.

As palavras trocadas com as nove mulheres permeiam os quatro ambientes, e todos os espaços estão no subtexto, no não dito. Não foram desmembradas nem pinçadas para determinar de maneira herméctica quem ou que trecho dialoga com qual imagem. Ao invés disso, propusemos um reverberar, uma espécie de eco, de ondas aquáticas que se propagam depois do encontro *pedra-água* (*mulheres-conversas*). Deixei que as narrativas fossem tomando forma no meu corpo.

Dessa maneira, ainda percebo a lente, esteja ela em que suporte estiver, como um pequeno abismo de sonhos abertos, um convite ao mergulho no que te transborda e foi assim que a fotografia veio somar ao processo de construção. Abriu-se em possibilidades de transbordar as palavras compartilhadas em imagens (Assunção, 2022, p. 117)

O resultado deste trabalho foram alguns registros em vídeo e 44 fotografias, das quais 11 foram selecionadas para uma exposição. Cada foto ia acompanhada de uma frase de uma das mulheres, sendo a décima primeira acompanhada de uma frase minha, retirada da carta compartilhada com vocês e com essas mulheres. Cada trecho foi escrito por meio de uma máquina de escrever, em tinta preta, tendo o nome da mulher que o proferiu em vermelho e caixa alta. Foi datilografado em papel vegetal e colado, com cola branca, na moldura de madeira de cada fotografia que foi impressa em tela.

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo

sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo. (Sontag, 2009, p. 17)

Fotografias e frases da exposição *Ensaio do efêmero*:



O que eu guardo dentro de mim de memória são coisas frustrantes e coisas glamourosas... Quando eu subi no palco pela primeira vez, né? Aí isso não saiu nunca da minha mente. **RAQUEL.**



A gente deve memoriar uma coisa boa, não uma coisa ruim. **MARIA JOSÉ.**



Meu maior sonho? É ser a atriz perfeita... Minha memória mais bonita foi quando eu apresentei a primeira peça... Eu fiz 70 anos no palco. **MARIA RITA.**



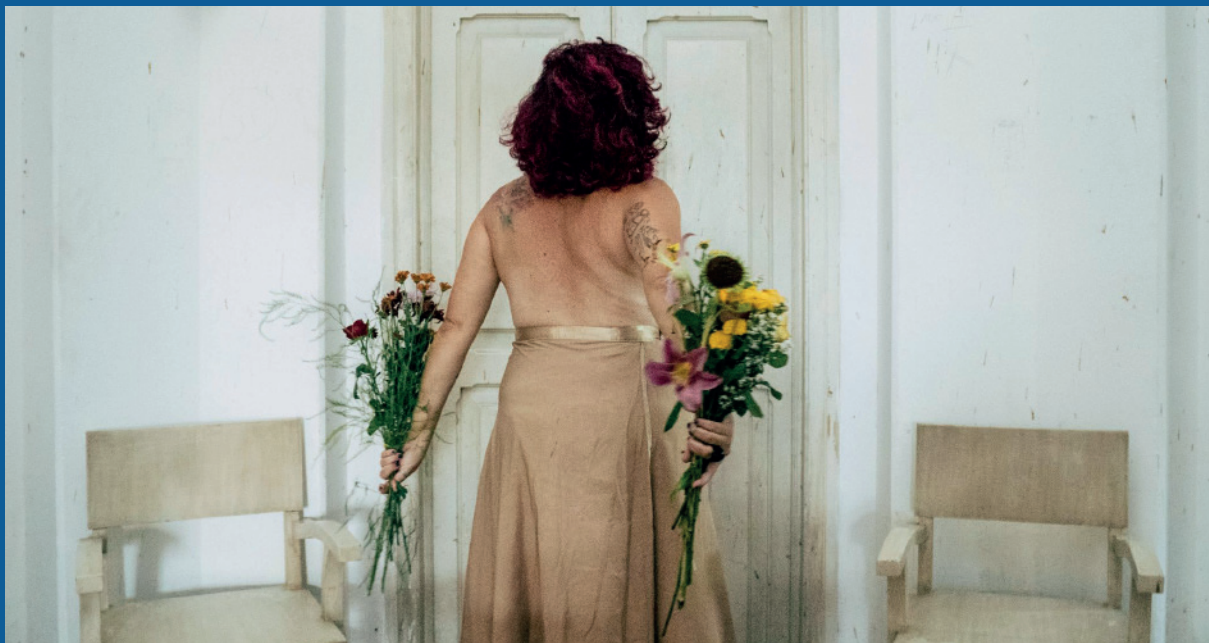
Eu acho que o tempo para mim é a partir do momento que eu me entendi nesse mundo, me entendi numa família, numa comunidade. O tempo é essa possibilidade, né? Que a gente tem de viver. **VERA.**



A minha descoberta como cineasta... Eu devia ter 5, 6 anos... Roubei a lanterna dele (o avô) e ficava jogando pedrinhas no lago, botando a lanterna e projetando nas paredes as ondulações da água... E anos e anos e anos depois, eu descobri que isso era uma menina trelosa, mas querendo projetar alguma coisa numa parede em branco, não é? Usando a luz, sem a captação do negativo, era transferência direta, movimento e a luz. **KÁTIA.**



E o tal do lápis você apaga, eu não gosto de apagar, eu sou memorialista... Na realidade, eu não gosto de nada que seja passageiro, nada que seja fortuito, eu gosto muito daquilo que continua. **FÁTIMA.**



Poesia... eu acho que é o sentimento da alma. **ZÉLIA.**



A velhice para mim não assusta. **TETÊ.**



O meu maior sonho é sonhar. **ADÉLIA.**



Quando eu penso em memória eu penso em recorde,
em janela. Uma janela no tempo. **LI.**

Aproveito para destacar o fato de que a última imagem compartilhada acima, que também figura a capa deste trabalho, apresentou-se como a imagem-síntese do que está sendo criado aqui. Um *corpo-mulher* que carrega inúmeras histórias, escrevendo-as no e com o tempo, em abertura, em diálogo, com o mundo de fora e de dentro. Que toca e se deixa tocar, é denso e leve, brinca e sustenta, relaciona-se.

Cada *corpo-mulher* carrega em si inúmeras histórias. Cada *corpo-alma* que as encontra também carrega *inúmeras histórias*. Os *Contornos do tempo* propõem um olhar multifacetado de algumas dessas narrativas, com a consciência de que somos pessoas múltiplas, com múltiplas histórias, para que não nos prendamos a uma única perspectiva, assim como pontua Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo da história única:

Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro.” Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definiti-

va daquela pessoa. (...) A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. (...) Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma única história é essa: **ela rouba das pessoas sua dignidade**. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes⁶⁸.

Que possamos abraçar as múltiplas histórias das mulheres com mais de 60 anos que são mais do que um único rótulo. São *corpos-almas* pulsantes, com sonhos, desejos e inúmeras vivências experimentadas até aqui, com muitas outras diante de si.

3.5 EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA - ENSAIO DO EFÊMERO

Ao definir quais imagens comporiam a exposição, partimos para o encontro com as pessoas. Esse é o primeiro momento, dessa série de trabalhos, em que partilho a criação com o público. É sempre um estágio especial e, dele, emergem novas sensações e reflexões. A abertura da exposição se deu no dia primeiro de julho de 2023 (seguindo aberta ao público até o dia 31 do mesmo mês), em uma cafeteria do

68. CHIMAMANDA ADICHIE: O perigo da história única. Disponível em <<https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em 05.05.24.

Recife, o Café com Dengo⁶⁹. Para esse momento, convidei o músico Pedro Huff⁷⁰, a fim de ampliar a rede criativa, englobando música ao processo⁷¹.

A montagem da exposição foi realizada por mim, Heidi Trindade⁷² e Mi'saw, que, agora, além de assinar a assistência de fotografia do filme e do próprio ensaio fotográfico, bem como o *making of* deste, também somou nesta etapa do processo. Esta abertura, no dia primeiro de julho de 2023, contou com a presença de um público ativo e também de parte das equipes que participaram do *Contornos do tempo*, como um todo, e de parte das mulheres com as quais conversei para esse trabalho. Tivemos um momento de conversa, mediada pelo já citado Rodrigo Cunha e um momento musical com Pedro Huff e seu violoncelo, que reverberaram tão precisamente o que construímos com as fotografias. “(...) todos esses usos talismânicos das fotos

69. Localizado no bairro do Rosarinho, Recife, com “Comidinhas, café especial e muito dengo”, assim como o espaço define no seu instagram: <<https://www.instagram.com/cafecomdengo/>> Acesso em 05.05.24.

70. Professor de violoncelo na Universidade Federal de Pernambuco. Terminou seu doutorado em performance de violoncelo em 2013, na Universidade Estadual da Louisiana (Louisiana State University). Foi membro de diversas orquestras e grupos de câmara. Tem interpretado suas próprias composições no Brasil e nos Estados Unidos. No ano de 2017, lançou o CD *Afluências - Música Brasileira para violino e violoncelo*, juntamente com Paula Bujes. O CD contém peças autorais e de outros compositores. Sobre seu trabalho:

<<https://linktr.ee/huff.pedro>> Acesso em 05.05.24.

71. Ensaio do efêmero <<https://www.folhape.com.br/cultura/exposicao-aborda-tempo-e-memoria-na-perspectiva-da-mulher-acima-de-60/277450/>> Acesso em 05.05.24.

72. Graduada em cinema, é artista, atriz e diretora de arte.

exprimem uma emoção sentimental e um sentimento implicitamente mágico: são tentativas de contatar ou de pleitear outra realidade” (Sontag, 2009, p. 27).

Curioso que a fotografia tenha se apresentado como um dos pilares em um processo criativo cênico. O teatro acontece naquele momento exato em que atores e plateia compartilham um mesmo espaço ao mesmo tempo. Uma apresentação jamais poderá ser idêntica à outra por mais que se trabalhe com repetição ou que um mesmo público veja o mesmo espetáculo mais de uma vez. O momento é único, só existe o agora e as condições jamais serão as mesmas, bem como nós não nos repetiremos, pois estamos em uma mudança eterna (...) A fotografia, no entanto, é capaz de eternizar um mesmo segundo. Um único momento (ou a sobreposição de alguns momentos como trabalhamos em boa parte do ensaio) capaz de traduzir diferentes olhares e subtextos, mas que se mantém para sempre congelado no seu acontecimento. Um eterno retorno. (...) Naturalmente falo aqui sobre a feitura desses processos porque, ainda que eternizando um único click, ou realizando uma apresentação que jamais se repetirá da mesma maneira, a recepção das obras pode sempre ser eternizada em quem as recebe, completando-as com seu olhar. Ou instantaneamente esquecidas também. (Assunção, 2024, p. 140)

A partir deste ponto, os nomes das obras também foram tomando forma. O “efêmero” aparece como referência ao fato de que capturamos essa efemeridade, esse momento único que não se repete, na

fotografia. Como a primeira obra realizada aqui é a fotográfica, bebi no termo ensaio fotográfico. Me lancei ao trocadilho inicial na mesma medida em que percebi os processos como contínuos e continuados, passando a entender as obras como ensaios de si mesmas (experimentações e adaptações), do trabalho como um todo, e de uma em relação à outra, ainda que sejam independentes entre si. Nesse pensamento, cada uma atua, de fato, como uma adaptação do mesmo ponto de partida formado pelo encontro com as narrativas das mulheres.

Na sua teoria da adaptação, Linda Hutcheon defende que vir em segundo, ser a adaptação, não quer dizer que se trata de um trabalho secundário, posto que este tem seu valor, originalidade e proposta individual. Além disso, a autora fala sobre como o que a interessa é a adaptação propriamente dita, o ato de adaptar, e não especificidades de obras adaptadas. Nisso, confluímos, uma vez que a pesquisa em questão propõe uma adaptação horizontal: um mesmo material base que toma forma em criações em diferentes linguagens, retroalimentando-se, uma vez que são realizadas paralelamente, mas que, ao mesmo tempo, uma proporciona material para a outra. Hutcheon aponta que “nós usamos a palavra adaptação para nos referir ao produto e ao processo de criação e recepção”⁷³ (2006, p. 15). É na perspectiva de processo de criação e recepção que penso a adaptação neste trabalho. O processo de sentir e pensar um mesmo material base em diferentes linguagens e, conseqüentemente, as especificidades que cada linguagem proporciona e da recepção destes pelo público que

73. Tradução livre.

tem uma experiência completa quando acompanha uma obra específica, mas que amplia a percepção, ao vivenciar o grupo de obras.

3.6 DOCUMENTO, DOCUMENTAL, DOCUMENTÁRIO

À medida em que vamos desdobrando a criação desses processos que compõem o Contornos do tempo, vamos também desdobrando o documental neles. É importante destacar que o campo documental apresenta inúmeras possibilidades de construção. Justamente por isso, consiste em um grande guarda-chuva sob o qual diferentes narrativas se manifestam por meio de nomenclaturas distintas. Um exemplo é a autoescritura performativa, proposta pela artista e pesquisadora Janaína Fontes Leite⁷⁴, a qual, partindo de experiências pessoais, fatos e capítulos da sua vida, apoiando-se na memória e na elaboração da mesma e tendo ainda o apoio de documentos, constrói sua autoescritura. Isso se exemplifica no espetáculo *Conversas com meu pai* (2014),

74. Doutoranda pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, apoiada pela FAPESP, com o projeto *O Feminino Abjeto na (ob)cena Contemporânea: processos autorais matricidas em diálogo com Angélica Liddell*. Mestre pela Faculdade de Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da USP, apresentou a dissertação *Autoescrituras performativas: do diário à cena - As teorias do autobiográfico como suporte para a reflexão sobre a cena contemporânea*. Possui graduação em Letras (Francês/Português) e licenciatura pela Universidade de São Paulo e formação técnica pela Escola de Arte Dramática. É uma das fundadoras do Grupo XIX de Teatro de São Paulo, onde atua, dirige e escreve. Como orientadora, desenvolve o projeto Núcleos de Pesquisa dentro do Grupo XIX de Teatro. Como resultado de sua pesquisa *Autoescrituras performativas: do diário à cena*, estreou em 2014 o espetáculo *Conversas com meu pai*. Atualmente coordena os núcleos de pesquisa *Feminino Abjeto e Memórias, arquivos e autobiografias*.

por exemplo, no qual Janaína traça o trabalho a partir da relação com seu pai, que, após uma traqueostomia, perde a capacidade da fala, enquanto, no mesmo período, a atriz, sofrendo de uma doença degenerativa, perde parte da audição. É nesse silêncio que ambos se reencontram e se comunicam por meio de bilhetes escritos.

Outra possibilidade de abordagem é o biodrama, gênero criado pela argentina Vivi Tellas⁷⁵, que tem como matéria a biografia de pessoas vivas, ocupando, muitas vezes, elas mesmas, a cena, como acontece, por exemplo, com o espetáculo *Mamá y mi tía* (2003). Nele, mãe e tia da artista ocupavam a cena, discutindo processos e vivências suas. Segundo Tellas, existe o “umbral mínimo de ficção”, que “presupõe buscar a teatralidade já existente na vida de qualquer pessoa em relação ao seu cotidiano” (Giordano, 2013, p. 6). Para encontrar esse denominador comum cênico, a artista lança mão sobre a repetição, ferramenta básica de busca e construção das artes cênicas.

Pincelo algumas das possibilidades contidas neste grande guarda-chuva para ilustrar pontualmente a abrangência do documentário, mas não me detenho nessas propostas, porque se afastam do que estamos tecendo aqui. Além disso, ainda temos um questionamento: afinal, o que é documentário? “Um documentário nunca é sobre alguma coisa. O documentário é sobre ele mesmo. Em primeiro lugar, sempre. Cada filme tem os seus desafios próprios e exige uma manei-

75. Diretora de teatro argentina, criadora do biodrama. Tem sido responsável pela área de artes cênicas do Centro Cultural Recoleta, desde 2001, e dirige o Teatro Sarmiento, um espaço experimental do Complejo Teatral de Buenos Aires.

ra própria de enfrentar o problema do filme” (Salles)⁷⁶. O documentário, seja no teatro ou no cinema, não lança mão de uma fórmula básica. Também por isso, falamos há pouco sobre a conotação do termo método empregado neste trabalho. O documentário é composto por elementos específicos que podem ser manejados de diferentes maneiras. Existem “três princípios recorrentes que aparecem quando o processo é documental: opção por documentar (artista/criador), trabalho com e sobre documentos (discurso artístico) e a consciência do caráter documental da obra (espectador)” (Soler, 2015, p. 22). É a partir dessa tríade que se constrói um documentário. E o trabalho sobre esses três elementos pressupõe responsabilidade ética a respeito das vidas partilhadas e dos pactos estabelecidos com a audiência.

(...) E você tem os documentaristas que têm um mapa e os que não têm mapa. Os que têm mapa saem com a câmera sabendo por onde tem que ir. Eles sabem o que filmar, eles sabem como filmar, eles sabem o que fazer. De certa maneira, o mundo não apresenta um mistério. O mundo, de certa maneira, confirma certezas que o documentarista já tem antes de começar o seu filme. Não vai crítica nenhuma nisso. Mas são documentaristas que se preparam muito antes de filmar e são documentaristas que, portanto, tentam eliminar

76. BATE-PAPO SOBRE DOCUMENTÁRIO... – Uma conversa sobre documentários com João Moreira Salles. Youtube, postado por Bruno Macedo. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6o5BE76jsPE&t=32s>>. Acesso em: 11.02.2021.

do processo de filmagem o acaso e a surpresa. Aí você tem os documentaristas sem mapa. Os caras que vão para o mundo com uma frase apenas. (...) É filmar como jazz, você vai improvisando. (Salles)⁷⁷

Aqui se trabalha com as diretrizes e os desejos, mas abraçando o mistério do mundo e o acaso, a fim de construir na mesma medida em que vamos descobrindo cada obra. Existe o contorno do que se busca desenvolver e, à medida em que nos lançamos, descobrimos o que de fato se apresenta.

Mediante uma diversidade de caminhos, o que pode ser considerado como característico do campo, quase como consequência da necessidade de se documentar, é a pesquisa e procura de fontes para criação da narrativa documental. Apela-se, então, para documentos de toda ordem, sem com isso simplesmente considerar que apenas a exploração deles em cena seja necessária para o documentário existir. (Sóler, 2015, p. 84)

Documentos são fonte e base para a criação documental. Nos dão comprovação da ligação com pessoas, situações, fatos e acontecimen-

77. BATE-PAPO SOBRE DOCUMENTÁRIO... – Uma conversa sobre documentários com João Moreira Salles. Youtube, postado por Bruno Macedo.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6o5BE76jsPE&t=32s>>. Acesso em: 11.02.2021

tos localizados no tempo e no espaço, para além de uma mera prova de existência. Estão sujeitos a diferentes interpretações, são ponto de apoio e margeadores para o salto criativo, levando em consideração a tríade documental apontada por Soler.

Nesse ponto, documento, documentário e criação se entrelaçam na construção dos trabalhos aqui abordados, uma vez que estamos falando de uma criação documental em múltiplas linguagens artísticas (fotografia, teatro, audiovisual e escrita) que se baseiam na tríade destacada, tendo o trabalho com documentos como um processo fundamental, mas que, em sua própria construção criativa, funciona como documento e documentário, simultaneamente, fornecendo material para as demais etapas e linguagens do processo.

Por exemplo: as conversas com as mulheres e os dispositivos utilizados nesse processo são construção e documento para as obras, na mesma medida em que as fotografias, o filme, o espetáculo e a escrita também o são. Os trabalhos se retroalimentam em si mesmos. Não apenas nas etapas compartilhadas com o público, mas também com os elementos e o processo de cada um, em uma grande “rede de criação”⁷⁸.

De volta ao *Ensaio do efêmero*, temos um ensaio fotográfico que não se enquadra em uma linguagem documental clássica ou ligada ao fotojornalismo, por exemplo, porque não se trata de registros es-

78. Mais uma referência à rede de criação proposta por Cecília Almeida Salles.

pontâneos, a partir de acontecimentos em curso. Tampouco temos aqui o registro das nove mulheres, mas sim, uma criação elaborada a partir do encontro com elas.

Quebrar a noção da fotografia como um registro que legitima verdades ajuda a pensarmos no papel da fotografia na arte contemporânea, deslocando sua noção da fotografia formal - ou seja, comprometida com padrões unicamente técnicos - para o campo das artes. (Bittencourt, 2018, p. 10)

Uma foto não é apenas o resultado de um encontro entre um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotados dos direitos mais categóricos - interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo. (Sontag, 2009, p. 21)

Por meio da fotografia, me coloco como modelo e atriz que busca trazer para o corpo o que reverbera a partir do encontro com essas mulheres. Antes da troca com outros atores e atrizes na sala de ensaio, antes da palavra mastigada na própria boca, antes do mergulho na imagem audiovisual das mulheres e seus caminhos possíveis, a pele. Não determino poses pré-elaboradas, nem uma modelagem estática. A partir das trocas com a fotógrafa e dos elementos criados para esse momento, sobre os quais já nos debruçamos, levo para a minha pele o que senti durante as conversas e, de maneira fluida e livre, permito que a movimentação aconteça. É neste processo que a fotógrafa capta o momento, o efêmero.

O ensaio se apresenta como uma das etapas da narrativa geral deste trabalho, sendo ele mesmo documento de criação para as de-

mais obras, mas também documentando que narrativas e criações surgem a partir daquelas compartilhadas pelas nove mulheres, em conjunto com as demais artistas que se somaram a cada processo. É nessa medida que o ensaio apresenta seu aspecto documental. Mediada esta que também permeia as demais obras.

(...) da mesma forma que o autor constrói suas obras a partir de suas vivências, dores e agudos, o espectador da obra também a lê com essas ferramentas. Essa leitura é múltipla e se modifica. O próprio autor se relaciona com sua obra de formas diferentes conforme vai agregando novas camadas de vivências em sua experiência. Existe aquilo que conseguimos dizer sobre uma imagem, porque é material, e existe aquilo que nos fere em lugares diferentes a cada vez que olhamos ou vivemos uma fotografia. (Bittencourt, 2018, p. 11)

Sendo essas criações também documentos para as demais obras, as ferramentas de leitura de quem cria vão se modificando a cada etapa, agregando novas camadas. Da mesma maneira, espectadores, ao verem uma das criações, abrem um campo de leitura, mas, ao passarem por todas as obras, têm a possibilidade de acessar outros desdobramentos possíveis. Assim como apontado por Linda Hutcheon, essa possibilidade de adaptação enquanto processo de criação é de mão dupla e também permeia a recepção do público. Voltando a beber da fonte de Bittencourt, isso não se encerra na possibilidade de ver uma das obras ou todas elas, mas também não se encerra a cada novo encontro (ou reencontro) com os trabalhos, “aquilo que nos fere

em lugares diferentes a cada vez que olhamos ou vivemos uma fotografia”. A cada novo encontro com as obras, outras percepções se apresentam. Nesse caso não apenas a fotografia, mas também o filme, o espetáculo e a escrita.

CARTA PARA VOCÊ (#5)

Ontem, dia cinco de maio de 2024, teve um show da Madonna, em Copacabana, de graça. O evento contou com mais de um milhão de pessoas assistindo à performance-manifesto da rainha do pop mundial, que relembrou inúmeros sucessos de quatro décadas de carreira e que também subverteu o moralismo e a tentativa de calar tudo o que não é considerado padrão.

Estava exausta e caí no sono, por volta das oito da noite, não acompanhei a transmissão, mas acordei conferindo alguns trechos e, sinceramente, me emocionei. E muito. Não sou fã da cantora, não sigo assiduamente os seus passos, mas sei da sua relevância não apenas para a música, mas também para as pessoas, a sociedade e os comportamentos, afinal, desde sempre ela se posicionou nesse lugar de questionamento e provocação.

E por que eu estou falando disso com você agora? Porque, nesse frenesi da sua passagem por terras brasileiras, vi um recorte do seu discurso de quando recebeu a premiação de "mulher do ano" da revista americana "Billboard", no qual ela dizia:

"(...) Não há regras se você é um garoto. Há regras se você é uma garota. Se você é uma garota, você tem que jogar o jogo. Você tem permissão para ser bonita, fofa e sexy. Mas não pareça muito esparta. Não aja como se você tivesse uma opinião que vá contra o status quo. Você pode ser objetificada pelos homens e pode se vestir como uma prostituta, mas não assuma e se orgulhe da vadia em você. E não, eu repito, não compartilhe suas próprias fantasias sexuais com o mundo. Seja o que homens querem que você seja, e mais importante, seja alguém com quem as mulheres se sintam confortáveis por você estar perto de outros homens. **E por fim, não envelheça. Porque envelhecer é um pecado.** Você vai ser criticada e humilhada e definitivamente não tocará nas rádios. (...) **Eu acho que a coisa mais controversa que eu já fiz foi ficar aqui.** (...) O que eu gostaria de dizer para todas as mulheres que estão aqui hoje é: Mulheres têm sido oprimidas por tanto tempo que elas acreditam no que os homens falam sobre elas. Elas acreditam que elas precisam apoiar um homem. E há alguns homens bons e dignos de serem apoiados, mas não por serem homens, mas porque eles valem a pena. Como mulheres, nós temos que começar a apreciar nosso próprio mérito. Procurem mulheres fortes para que sejam amigas, para

que sejam aliadas, para aprender com elas, para que as inspirem, apoiem e instruam. (...) ⁷⁹”

A parte em negrito fui eu quem destacou, porque me atravessou muito: “não envelheça, envelhecer é um pecado”, “a coisa mais controversa que eu já fiz foi ficar aqui”. Acho que o que venho trocando com você também fala sobre isso, né? Sobre quem vamos nos tornando, os caminhos que escolhemos, o que fazemos com as nossas dores e como nos mantemos aqui. Penso que minhas conversas com essas nove mulheres também falam dessa subversão. “Meu maior sonho é sonhar”, me disse Adélia, e isso é contestar esse suposto pecado que querem nos empurrar goela abaixo, especialmente a nós, mulheres. Que sigamos soando!

Li.

Olinda, 28.05.23, 13h23.

79. Leia na íntegra o discurso histórico de Madonna em prêmio de “Mulher do Ano”. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/global/2016/12/12/leia-na-integra-discurso-historico-de-madonna-em-prmio-de-mulher-do-ano-18209.html>> Acesso em 05.05.24.

4 SEGUINDO A LINHA - ENSAIO DA MEMÓRIA

“A memória, assim, não é o que passou, mas a reescrita e a consequente significação dada ao passado”
(Sóler, 2015, p. 58)

Memória? Memória pra mim é você reter tudo aquilo que você passou dentro de você, dentro de si, no seu interior. Guardar coisas, lembranças...é uma lembrança, memória é (guagueja) tradu- feita como uma lembrança. (Relato de Amara Rita, cedido em 13.06.22)

Esse filme é sobre tempo e memória, mas é também sobre o nosso encontro, a nossa experiência sobre o que nos atravessa e como a gente se afeta enquanto constrói essa história e como você reverbera com a gente. A gente não sai igual de uma experiência, sabe? Essa também é outra maneira de encontrar. Te dou a mão e espero que você me entregue a sua também. (ENSAIO da memória. 2024. Direção: Natali Assunção.)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Amara Rita. Imagem do filme *Ensaio da memória*.

“Eu tenho te escrito cartas de tantas maneiras e acho que essa aqui é mais uma forma de te escrever. Foi falando sobre liberdade e aprisionamento que quis sentir aspectos do tempo e da memória encontrando mulheres da chamada terceira idade. Tem um bocado de coisa aí. Minha mãe que tem mais de 60, minhas avós, tantas outras mulheres que cruzaram cruzam e ainda vão cruzar os caminhos com meu e tem também a minha própria caminhada.” Esse trecho vem de uma das minhas falas em off⁶⁰ do filme *Ensaio da memória*. O retomo precisamente nesta página por causa do citado efeito matrioska deste trabalho, que documenta e é documental, fornecendo obras que são, separadamente, independentes e completas em si mesmas, mas que expandem a possibilidade de in-

80. Fala de personagem que está fora da cena.

terpretação e de desdobramentos, sempre que acompanhados pelas demais criações (cinema-teatro-escrita-fotografia). Em certa medida, sigo escrevendo essas cartas para que possamos suspender o tempo, e para que possamos nos ver, de verdade, nos encontrar, na medida em que nos atravessamos, independentemente do meio de criação.

Aqui escrevo sim para a minha avó, uma das minhas pessoas preferidas no mundo, mesmo que deixe tão a desejar com essa minha não presença física manifestada (ou melhor, não manifestada) há tantos anos. Acredito que procuro tudo aquilo que eu não disse, tudo aquilo que não ouvi - e agora já não posso, uma vez que a memória dela se perdeu em outras esquinas - e tudo aquilo que, até hoje, não consegui mudar. Escrevo também para a minha mãe e para essas mulheres que conversaram aqui comigo. Escrevo para você porque acredito neste encontro, acredito que nos olhamos verdadeiramente. Escrevo para quem se juntou a essas criações e a quem por aqui cruze os caminhos. Escrevo também para mim - a que fui, a que sou, a que ainda vou ser. E te escrevo assim: com tinta, papel, teclado, fotografia, filme, teatro. Corpo, voz, espírito, mente, matéria, entrega. Te escrevo com tudo o que posso, com tudo o que tenho, oferto-te.

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
e as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
quando o poema me anoitece.



A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?
(Leminski, 2013, p. 218)

Ensaio da memória é um *filme-processo* realizado a partir de um *roteiro-mapa* idealizado por mim, que encontrou no montador Sérgio Santos⁸¹, Serginho, o complemento ideal, porque foi nesse tecer a quatro mãos que chegamos ao que esse trabalho precisava. Foi uma criação de muita parceria, diálogo, dedicação e contribuição conjunta.

No início, idealizei um documentário que mesclasse as narrativas dessas mulheres a imagens produzidas por elas durante o período de uma semana. No entanto, sendo essa uma produção independente, ajustes foram necessários. Esse foi um deles: como nem todas tinham um celular ou, às vezes, o traquejo necessário para essa captação de imagens, fomos adaptando. Conversamos com elas nas suas casas e fizemos imagens dos seus espaços, objetos, animais de estimação, detalhes da maneira de falar, olhar, etc. “(...) é extremamente importante, então, que a *mise en scène*, em vez de ilustrar alguma ideia, exprima a vida - o caráter dos personagens e seu estado psicológico”

81. Bacharel em Comunicação Social pela UFPE. Editor de imagem do NTVRU/UFPE. Fotógrafo e realizador documentarista, com atuação em projetos independentes e em parcerias com instituições culturais e educativas. Colaborador, em diversas funções, de produções premiadas em festivais de cinema e vídeo.

(Tarkovski, 1990, p. 23). À medida em que fomos tecendo o fio, percebemos que o documentário, assim como essa escrita em primeira pessoa, também precisava ser em primeira pessoa. Era necessário me despir também ali. Não no que se refere às roupas, mas no que se refere à alma. Foi difícil, bem mais difícil do que imaginei. Por vezes, o próprio Serginho atuou como a *bússola-lembrete* que me provocava em busca dessa voz ativa.

Processo:

2 Ação ou operação contínua e prolongada de alguma atividade; curso, decurso, seguimento: “No dia seguinte, A Manhã abre, em festa, as suas manchetes, contando todo o processo do suborno [...]” (NR).

3 Sequência contínua de fatos ou fenômenos que apresentam certa unidade ou se reproduzem com certa regularidade; andamento, desenvolvimento⁸².

Te convido novamente ao dicionário, a uma definição basilar, objetiva e popular do que proponho. Sabíamos o que queríamos: um *filme-encontro*, um *filme-confissão*, um *filme-olhar*, que mesclasse as vozes dessas mulheres e a minha voz, em uma narrativa íntima que partilhasse o que nascia desse encontro. Teríamos, portanto, as mulheres e eu. Suas vozes, seus entornos, minhas confissões apresenta-

82. MICHAELIS - Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/processo/>> Acesso em 20.05.24.

das em *off* e imagens produzidas por mim, gravadas com celular, que traduzissem um pouco desse meu olhar e atravessamento.

Descobrimos o caminho desse documentário juntas, à medida em que o trilhamos - um *filme-processo*. “Para um documentarista, a realidade que interessa é aquela construída pela imaginação autoral, uma imaginação que se manifesta tanto no momento da filmagem como no processo posterior de montagem” (Salles, 2005, p. 5) Nascia, durante o próprio construir, a realidade do filme que já entrelaçava em si não apenas as gravações com as mulheres, mas também os processos das demais obras que compõem os *Contornos do tempo*. Ainda de acordo com João Moreira Salles, enquanto o filme se encerra em si mesmo para o espectador, uma vez que este não teve acesso ao que vai por trás da obra, para a direção, o filme é apenas a ponta que se sobrepõe ao que os olhos não podem ver, afinal, a direção compartilhou com essas pessoas e com a equipe a presença, o encontro, a maneira como se deu a recepção, o que se compartilhou para além do corte na tela. Segundo ele, o filme seria “no mínimo a construção de uma outra experiência” (Salles, 2005, p. 8). Não se trata de um registro, trata-se de uma construção, uma “narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado. Nenhum filme se contenta em ser apenas registro. Possui também a ambição de ser uma história bem contada” (Salles, 2005, p. 6). E foi essa narração que foi se apresentando, à medida em que a narrávamos juntas.

Propusemos um *filme-revelação* que pretende provocar mais sensações do que um entendimento aristotélico de início, meio e fim. Mais importante do que saber quem está falando a cada momento,

o que você (espectadore) sente? O que nasce da proposta som-ima-
gem, quando esta toca a sua retina, quando esta dança com os seus
ouvidos? Que caminhos você enxerga? Em que parte de você essas
mulheres e suas narrativas reverberam, e que outras histórias do seu
entorno se propagam na tela?

Ensaio da memória tem 53 minutos de duração e se divide em
duas partes:

I Uma ilha de edição

Trecho retirado da frase aqui citada de Wally Salomão.

II Substantivo feminino

Trecho retirado da minha carta sobre tempo e memória, comparti-
lhada com você e com essas mulheres.

Em sua estrutura, o filme apresenta trechos do ensaio fotográ-
fico, imagens feitas por mim com celular, gravações realizadas com
as mulheres em seus espaços e narrações em off, feitas por mim, que
vão costurando a narrativa.

(...) todo filme é sobre alguma coisa, enquanto a rea-
lidade, não. Historicamente, a tradição crítica buscou
o sentido do documentário nesta coisa sobre a qual o
filme discursa. Minha posição, que acompanha algu-
mas tendências mais recentes, é que não deveríamos
olhar para o substantivo, mas para a preposição, para
o sobre; não para a matéria, mas para o modo como o



filme aborda a matéria. Dito de outra maneira, o documentário não é uma consequência do tema, mas uma forma de se relacionar com o tema. (Salles, 2005, p. 6)

Apresentamos o tema, a proposta e vamos ouvindo, aos poucos, essas mulheres, em conjunto com imagens que, sobrepostas, pretendem despertar sensações. Nos primeiros minutos vamos construindo essa ambiência que provoca o espectador a sentir mais do que a racionalizar o filme. Só por volta do décimo segundo minuto, vemos uma das nove mulheres e, a partir daí, aos poucos, cada uma vai sendo apresentada na imagem. Para além de compor essa ambiência, queremos construir as narrativas à medida em que as mulheres vão, paulatinamente, sendo reveladas. “Tempo é uma coisa assim muito elástica, muito surpreendente e muito variável dentro de você mesmo” (Relato de Kátia, cedido em 28.06.22).

Aqui, as imagens de apoio⁸³ não estão necessariamente ilustrando o que se fala. Essas imagens são, na verdade, parte do universo de quem fala. Um pouco do que nos foi apresentado por essas mulheres seja por meio de objetos, de animais de estimação, de cômodos da casa, etc. No filme, elas não entram para literalmente mostrar o que se diz, mas sim, para ampliar o acesso de quem vê. Pode não revelar uma pessoa referenciada verbalmente, por exemplo, mas nos mostra

83. Imagens referentes ao espaço, dia, encontro de uma gravação que não se referem especificamente à captação da fala da pessoa registrada. Ou seja, imagens que dão apoio à fala, que complementam o que foi dito ou o que se pretende narrar.

quem está na mesa de cabeceira daquela mulher. Essa é uma maneira de abrir novos portais que não mastigam as informações, mas propõem diferentes abas que podem ser abertas por quem vê.

O material cinematográfico, porém, pode ser combinado de outra forma, cuja característica principal é permitir que se exponha a lógica do pensamento de uma pessoa. Este é o fundamento lógico que irá determinar a sequência dos acontecimentos e a montagem, que os transforma num todo. A origem e o desenvolvimento do pensamento estão sujeitos a leis próprias e às vezes exigem formas de expressão muito diferentes dos padrões de especulação lógica. Na minha opinião, o raciocínio poético está mais próximo das leis através das quais se desenvolve o pensamento e, portanto, mais próximo da própria vida, do que a lógica da dramaturgia tradicional. (Tarkovski, 1990, p. 17)

Assim como na abertura da exposição fotográfica na qual contamos com a música, naquele caso executada ao vivo, de Pedro Huff, no filme também tivemos a oportunidade de tecer conjuntamente com as suas músicas, que passaram a ser um elemento fundamental para essa narrativa.

A música, porém, não é apenas um complemento da imagem visual. Deve ser um elemento essencial na concretização do conceito como um todo. Bem usada, a música tem a capacidade de alterar todo o tom emocional de uma sequência fílmica; ela deve ser inseparável da imagem visual. (Tarkovski, 1990, p. 191)

“No tempo Cronos, que é esse tempo que a gente contabiliza dias, horas, minutos, segundos, séculos, milênios, etc., é o tempo mecânico, é o tempo de cálculo, de medida, de movimento. E o tempo Kairós, que é o tempo da criatividade. Então quando eu penso no tempo, eu penso “ai, tô atrasada, tô apressada, tá cedo”, esse tempo mecânico, medido, contado, né, racional. Mas também me vem à mente o tempo Kairós que se escreve com K, (*Natali sorri*) Kairós, que é aquele que representa a criação do novo, do que não existe e que está no posto... (*o celular toca uma música*) eu adoro, um beijo, viu, Bob. Bob Dylan novamente. Então, vejam, essa questão... - ele vai fazer parte da trilha sonora, viu? Já vou avisando. Então, é a criatividade em pessoa, Bob Dylan, adoro ele, exatamente essa música em especial, né? [NATALI] Qual é o nome dessa música? [FÁTIMA] É *Blowing in the Wind*. [NATALI] Sim. [FÁTIMA] É, “Soprando no vento”. Exatamente, essa música é uma música pacifista, né, da minha adolescência feminista e dos tempos da ditadura. Enfim, Joan Baez e Bob Dylan estão na minha *playlist* favorita, né? Fora do Brasil. Mas aí eu penso o tempo assim, né, com essas duas vertentes. E... a passagem do tempo... eu acredito... eu sou atea, mas eu acredito muito na ciência, sou uma cientista social, então, pra mim é muito importante entender que a gente tem o ciclo da vida, né, e que somos poeiras de estrelas e tudo o que está aqui ao nosso redor tem os mesmos elementos químicos e físicos que os nossos corpos têm também, isso é muito bonito” (Relato de Fátima, cedido em 27.06.22).

De acordo com esse pensamento, *Ensaio da memória* é uma proposta kairós que convida o espectador a uma dança para além dos ponteiros precisos. E se a gente soltar a necessidade de controle e compreensão absoluta? E se nos permitíssemos sentir por cerca de uma hora? É nesse caminho que vamos abrindo mão de um *tempo-padrão* de



narrativa, nos permitindo experimentar a repetição de sons e imagens, a brincadeira, com velocidades e repetições, e a provocação por meio da combinação dos elementos citados anteriormente (ensaio fotográfico, narrativas, imagens de apoio, imagens de celular, música, *off*).

Para além da rota recalculada com a mudança da proposta inicial de utilizar imagens produzidas pelas próprias mulheres, naturalmente também contamos com imprevistos e interferências. Não pretendo aqui relatar cada detalhe dessa natureza, mas um especial merece o registro, porque, quando nos abrimos ao acaso, uma nova porta de criação pode se apresentar. Você decide se aceita ou não o convite. Eu aceitei.

Durante a gravação com Maria José, tivemos inúmeras interrupções referentes a interferências no áudio, que solicitaram pausas. Uma delas, em especial, mudou o rumo da conversa. Maria José é irmã de Amara Rita. Portanto, uma habita a narrativa da outra, tendo alguns pontos de encontro em algumas dores e alegrias que foram compartilhadas. Durante a nossa conversa, Maria José estava prestes a falar sobre certos abusos que aconteceram durante a infância delas (ponto de encontro nos relatos de Amara Rita). Contudo, a gravação precisou ser pausada. Ao retomar a conversa, Maria José, tendo tido mais tempo consigo ou, parafraseando-a, “memoriando”, retomou de outro ponto: um grande amor interrompido. Foi ali, na curva não planejada, que ela tomou seu tempo e trouxe a história de Amaro, um grande amor, que não teve continuidade devido a uma desaprovação paterna.

“Meu tempo pra mim é tudo na minha vida. Hoje eu tenho tempo pra tudo, entendeu? Até pra amar se parecesse eu ainda tinha tempo pra

amar... fosse uma pessoa do meu jeito, meu tempo ainda tinha... meu tempo dá pra tudo, dá pra trabalhar, dá pra passear. O que eu penso do meu tempo é ter uma creche cheia de criança, ser uma voluntária... O meu tempo dá pra isso". (Relato de Maria José, cedido em 13.06.22)

Ludicamente, com muita sobriedade, consciência e sonho, essas mulheres se abriram ao encontro, na mesma medida em que abri escuta e troca. Em uma entrega mútua, busquei a relação, um descamar, a abertura de novos espaços, e assim o foi. Também é nessa chave que falo com você aqui.

"Acho que eu tenho medo da velhice, da incerteza, dos arrependimentos, de não conseguir. Talvez também por isso esteja me debruçando sobre essa questão. Tem a necessidade de encontrar de outra maneira mulheres da minha vida, mulheres que eu não conhecia e também mulheres que eu ainda não conheço. Tem essa maneira de descobrir muito sobre a sociedade, sobre mim quando eu me encontro com outras pessoas e tem também algum medo e prazer nessa caminhada" (ENSAIO da memória. 2024. Direção: Natali Assunção.)

Essa medida de mim mesma, que percebemos ser fundamental para a construção desse filme foi difícil. Eu que normalmente sou toda carne viva, me vi com uma trava para colocar essa voz. Não personagem, não diretora, mas mulher. A primeira pessoa dessa dor e desses medos. Tendo também ali mãe e avó e tantos outros atravessamentos que se apresentam no dito e no não dito dessas presenças.

"Essa é uma maneira de encontrar, mas eu confesso: não achei que estaria tão exposta aqui. Acabei tirando mais camadas de pele do que imaginei e, olha, tá sendo tão difícil. Eu que costumo andar sempre com o

coração pelo lado de fora me peguei sem conseguir aqui, uma trava, uma frustração e as coisas se emperrando, levando mais tempo do que eu queria, do que planejei, do que imaginei. Irônico, né? Eu sei. Espero ter conseguido. A sorte é que eu pude contar com muita gente massa e, no fim das contas, eu não tenho muita escolha. Preciso dividir isso para que não se afogue em mim. É uma necessidade”. (ENSAIO da memória. 2024. Direção: Natali Assunção.)

Foi muito tecer, desfazer o ponto e voltar novamente, até chegar nessa entrega em tela. “(...) um filme nasce da observação direta da vida; é esta, em minha opinião, a chave para a poesia do cinema. Afinal, a imagem cinematográfica é essencialmente a observação de um fenômeno que se desenvolve no tempo” (Tarkovski, 1990, p. 77).

4.1 ESTREIA EM TELA GRANDE

Realizada a caminhada da finalização do filme, restava a culminância de um segundo encontro com as pessoas, em tela grande. Esse momento se dividiu em duas partes⁸⁴: no dia 23 de janeiro de 2024 estreou o documentário Ensaio da memória. No dia seguinte, 24.01.24, o espetáculo Ensaio do agora chegou ao público. Ambos os momentos, inclusive, foram seguidos de uma roda de diálogo sobre cada trabalho. A pesquisadora, documentarista e mestra em educação Ju-

84. MEMÓRIAS de mulheres idosas em cartaz na Caixa Cultural do Recife. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/memoria-de-mulheres-idosas-em-cartaz/312349/>> Acesso em 22.05.24

liana Lima⁸⁵ mediou a conversa acerca do filme, e a artista e comunicadora Hblynda Morais⁸⁶ mediou a conversa acerca do espetáculo. Aqui, ficamos sabendo dessa estreia em conjunto, mas, para facilitar o processo, seguiremos tecendo em uma linha do tempo, então, mais adiante, falaremos especificamente sobre o espetáculo. Na mediação do filme, contamos com parte da equipe: o montador Sérgio Santos, a produtora de set, Bárbara Sousa, e eu.

85. Pesquisadora, documentarista e mestra em Educação. Coursou Direção de Fotografia, pela Academia Internacional de Cinema (AIC). Participou do Programa de Qualificação em Narrativas Negras, Direção e Fotografia para cineastas negros, pelo Centro Cultural de Cinema Negro Zózimo Bulbul. É realizadora audiovisual desde 2010 e diretora dos curtas-metragens, Psiu! (2014), Mayra está bem (2017), Elos (2019), Eu faço a minha Sambada (2021) e Lá no Alto (em finalização). Integra a Associação dos Profissionais no Audiovisual Negro (APAN) e o coletivo Negritude Audiovisual Pernambuco. Foi vice-presidente da ABD-PE, atuando diretamente no Conselho Consultivo do Audiovisual de Pernambuco, onde protagonizou o movimento de inclusão das políticas afirmativas no edital do Funcultura Audiovisual, a ação foi pioneira no país. Em 2021, participou do II Colaboratório Criativo, Laboratório de Roteiros para Séries, realizado pela AFAM Venturis e Netflix. No momento, trabalha no desenvolvimento de roteiros de longa-metragens e séries para tv e streaming.

86. “Bixa, preta, gorda e não-binária. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE. Licenciada em História na Universidade de Pernambuco (UPE). É Membro do grupo de Estudos de História e Gênero da UPE e GT de Gênero da Associação Nacional de Pesquisa em História (ANPUH), atuando principalmente nos seguintes temas: Identidades, Gênero e Sexualidades, Teoria Queer, Relações étnico-raciais, Direitos Humanos e Ensino de História. Atua nas áreas de Atriz, dramaturga, pesquisadora e produtora cultural. Seus últimos trabalhos nas artes cênicas são: A podridão que há em mim (2016), Nostradamus (2018), Diário da Independência (2019-2021), Intrusos (2019), Ubuntu: Uma linda aventura na Floresta Afrobrasilândia (2021) e Narrativas Encontradas Numa Garrafa Pet na Beira da Maré (2023)”.

A estreia foi emocionante, não apenas pela repercussão, alcance e qualidade da conversa após a exibição, mas também porque parte das mulheres puderam estar presente no lançamento, e essa partilha dá um brilho totalmente diferente. Estiveram lá: minha mãe, Zélia, Kátia, Fátima, Maria José, Adélia, Amara Rita e Raquel.



Estreia do filme Ensaio da memória. Da esquerda para a direita: Kátia, Fátima, Maria José, Adélia, Natali, Amara Rita e Zélia. (Raquel não pôde ficar para a foto). Fotografia: Morgana Narjara. 23.01.24.

Pela primeira vez, contei com a presença - ainda que parcial - da maioria dessas mulheres juntas. Sete das nove (Raquel não está na foto, mas compareceu ao evento) estiveram presentes nesse momento que me pareceu emblemático em relação a esta produção.

CARTA PARA VOCÊ

(#6)

Penso que meu coração não tem chave. É um bocado aberto e cheio de fé. Teimoso que só e audacioso, ainda que exigente. Cai e volta, machuca, retrai, volta. Muda, ajusta, segue. Corre um bocado de coisa aqui dentro e talvez seja mesmo por isso que tem tanto que vai tomando forma de tantas maneiras.

Hoje eu recebi uma mensagem que falava sobre admiração. Sobre como é bom e estimulante presenciar esse movimento todo. Eu estava mesmo precisando ouvir - ou, no caso, ler - aquilo que foi como um abraço de almas calmas e revoltas. Almas poéticas em dança.

Li.

Olinda, 22.05.2024, 18h55min

5 TRAÇANDO O PONTO - ENSAIO DO AGORA

[NATALI] Como é que é a sua relação com música, com carnaval? [MARIA JOSÉ] Eu amo, adoro, eu me sinto muito feliz, eu gosto mesmo que é uma coisa que anima a gente que a gente vai pensar em coisa boa, enquanto a gente tá naquele movimento ali, a gente não tá pensando em outras coisa mal. (Relato de Amara Rita, cedido em 13.06.22)

“O teatro deve chegar a um ponto de ebulição diante de um par de olhos” (Brook, 2009, p. 24)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Maria José. Imagem do filme *Ensaio da memória*.

“Para que algo de qualidade aconteça, é necessário criar um espaço vazio, possibilitando que um novo fenômeno ganhe vida” (Brook, 2016, p. 7). Chegamos à sala de ensaio no nosso espaço vazio que, ao mesmo tempo, se apresenta repleto de vida e movimento: as obras criadas até aqui e seus respectivos processos, demais artistas que contribuíram em cada momento, as nove mulheres, os dispositivos, as conversas, tudo que já entrou em uma das criações e o que ainda não entrou. As fricções e fagulhas, os incêndios, o movimento, os encontros, o repouso, a pausa. Está tudo aqui, tudo posto, tudo vibra e, no entanto, uma vez mais, partimos do “vazio”, dessa possibilidade de obra que pode ser absolutamente tudo. Temos sim todo esse caminho prévio para nos dar base, mas surge também um novo horizonte no qual tudo pode acon(tecer).

Neste ponto da trajetória dois nomes fundamentais se apresentam: Analice Croccia⁸⁷, que já vem sendo citada neste trabalho, e Domingos Júnior⁸⁸. Ambos companheiros de longa data, com os quais venho contribuindo e criando em diferentes obras e linguagens artísticas. Analice Croccia, em especial, vem ainda mais longe nessa nossa trajetória. Nos conhecemos antes disso, inclusive, mas fizemos juntas o Curso de Interpretação em Teatro do SESC Santo Amaro (Recife/PE). Destaco alguns trabalhos nos quais esse trio colaborou: no

87. Analice é professora pelo curso de licenciatura em Teatro da UFPE e atua nas salas de aula do Centro de Artes Grupo Vida, desde 2021, nas turmas de crianças, jovens e adultos. Mestranda no programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRN. Na sua formação é atriz pelo Curso de Interpretação para Teatro do Sesc Santo Amaro e também especialista em Gestão Cultural pelo SENAC. No Recife, desempenha funções de diretora, atriz, produtora e preparadora de elenco de diversos projetos. Também é responsável pela identidade visual e direção de arte de alguns projetos que participa. Um dos trabalhos mais recentes é o *SER RIZOMA*, que recebeu o prêmio COPERGÁS de melhor espetáculo de dança do Janeiro de Grandes Espetáculos 2024, no qual foi diretora.

88. Multiartista oriundo de Paudalho, zona da mata norte do estado de PE. Desenvolve trabalhos nas artes cênicas e audiovisual - intérprete, diretor, produtor e iluminador. Formado em Arquitetura e Urbanismo (ESUDA); Licenciatura em Teatro (UFPE) e pós-graduado em As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual (UNICAP). Nas artes cênicas, produziu e interpretou no espetáculo *Arranca!* (dir. Domingos Jr), *Ensaio do Agora* (dir. Analice Croccia, Domingos Jr e Natali Assunção). No audiovisual, assinou a direção de arte do videoclipe *Quase* (Fábio Lopes), vídeo clipe Tainá Sampaio. Produtor dos filmes *Com Chita e Paetê se Faz História* (dir. Domingos Jr), *Corpo-Capital* (dir. Domingos Jr.), *À Mesa* (dir. Analice Croccia). Fundador e dirigente da produtora Canela Vermelha.

espetáculo *Espera o outono, Alice*⁸⁹, do AMARÉ Grupo de Teatro, no qual fiz parte da concepção, dramaturgia e elenco, enquanto Analice Croccia codirigiu o espetáculo e Domingos Júnior fez operação de luz. No monólogo *Ainda escrevo para elas*⁹⁰, do *Memória em chamadas*, no qual mais uma vez fiz a concepção, dramaturgia e elenco, enquanto Croccia o codirigiu, assinou a direção de arte e a identidade visual. Já Domingos fez assistência de criação de luz e operação de luz. No filme *À mesa*⁹¹, a concepção é de Domingos Júnior, enquanto ele e eu estamos no elenco sob direção de Croccia.

Então é assim que começamos a ocupação da sala de ensaio: três artistas, a citada trajetória e um caminho a percorrer, na mesma medida em que ainda estava por ser descoberto. Neste processo, toda a criação se reveza majoritariamente entre nós três. A encenação, a

89. Direção de Analice Croccia e Quiercles Santana. Marcou presença em festivais como *Ao Teatro!* (Portugal), *Janeiro de Grandes Espetáculos* (PE), no qual Natali Assunção foi indicada ao prêmio de atriz revelação, *Festival Recife do Teatro Nacional e TREMA! Festival de Teatro* (PE), dentre outros.

Sobre a sua estreia: ESTREIA da peça *Espera o outono, Alice* encerra o *Janeiro de Grandes espetáculos*. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/01/estreia-da-peca-espera-o-outono-alice-encerra-janeiro-de-grandes-es.html> Acesso em 26.05.24

UM PAPO sobre o espetáculo *Espera o outono, Alice*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ebesJ5hZGz4>> Acesso em 26.05.24.

90. Direção de Analice Croccia e Hilda Torres. Marcou presença em festivais como *Janeiro de Grandes espetáculos*, no qual Natali Assunção foi indicada na categoria de melhor atriz, *Palco Giratório e Festival Aldeia do Velho Chico*, dentre outros.

91. Marcou presença em festivais como: 5º *Festival de Muriaé*, *Curta o Gênero 2021*, *Athens Digital Arts Festival*, *Crossroads 2021*, *Festival de Dança do Recife 2023*.

dramaturgia e o elenco são compartilhados, enquanto a criação de luz e de vídeo é assinada por Domingos Júnior; a identidade visual, por Analice Croccia e a produção por mim, Natali Assunção/*Memória em chamuscas*. Somou-se ao grupo Gabriela Holanda⁹² assinando o figurino do espetáculo.

Nossa criação se pauta muito no grupo de artistas que está no trabalho. Ou seja, essa tríade permeia intimamente o que foi elaborado. Não fazemos um espetáculo a partir das vozes das nove mulheres e dos trabalhos anteriores sem nos colocarmos em pauta. Na

92. Multiartista, atuando em diferentes frentes, como: preparadora corporal, figurinista, diretora de arte, diretora, dançarina, performer, atriz, pesquisadora e arte-educadora. Mestre (UFBA, 2019) e licenciada (UFPE, 2014) em Artes Cênicas, seus trabalhos autorais têm fluído pela performance, dança contemporânea, teatro físico, educação somática, ecologia, composição situada no lugar, intervenção urbana e videoperformance. Desde 2012, é figurinista em criações de dança, teatro e cinema, integrando criações como: *Estopim Dourado* (Anny Rafaella Ferli, Gardênia Fontes e Taína Veríssimo, 2024); *Antígona - Retomada* (solo de Márcia Luz com dir. Quiercles Santana, 2024); Nove Tentativas de *Não Sucumbir* (Cia. Devir, 2023); *Roda de Terreiro* (Cia. Arte Folia, dir: Daniel SemSobreNome e Marcelo Sena, 2022); *Arranca!* (dir: Domingos Júnior, 2022); *Sopro d'Água, À Beira e Memórias de um ex-rio* (trabalhos autorais de Gabi, sendo o figurino de *Sopro d'Água* premiado no Festival de Teatro da Amazônia, 2022); *Retomada* (espetáculo de dança - Grupo Totem, 2016-2020), dentre outros. Investiga ecoperformance, composição situada no lugar e dança em campo expandido, elaborando criações permeadas pela interação de linguagens e estudos: dança, performance, teatro, audiovisual e ecologia. É criadora e realizadora do projeto performativo e espetáculo *Sopro d'Água*, a videodança *Desatar*, a formação *Corpo-Ambiente em Fluxo* e o projeto artístico e socioambiental *Catando memórias de um ex-rio*, sobre os afetos e conflitos conectados aos rios em espaço urbano, desdobrando-se em: performance itinerante *À Beira*; curta-metragem *Memórias de um ex-rio*; *Oficina Corpo-Afluente*; série em audioperformance *Leito*.



Sala de ensaio: Analice Croccia, Domingos Júnior e Natali Assunção. 2023.

cri(ação) do espetáculo *Ensaio do agora*, uma vez mais, trabalhamos o encontro, o se afetar: a trajetória e as obras até então realizadas, as vozes das nove mulheres e nós três. O que resulta desse encontro? Como falar sobre tempo e memória a partir do encontro com as perspectivas dessas mulheres com mais de 60 anos, tendo esses três artistas em cena?

Inicialmente, a proposta era friccionar as narrativas das mulheres à história de vida da escritora norte-americana Sylvia Plath (1932 - 1963), que se suicidou aos 30 anos. “Considerada um dos principais expoentes da poesia confessional, narrando em seus versos a intimidade e as angústias de uma mulher e traduzindo em literatura a condição da depressão” (Revista Galileu⁹³), aos oito anos de idade, ela teve seu primeiro poema publicado no jornal *Boston Herald*, na sessão infantil. Casou-se com o poeta Ted Hughes, com quem teve dois filhos: Frieda e Nicholas.

A autora é conhecida como um dos principais nomes da poesia confessional, gênero focado nas experiências e na psiquê individuais do autor. Pouco famosa em vida, Plath alcançou prestígio após seu suicídio – fato que acrescentou uma camada de profundidade em sua literatura melancólica e que a consagrou como um símbolo feminista. Seus diários, mantidos

93. QUEM FOI Sylvia Plath e qual sua importância para a literatura. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2022/02/quem-foi-sylvia-plath-e-qual-sua-importancia-para-literatura.html>> Acesso em 26.05.24.

desde a infância e tornados públicos postumamente, também narram sua vida de angústias e depressão. (Revista Galileu⁹⁴)

Ao criar esse paralelo entre as nove mulheres com mais de 60 anos e a vida da escritora, que morreu aos 30, a proposta era falar de um entre-lugar no qual eu me situava (assim como as demais do elenco): Dos mais de 30, em relação a Sylvia, e dos menos de 60, em relação às mulheres. Daquilo que já foi e do que ainda não aconteceu. No entanto, o encontro com essas mulheres me levou por uma estrada muito diferente da que eu havia previamente imaginado. Ao iniciar a jornada, imaginei que encontraria muitas dores nas histórias compartilhadas comigo - e encontrei -, mas encontrei muito mais que isso. Encontrei tranquilidade, consciência dessas dores e, para além disso, muita ludicidade e muito sonho. Então, a presença de Plath, como havia sido idealizada inicialmente, foi naturalmente se desfazendo. “Eu comecei essa história com muitas dúvidas e algumas certezas. As dúvidas vão se multiplicando... e, com sorte, vamos sair daqui com mais perguntas do que respostas. Esse espetáculo também seria sobre isso. Eu falaria sobre as histórias de nove mulheres acima de 60 anos e também sobre a vida da escritora Sylvia Plath, que se matou aos 30. Eu, que passei dos 30 de Sylvia e não cheguei aos 60 das mulheres, falaria desse entrelu-

94. *QUEM FOI Sylvia Plath e qual sua importância para a literatura. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2022/02/quem-foi-sylvia-plath-e-qual-sua-importancia-para-literatura.html>> Acesso em 26.05.24.*

gar. Desse que já passou e do que ainda não veio, mas, na sala de ensaio, como é de costume, as coisas tomaram outros rumos. Memória para mim é tudo. Desde que você nasce até o ponto em que está vivendo. Você vai adquirindo, adquirindo, adquirindo, adquirindo... Tudo é memória. Você vai adquirindo, adquirindo, adquirindo, adquirindo..." (Ensaio do agora. dir. Analice Croccia, Domingos Jr e Natali Assunção, Recife, 2024). Não mais me debruçaria sobre as dores da escritora, mas ela seguiu fazendo parte da criação, uma vez que o espetáculo acabou apresentando uma estrutura um tanto metalinguística, que nos coloca em contato com essa ideia inicial: há a pontuação desse desejo, desse citado entre-lugar, há a condução dos novos caminhos e há a presença da escritora por meio de um dos seus textos, *Canção de amor* da jovem louca, que permeia a dramaturgia como um dos marcadores de tempo e de novos inícios em cena.

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro
Ergo as pálpebras e tudo volta a renascer
(Acho que te criei no interior da minha mente)
Saem valsando as estrelas, vermelhas e azuis,
Entra a galope a arbitrária escuridão:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Enfeitiçaste-me, em sonhos, para a cama,
Cantaste-me para a loucura; beijaste-me para a insanidade.
(Acho que te criei no interior de minha mente)
Tomba Deus das alturas; abrande-se o fogo do inferno:
Retiram-se os serafins e os homens de Satã:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Imaginei que voltarias como prometeste
Envelheço, porém, e esqueço-me do teu nome.

(Acho que te criei no interior de minha mente)
Deveria, em teu lugar, ter amado um falcão
Pelo menos, com a primavera, retornam com estrondo
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro:
(Acho que te criei no interior de minha mente.)
(PENSADOR⁹⁵)

A criação se deu majoritariamente por meio dessa tríade de composição formada por essas duas atrizes e um ator que compartilhavam diferentes funções no processo.

(...) só posso falar do teatro que conheço. Tenho de limitar a minha visão e falar do teatro tal como o compreendo, autobiograficamente. Tentarei falar de atos e conclusões dentro do meu campo de trabalho: é isso que constitui a minha experiência e o meu ponto de vista. O leitor, por sua vez, deve observar que isso é inseparável de tudo o que aparece no meu passaporte - nacionalidade, data de nascimento, lugar de nascimento, características físicas, cor dos olhos, assinatura. É inseparável também da data de hoje. Eis um retrato do autor no momento de escrever: em busca, dentro de um teatro em decadência e evolução. Enquanto eu continuar a trabalhar, cada experiência tornará essas conclusões inconclusivas, mais uma vez.
(Brook, 1968, p. 160)

95. PENSADOR. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTMyMjc3/>> Acesso em 26.05.24 . Citação seguindo a formatação do poema.

Começamos com encontros, para imaginar caminhos possíveis, discutir referências e trocar materiais. Em seguida, ocupamos a sala de ensaio, para experimentar, a partir, principalmente, das narrativas das nove mulheres. Toda a transcrição das gravações, por exemplo, foi compartilhada, com destaques iniciais feitos por mim, bem como pinçamos alguns textos de Sylvia Plath, dos quais foi selecionado o citado acima. Não determinamos modelos específicos. Nesse momento, poderíamos experimentar o que pulsasse em nós e nos materiais, da maneira que pulsasse em nós e nos materiais. Então, organicamente, cada intérprete foi selecionando trechos com os quais se identificava e fomos levando propostas para a cena. Paralelamente, propúnhamos exercícios cênicos entre nós para experimentar possibilidades de criação. “O material vivo dos atores fala, sente e explora o tempo inteiro - ensaiar é um pensar em voz alta visível” (Brook, 1968, p. 172).

Foi ponto a ponto que estruturamos uma dramaturgia nascida do experimento na cena, que entrelaça as narrativas dessas nove mulheres e esse encontro, cuja estrutura se baseia em uma carta aberta à minha avó, e também ao público, que passa pela jornada, a nossa jornada, do que é tempo e memória, a partir do encontro com histórias de mulheres com mais de 60 anos. O espetáculo se apresenta como uma brincadeira, uma evocação lúdica, permeada por tensão, dores, sonhos e vida. Metalinguisticamente, falamos sobre o processo em si e vivenciamos três possibilidades de estrutura, sempre permeadas por marcadores de tempo que se repetem três vezes cada um, como três possibilidades de recomeço e/ou de caminhos diferentes: o citado texto de Sylvia Plath e um jogo de perguntas e respostas, o jogo do agora. Vamos também experimentando algumas das vivências com-

partilhadas conosco, construindo a nossa experiência a partir disso, em busca da experiência com quem vê. “A experiência está ali e aqueles que vêm podem vivê-la ou não. A experiência dirige-se àquele que a recebe, se ele a deseja” (Brook, 2009, p. 23).

Foi então que descobrimos que a nossa estética dialogava com jogos e exercícios. Roupas que remetem ao exercício físico, maquiagem leve, espaço com poucos elementos de cena, a cor azul como marca principal e projeção que dialogue com as cenas, propondo novas camadas de interpretação.

Há o palco e dois espaços para projeção. Uma mesa de bar azul e cadeiras da mesma cor. Elementos sobre a mesa, a mesa de luz, um sino, um bolo e alguns objetos de cena. Cada telão dialoga com uma espécie de projeção: o central exhibe as projeções de videoarte feitas a partir das vozes das mulheres e o lateral exhibe captações realizadas ao vivo no palco. Nesses momentos, acompanhamos a cena em si e a projeção da mesma - com seus destaques - na tela. “Tempo pra mim é tempo de tudo, é tempo de costurar, tempo de morrer (sorri) é tempo de nascer, é tempo de fazer alguma coisa, é, um tempo que chove, o tempo de chover, o tempo, é, não sei, não sei muito, assim, pra mim, definir o que é tempo, Pra mim o tempo tá tá em função, em relação também com a memória, entendeu? Tempo, memória, pra mim, estão juntos” (Relato de Amara Rita, cedido em 30.06.22).

5.1 ENCONTRO COM O PÚBLICO

O tão desejado encontro com a plateia se deu por meio de um ensaio aberto, na Caixa Cultural do Recife, que fez parte de uma estreia conjunta⁹⁶, assim como citado anteriormente: no dia 23 de janeiro estreava o filme *Ensaio da memória*, com roda de conversa mediada por Juliana Lima e, no dia seguinte, 24 de janeiro, nascia o espetáculo *Ensaio do agora*, com roda de conversa mediada por Hblynda Moraes.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.

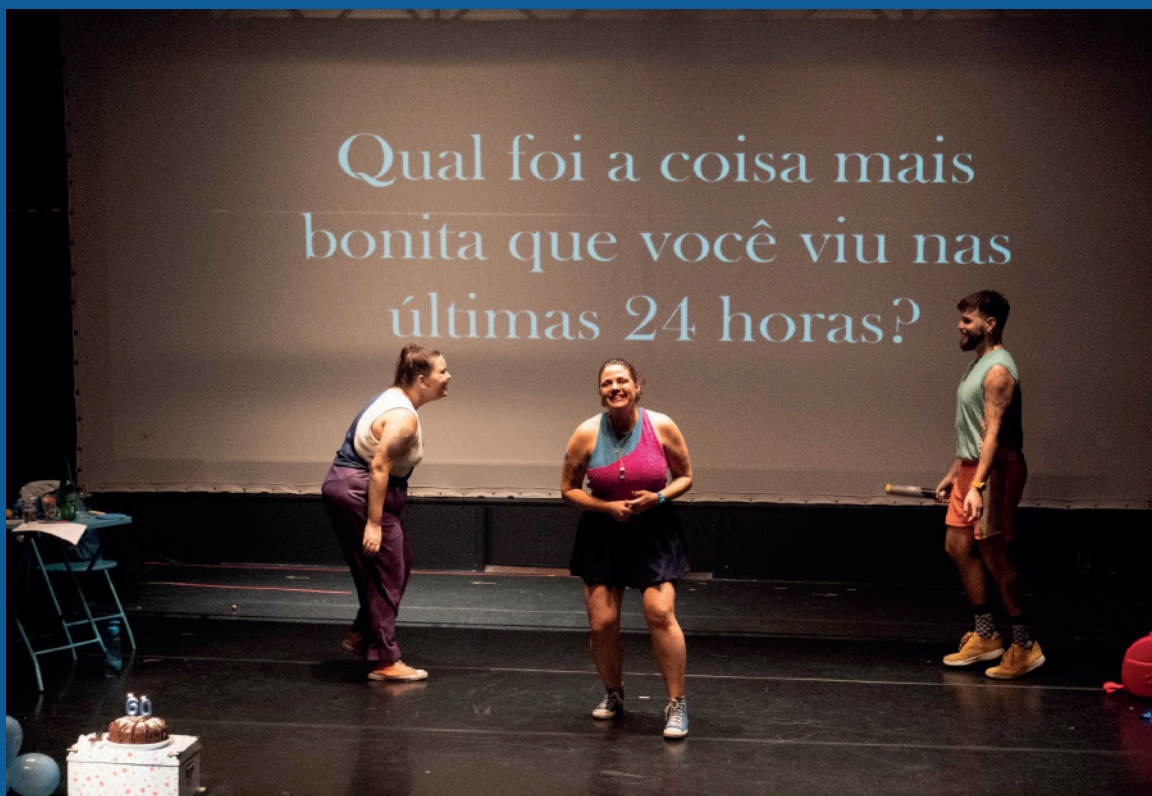
96. JANEIRO é palco para tempo e memória em filme e processo de espetáculo, com acesso gratuito, na Caixa Cultural do Recife. Disponível em: <<https://www.cultura.pe.gov.br/canal/audiovisual/janeiro-e-palco-para-tempo-e-memoria-em-filme-e-processo-de-espetaculo-com-acesso-gratuito-na-caixa-cultural-do-recife/>> Acesso em 27.05.24.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.

Para esta realização, contamos com duas pessoas fundamentais: a já citada Heidi Trindade, que agora, além de auxiliar na montagem da exposição Ensaio do efêmero, somou seus atributos à operação de som e projeção do espetáculo e, além dela, contamos com a produção de Duda Araújo⁹⁷, que nos assessorou com inúmeras questões para que esse momento acontecesse. Novamente, foi uma emoção à parte colocar esse trabalho no mundo, pela primeira vez, contando com a presença de algumas das mulheres que cederam suas histórias: Zélia, minha mãe, Adélia e as irmãs Maria José e Amara Rita estiveram presentes neste encontro. Que delícia poder abraçá-las ali, enquanto éramos também abraçados pela partilha com elas e com o público.

“O teatro não tem categorias; ele fala da vida. Esse é o único ponto de partida, e não há nada mais verdadeiramente fundamental. Teatro é vida” (Brook, 2016, p. 11). É falando de vida e dessa pulsão que nos move que chegamos ao ensaio do agora, no qual nove mulheres com mais de 60 anos falam, sentem e pensam sobre tempo e memória. Três atores se encontram com essas narrativas e vivem uma experiência. O espetáculo documental seria sobre as perspectivas encontradas a partir dessas mulheres e sobre a vida da escritora Sylvia Plath, que se matou aos 30 anos, mas a criação estabeleceu outras possibilidades. Falamos, portanto, sobre encontro, abordando ques-

97. Duda Araújo, radialista por formação pela UFPE e comunicadora de nascença. Apaixonada por ouvir e contar histórias. De tanto resolver tudo para todo mundo, decidiu virar produtora e resolver problemas de forma profissional.

tões referentes a vivências, amor, sofrimento, sonhos e sociedade, em uma direção e dramaturgia construídas pelo elenco, que é composto por Analice Croccia, Domingos Júnior e Natali Assunção.

CARTA PARA VOCÊ (#7)

Hoje parei durante alguns minutos para tomar um café pós-almoço. Me vi observando um pouco de céu possível. O dia estava claro, quase sem nuvens. Mesmo assim, lembrei da brincadeira de procurar imagens lá por cima. Não lembro a última vez que parei para fazer isso. O café fumegante, o calor intenso, um pouco de sombra atrás da barraca de café e algum silêncio. Não encontrei muitas figuras e elas eram um tanto disformes, mas abri o olhar. Estavam lá, com ou sem a suposta nitidez.

Li.

Olinda, 27.05.2024, 21h10min

6 **TECER CONTÍNUO - O QUE FICA, O QUE SEGUE**

“[ZÉLIA] Aquela menina tão bonita não sei para onde foi. Eu às vezes eu pergunto para onde foi aquela criança. Eu fico procurando, não acho. (Risos) [NATALI] Pra onde foi aquela criança? [ZÉLIA] Não sei, ela foi embora. Nas estradas da vida, Ela Foi embora. Pra que tu perguntasse isso, rapaz?” (Relato de Zélia, cedido em 28.06.22)

“Mas eu não tenho medo da velhice não. Eu já sinto a velhice, que 75 anos você não é mais nova de jeito nenhum, mas eu ainda trago sacola de Casa Amarela. Eu gosto de, só pego um táxi pra cá quando, é, tá muito. Quando não é isso, vou com meu filho, que ele tem carro, aí me traz quando é uma coisa muito pesada. Um mora aqui em cima, o outro mora em Camaragibe e nisso a gente vai se revezando, mas eu gosto muito de andar a pé” (Relato de Teté, cedido em 30.06.22)

A vida é um fio,
a memória é seu novelo.
Enrolo – no novelo da memória –
O vivido e o sonhado.
Se desenrolo o novelo da memória,
Não sei se tudo foi real
ou não passou de fantasia
(Queirós, 2020, p. 7)



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.



Ensaio do efêmero. Modelo: Natali Assunção. Foto: Ana Yoneda. 2023.

Travado esse longo tecer de mergulho, composição e entrelaço, que vem desde antes deste trabalho e se seguirá depois dele, percebo que dou continuidade a um tecido de criação composto por uma malha criativa que envolve muitas mãos, almas, corpos, memórias, sonhos, desejos, angústias e corações. Que envolve também diferentes maneiras de construir e elaborar, seja por meio da fotografia, do cinema, do teatro e/ou da escrita. Esse tecido pulsa, vive, busca o tempo, a memória, as chamadas. A pausa, o mergulho, a tempestade. E se tece a partir desse turbilhão.

E ecoando toda essa construção está a voz de Maria José, que me disse: “A memória pra mim é uma coisa muito importante, que a gente deve **memoriar** uma coisa boa não uma coisa ruim, tendeu? Pra eu memoriar uma coisa que um, um passado que vai passar na minha vida, uma coisa que vai passar amanhã ou depois eu prefiro não memoriar... memoriar assim de ser feliz, de chegar num lugar bem bonito, bem florido, tendeu? Chegar numa praia e ver aquele mar bem lindo, aquele sol maravilhoso, sabe... que eu gosto disso... comê... chegar num clube e ver todo mundo dançando, pinotando animado, eu acho bonito, isso, isso, isso, isso bota... memoriar, poxa eu queria tanto fazer isso assim assim, eu queria tanto ir pra aquela dança pra mim dançar, queria tanto pra um pre- me divertir, tendeu? Chegar no carnaval me soltar, esbanhar, dançar, brincar até quando eu quisesse... sabe como é? a minha memória é essa... agora.”

Carrego esse memoriar a cada passo. Também eu quero, aqui, memoriar coisa boa, ainda que também falemos de dores e angústias. Quero memoriar a festa das nossas histórias, a alegria de compartilhar o que nos atravessa e, nisso, encontrar outras e outros que partilham esse olhar, esse tempo, nosso bem mais precioso, principalmen-

te quando imersos em um mundo que parece sugar cada segundo de nossa existência, para que sejamos “produtivas e produtivos”, ou para que não sejamos dones da nossa existência, do nosso descanso, do nosso desejo.

Os contornos do tempo são o nosso memoriar. É com essa palavra em mim que penso sobre essa metodologia, desenvolvida desde as *Narrativas de uma memória em chamadas*, e que pretende seguir vivendo, mesclando o memoriar à escuta, ao narrar, ao tecer, ao criar, à experiência, ao encontro. E o que nasce daqui? *SER-TECER; TECER-SER; NARRAR-TECER. Memoricer*. Essa maneira de criar, a partir de múltiplas histórias, tendo a adaptação como processo, usando dispositivos de criação, tomando forma em diferentes linguagens artísticas, de maneira a realizar obras completas em si mesmas, mas que se complementam e se expandem, quando em diálogo com as demais.

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. **Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar.** Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (O PERIGO DE uma história única. Replicamos aqui a fala poderosíssima da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em uma conversa no TED. Disponível em <<https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em 05.05.24.)

Memoricer é uma maneira de criar que se estrutura a partir dos princípios aqui compartilhados, mas que, assim como o documental, apresenta-se como um campo, sem contornos rígidos, vivo, tecido aberto para ramificações e desdobramentos. E entende o documental como um espaço de afeto e encontro que também possibilita a propag(ação) de narrativas do dia a dia, que fazem a nossa história no cotidiano, na ação, no sonho. Se você abrir olhos, poros e ouvidos, vai encontrar essa vida a todo o tempo. Quem cruzou o seu caminho? Que sonhos habitam aquele vendedor ambulante? O que preocupa o motorista hoje? O que aquela moça te diria se você perguntasse qual foi a coisa mais bonita que ela viu nas últimas 24 horas? E você? Qual foi a coisa mais bonita que viu nas últimas 24 horas? Olha ao seu redor.

CARTA PARA VOCÊ (#8)

Essa trajetória foi muito mais difícil do que pensei. Sei que tem muito a ver com a pandemia e as sequelas disso tudo. Sei também que você sabe bem do que eu estou falando, ainda que cada uma tenha a sua bagagem. Mas meu tempo ficou diferente, sabe? Para o bem e para o mal, acho que ainda estou me reerguendo, mas que bom saber que não estou só. Que bom que você chegou até aqui e que podemos seguir.

Em janeiro desse ano fui ao casamento de Rodrigo Cunha e você não imagina o que aconteceu! Além de toda a beleza que foi a celebração do amor dele com Diego, eu dancei com Maria José e Adélia! Imagine que incrível! Dançando juntas. Analice se juntou a nós e por mais que, fisicamente, estivéssemos nós quatro ali, senti as outras sete mulheres com a gente e também Domingos Júnior.

Vamos dançar?

Li.

Olinda, 28.05.2024, 15h32min

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. A guerra não tem rosto de mulher. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

ASSUNÇÃO, Natali. Narrativas de uma memória em chamas. Recife: Mirada, 2022.

ATWOOD, Margareth. O ano do dilúvio. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

BITTENCOURT, Danny. Fotografia híbrida. São Paulo: Chiado Books, 2021.

BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2012.

BROOK, Peter. Avec Grotowski. Brasília: Dulcina editora, 2009.

_____. Não há segredos - Reflexões sobre atuação e teatro. São Paulo: Via lettera, 2016.

_____. O espaço vazio. Rio de Janeiro: Apicuri, 1968.

BRUM, Eliane. A menina quebrada. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2013.

CUNHA, Rodrigo Santos. Coletivo de teatro Bárbara Idade - engendramentos feministas na cena da mulher senescente. Recife: SESC Pernambuco, 2020.

FELLINI, Federico. Fazer um filme. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

FÉRAL, Josette. Encontros com Ariane Mnouchkine - erguendo um monumento ao efêmero. São Paulo: Edições Sesc, 2010.

GIORDANO, Davi. O biodrama pela busca pela teatralidade do comum. Revista Lindes, Buenos Aires, n. 6, maio de 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5182232/O_Biodrama_como_a_busca_pela_Teatralidade_do_Comum_Davi_Giordano_Revista_Lindes Acesso em: 26.08.23.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. Tremores. Rio de Janeiro: Autêntica, 2014.

LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Carmen Maria. Na casa dos sonhos. 1. ed. Kindle. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

MARTIN, Nastassja. Escute as feras. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e clínica: notas como uma prática. Revista Metamorfose, Bahia, vol. 4, n. 4, p. 31-46, junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34130> Acesso em: 26.08.23.

OHATA, Milton (org.). Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

RAGO, MARGARETH. A aventura de contar-de: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SABINO, Fernando. O Tabuleiro de damas - trajetória do menino ao homem feito. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

SALLES, Cecília Almeida. Redes de criação - construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby Novaes, Sylvia (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 2005.

SMITH, Patti. Devoção. São Paulo: Companhia das letras, 2019a.

_____. Linha M. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

_____. O ano do macaco. São Paulo: Companhia das letras, 2019b.

_____. Só garotos. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SOLÉR, Marcos Marcelo. O campo do teatro documentário: moradia possível de experiências artístico-pedagógicas. 2015. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.27.2015.tde-24112015-104357. Acesso em: 26.08.23.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. O fio da palavra. São Paulo: Global editora, 2020.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o tempo. Martins Fontes: São Paulo, 1990.

SITES

BATE-PAPO SOBRE DOCUMENTÁRIO... – Uma conversa sobre documentários com João Moreira Salles. Youtube, postado por Bruno Macedo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6o5BE-76jsPE&t=32s>>. Acesso em: 11.02.2021

CAFÉ COM DENGU <<https://www.instagram.com/cafecomdengo/>> Acesso em 05.05.24

DOENÇA DE ALZHEIMER. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer>> Acesso em 12.10.22

DOENÇA DE ALZHEIMER - Dráuzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/doenca-de-alzheimer/> Acesso em 12.10.22

ENSAIO DO EFÊMERO

<https://open.spotify.com/playlist/3eYV8C2ecfijno9PP0zNiw?si=Unq5YrwiSiO3IME8_S8Z3A&nd=1> Acessado em 11.06.23

ENTREVISTA COM NATARA NEY - Espero que esta te encontre e que Estejas Bem - Clube Cinema #30. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfJ46GVTjyw>> Acesso em 12.10.22

ESPERO QUE ESTA TE ENCONTRE E QUE ESTEJAS BEM. Disponível em: <<https://embaubafilmes.com.br/distribuicao/espero-que-esta-te-encontre-e-que-estejas-bem/>> Acesso em 12.10.22

Dissertação disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29224>> Acesso em 29.04.23.

ESTATUTO DA PESSOA IDOSA ASSEGURA DIREITOS DE PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS - Isenção na taxa de IPTU, prioridade em posse de cargos públicos e Medida Protetiva de Urgência são alguns dos direitos reconhecidos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/estatuto-do-idoso-assegura-direitos-de-pessoas-com-60-anos-ou-mais> > Acesso em 24.10.22

ESTREIA da peça *Espera o outono*, Alice encerra o *Janeiro de Grandes espetáculos*. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/01/estreia-da-peca-espera-o-outono-alice-encerra-janeiro-de-grandes-es.html> Acesso em 26.05.24

EXPOSIÇÃO aborda tempo e memória na perspectiva da mulher acima de 60 anos; saiba onde ver <<https://www.folhape.com.br/cultura/exposicao-aborda-tempo-e-memoria-na-perspectiva-da-mulher-acima-de-60/277450/>> Acesso em 05.05.24

FEITO ALGODÃO DOCE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-DpzgbzdLFs&t=65s>> Acesso em 29.04.23

GAROTA, BEM GAROTA: documentário sobre Raquel Simpsom, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yXofxE9DaPk> > Acesso em 13.11.22.

SALOMÃO, Waly. Carta aberta a John Ashbery. In: Algaravias. Câmaras de Eco. São Paulo. Ed. 34. 1996. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/248083457/Carta-aberta-a-John-Ashbery-Waly-Salomao> Acesso em 29 de abril 2023.

JANEIRO é palco para tempo e memória em filme e processo de espetáculo, com acesso gratuito, na Caixa Cultural do Recife. Disponível em: <<https://www.cultura.pe.gov.br/canal/audiovisual/janeiro-e-palco-para-tempo-e-memoria-em-filme-e-processo-de-espetaculo-com-acesso-gratuito-na-caixa-cultural-do-recife/> > Acesso em 27.05.24

KÁTIA MESEL E O CINEMA PERNAMBUCANO: “É o cinema mais heterogêneo do Brasil”. Disponível em: <<https://www.spiarevista.com/post/especial-m%C3%AAs-da-mulher-k%C3%AItia-mesel-e-o-cinema-pernambucano-%C3%A9-o-cinema-mais-heterog%C3%AAneo-do-brasil>> Acesso em 13.11.22

Canal Kátia Mesel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/KatiaMesell/videos>> Acesso em 13.11.22.

LEI No 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm> Acesso em: 12.10.2021

LEIA na íntegra o discurso histórico de Madonna em prêmio de “Mulher do Ano”. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/global/2016/12/12/leia-na-integra-discurso-historico-de-madonna-em-prmio-de-mulher-do-ano-18209.html>> Acesso em 05.05.24

MEMÓRIAS de mulheres idosas em cartaz na Caixa Cultural do Recife. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/memoria-de-mulheres-idosas-em-cartaz/312349/>> Acesso em 22.05.24

MEMÓRIA EM CHAMAS Instagram do Memória em chammas @memoriaemchamas, disponível em: <<https://www.instagram.com/memoriaemchamas/>> Acesso em 29.04.23

MIA COUTO – BIOGRAFIA, BIBLIOGRAFIA E PREMIAÇÕES -<<https://www.miacouto.org/biografia-bibliografia-e-premiacoes/>> Acessado em 04.04.22

MICHAELIS - Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/processo/>> Acesso em 20.05.24.

NARRATIVAS de uma memória em chammas: uma experiência sobre mulheres em teatro documentário. In: Repositório da UFRN. Disponível no repositório da UFRN em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29224>> Acesso em 26.08.23

Disponível no aplicativo de podcast spotify em: <<<https://spotify.link/xN02z5J08Ib>> Acesso em 27.04.24

NARRATIVAS - legendado em inglês. In: YouTube Memória em chamadas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TKcg_MfzwrA&t=45s> Acesso em 26.08.23

NÚMERO DE IDOSOS CRESCE 18% EM 5 ANOS E ULTRAPASSA 30 MILHÕES EM 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/2017-09-18-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>> Acesso em 12.10.22

O PERIGO DE uma história única. Replicamos aqui a fala poderosíssima da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em uma conversa no TED. Disponível em <<https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em 05.05.24.

OS 12 PAÍSES COM MAIOR QUANTIDADE DE IDOSOS NO SÉCULO XXI - O mundo tem 1,1 bilhão de idosos e os 12 países com maior número de pessoas 60+ são: China, Índia, EUA, Japão, Rússia, Brasil, Indonésia, Paquistão, Bangladesh, México, Nigéria e Etiópia. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/os-12-paises-com-maior-quantidade-de-idosos-no-seculo-xxi/>> Acesso em 24.10.22

PAINEL CORONAVIRUS - <www.covid.saude.gov.br> Acesso em 20.10.22

PANDEMIA REDUZ EXPECTATIVA DE VIDA NO BRASIL EM 4,4 ANOS, DIZ ESPECIALISTA - Pesquisadora do Ipea estima que brasileiros vivam atualmente até os 72,2 anos; antes da Covid-19, média de longevidade era de 76,6 anos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-reduz-expectativa-de-vida-no-brasil-em-44-anos-diz-especialista/>> Acesso em 24.10.22

PEDRO HUFF <<https://linktr.ee/huff.pedro>> Acesso em 05.05.24

PENSADOR. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTMyMjc3/>> Acesso em 26.05.24

(PUBLICO Meia culpa, meia própria culpa. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2002/01/21/jornal/meia-culpa-meia-propria-culpa-166609>> acesso em 29.04.23)



QUEM É A PESSOA IDOSA? Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa>> Acesso em 12.10.22

QUEM FOI Sylvia Plath e qual sua importância para a literatura. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2022/02/quem-foi-sylvia-plath-e-qual-sua-importancia-para-literatura.html>> Acesso em 26.05.24

RARIDADE: Simpson no Show de Calouros | Final dos Anos 80. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqPq_VgBDQA> Acesso em 13.11.22.

RELATÓRIO ANUAL DO DIRECTOR 2019 - Promover a agenda de saúde sustentável para as Américas 2019-2030. Disponível em:

<<https://www.paho.org/annual-report-of-the-director-2019/pt/>> Acesso em: 12.10.2021

UMA MULHER NEGRA EM MOVIMENTO: conheça a história de Vera Baroni. Disponível em: <<https://obirin.com.br/uma-mulher-negra-em-movimento-conheca-a-historia-de-vera-baroni/>> Acesso em 10.06.2022.

UM PAPO sobre o espetáculo Espera o outono, Alice. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ebesJ5hZGz4>> Acesso em 26.05.24

ESPETÁCULOS

Ainda escrevo para elas (monólogo com Natali Assunção, direção de Analice Croccia e Hilda Torres, Recife, 2018).

Conversas com meu pai (monólogo com Janaína Fontes Leite, São Paulo, 2014).

Ensaio sobre o agora (dir. Analice Croccia, Domingos Jr e Natali Assunção, Recife, 2024).

Mamá y mi tía (dir. Vivi Tellas, Buenos Aires, 2003).



FILMES

ELENA. Brasil. 2012. Direção: Petra Costa.

ENSAIO da memória. 2024. Direção: Natali Assunção.

FEITO algodão doce. Brasil. 2009. Direção: Natali Assunção.

GAROTA, bem garota. Brasil. 2018. Direção: Marlom Meirelles.

MARCELINO pão e vinho. 1955. Direção: Ladislao Vajda.

MOONAGE daydream. EUA. 2022. Direção: Brett Morgen.

NARRATIVAS. BRA. 2018. Direção: Natali Assunção.

SANTIAGO. Brasil. 2007. Direção: João Moreira Salles.

TATUAGEM. Brasil. 2013. Direção: Hilton Lacerda. 110min.

APÊNDICE A - DRAMATURGIA DO ENSAIO DO AGORA

Ensaio do agora

Memória em chamadas

Dramaturgia: Analice Croccia, Domingos Jr e Natali Assunção

1. A CARTA

Há três pontos para sentar. Além disso, uma mesa de luz, duas projeções (uma conectada ao celular e outra ao computador). Três atores estão em cena trajando um figurino esportivo com pontos luminosos (referência da era disco entre os anos 1980 e 1990), também há um bolo sem velas no palco.

O público entra enquanto Natali joga ping-pong, Júnior pula corda e Analice *joga o dinossauro do google ao som de uma música techno.*

O público termina de se posicionar. Analice finaliza o joguinho, vai à boca de cena com uma vela de número zero em mãos e conta até 60 olhando o público. Ao terminar a contagem, a música pára e se inicia o áudio da carta de Natali...

CARTA - NATALI - ÁUDIO

Hoje é uma terça-feira, faltam três dias para o meu aniversário. São 22h48 do dia 20 de setembro de 2022. Ainda estamos sob a regência do sol em virgem.

Hoje foi a primeira vez que vi seus cabelos completamente embranquecidos. Curtinho, tão bonito. No entanto me dói porque sei que muito da sua vaidade sempre se mostrou nos cabelos pintados (bem pretos), assim como nas unhas, nas bijouterias - muitas - nas roupas e nos perfumes. Hoje você estava linda com uma blusa florida, um colar com uma flor e brincos brilhantes.

Você completa hoje 87 anos. Sempre foi uma das minhas pessoas



preferidas no mundo. O meu grande amor. Sua alegria e o amor por festa e carnaval sempre encontrou morada em mim. Foram 15 filhos (três falecidos). Não sei quantos netos nem quantos bisnetos. A verdade é que não sei detalhes da sua vida, mesmo que você tenha ajudado a me criar já que passei incontáveis dias e noites na sua casa. Cresci ali. Durante as férias o lugar ficava tão cheio que a sala era tomada por colchões nos quais primos e primas dormiam aos montes.

Soube do Alzheimer depois de decidir realizar esse trabalho... Nada é por acaso, não é!? Soube depois também por não ser uma pessoa tão participativa e por ter estado tão pouco presente fisicamente nos anos que se passaram.

Hoje lembrei que, durante alguns anos, eu sempre recebia uma mensagem fonada. Lembra? Havia um serviço telefônico por meio do qual você podia mandar uma mensagem de felicitações ou algum outro tema e, durante alguns anos, eu recebia essas ligações todo dia 23 de setembro, no meu aniversário. Era você quem me mandava.

Você sempre disse que eu sabia exatamente quais presentes te dar e você sempre acertou os presentes para mim. Gostos diferentes, mas sabemos nos ver.

Foi com a senhora que eu comecei a amar ímãs de geladeira. A primeira coisa que eu comprei quando decidi morar só foram ímãs de geladeira (!) e eu ainda nem tinha a casa!

Analice coloca a vela de número zero no bolo e Natali retira o bolo do lugar.

2. SYLVIA PLATH 1 - O INÍCIO

Analice ainda diante do público declama o poema “Canção de Amor da Jovem Louca”, de Sylvia Plath passando as mãos pelo rosto em movimentos repetitivos.

ANALICE

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro
Ergo as pálpebras e tudo volta a renascer
(Acho que te criei no interior da minha mente)
Saem valsando as estrelas, vermelhas e azuis,
Entra a galope a arbitrária escuridão:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Enfeitiçaste-me, em sonhos, para a cama,
Cantaste-me para a loucura; beijaste-me para a insanidade.
(Acho que te criei no interior de minha mente)
Tomba Deus das alturas; abrande-se o fogo do inferno:
Retiram-se os serafins e os homens de Satã:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Imaginei que voltarias como prometeste
Envelheço, porém, e esqueço-me do teu nome.
(Acho que te criei no interior de minha mente)
Deveria, em teu lugar, ter amado um falcão

Pelo menos, com a primavera, retornam com estrondo

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro:

(Acho que te criei no interior de minha mente.)

Natali interrompe a ação.

NATALI

bate uma palma e se dirige à plateia

Eu comecei essa história com muitas dúvidas e algumas certas. As dúvidas vão se multiplicando... e, com sorte, vamos sair daqui com mais perguntas do que respostas. Esse espetáculo também seria sobre isso. Eu falaria sobre as histórias de nove mulheres acima de 60 anos e também sobre a vida da escritora Sylvia Plath que se matou aos 30. Eu, que passei dos 30 de Sylvia e não cheguei aos 60 das mulheres, falaria desse entrelugar. Desse que já passou e do que ainda não veio, mas na sala de ensaio, como é de costume, as coisas tomaram outros rumos. Memória para mim é tudo. Desde que você nasce até o ponto em que está vivendo. Você vai (*vai saindo andando de costas em direção ao fundo do palco*) adquirindo, adquirindo, adquirindo, adquirindo... Tudo é memória. Você vai adquirindo, adquirindo, adquirindo, adquirindo... (*senta-se*)

3. PROJEÇÃO - MARIA JOSÉ 1 - 01'31"

Assim quando eu tinha meus dezessete anos, aí comecei a namorar com um rapaz, eu gostava muito, muito dele, aí meu pai tava indo, indo, indo, aí quando viu um canto, aí deu, "mas você não vai casar com esse rapaz, esse rapaz não vai dar certo". Ele ainda me chamou pra fugir eu não tive coragem, agora sabe porque eu não tive coragem? Porque eu já vi- eu já não tinha mãe, eu já vivia nas casas dos outros, já vinha sofrendo, aí eu pensava se me cas- se eu fugisse com ele aí quando voltasse pra, como meu pai falou "se você fugir com esse rapaz e você voltar pra casa com bucho na boca, eu não lhe aceito você (incompreensível) pra fora ... Aí eu pensei assim "meu deus, eu já sofro que nem eu to sofrendo na casa das mi- minhas tia, e se acontecer isso meu pai, como é que eu vou fazer?" Aí eu acabei com o rapaz, aí terminou ele... apareceu um aí me casei mais pra fazer mais o gosto do meu pai... Agora se eu tivesse o pensamento que eu tinha hoje não tinha, eu tinha enfrentado meu pai. Esse rapaz chamava- se Amaro. Eu tinha 18 anos, eu tinha de- dezesseis anos e ele tinha

4. FEBRE NA INFÂNCIA

Analice liga o rádio que toca O Guarani. Júnior enquanto enche bexigas azuis.

JÚNIOR

20h! Eu morei 10 anos de minha existência na Rua São Miguel 47 em Paudalho. E todo mundo dizia que alguém que morava no final da rua morreu exatamente no momento em que o locutor da Voz do Brasil anunciou: 20h! Troca essa música, Analice, por favor.

ANALICE

Boto qual?

JÚNIOR

Ah! A primeira música que tu escutou na vida. Tu lembra?

ANALICE

Lembro de uma. Posso mesmo?

JÚNIOR

Pode.

Analice troca a estação mais duas vezes até parar em uma música que permeia a cena: Nem o tempo pode apagar, de Paulo Sérgio. Natali filma a cena de Júnior com o celular que é exibida para a plateia.

JÚNIOR

(Risos) Quando eu era pequena que meus irmãos discutiam alguma coisa ou brigavam comigo, arengavam comigo, aí eu ia para a minha cadeirinha de balanço pequenininha de... tô vendo a cena, verdinha sentava ali com a minha chupetinha e um lençol marronzinho claro com os pimentões e ficava ali cheirando o meu lençolzinho. Dormia, acordava com 39° de febre. Era tão lindo como eu era sensível, rapaz. era lindo. Toda essa civilidade, essa sensibilidade acabou na infância. (Risos) foi triste. (Risos) Canceriana. é isto... Eu era tão quietinha, coisa linda. (Risos) Aquela menina tão bonita não sei para onde foi. eu às vezes eu pergunto para onde foi aquela criança. eu fico procurando e não acho. (Risos)

NATALI

Pra onde foi aquela criança?

JÚNIOR

Não sei, Ela foi embora. Nas estradas da vida, ela. Foi embora. Pra que tu perguntasse isso rapaz?

NATALI

Eu quero saber.



JÚNIOR

Tu sabia que eu ia dizer isso não, né?

NATALI

Não.

JÚNIOR

Mas se minhas irmãs tivessem aqui iam logo saber que ia dizer logo isso.

5. DESPERTADOR 1 - TEMPO, UMA ETIMOLOGIA

TOCA SINO 1.

ANALICE

O significado da palavra “Tempo” está relacionado a “duração”. Chamamos de tempo o período sem interrupções no qual os acontecimentos ocorrem: quanto tempo ainda vai demorar este espetáculo? Também usamos “tempo” quando falamos sobre as condições que se relacionam com o clima: previsão do tempo. O tempo também é uma grandeza física, considerado uma das dimensões do universo.

Esta palavra veio do Latim tempus, “tempo, estação do ano, momento”, possivelmente do Indo-Europeu temp-os-, “esticado, estendido”. E volta e meia o tempo passa rápido, que vem do Latim rapere, “tomar à força”. Rapidus era “aquele que é levado à força”, como o que acontecia quando as pessoas eram tomadas como escravizadas. Hoje, a palavra incorporou mais a noção de velocidade do que a de violência.

6. A COSTURA

NATALI

(Júnior a filma)

Tá bom assim?

(pega uma vela de número 6 e olha a câmara)

Olhe, Teté é da seguinte maneira. É da seguinte maneira
Teté. Teté é da seguinte maneira.

Eu gosto muito de costurar. Comecei a costurar com 14 anos. Não aprendi com ninguém, quer dizer, aprendi sim. Com meus avós, minhas tias costuravam e eu gostava de ficar observando.

(Senta-se na boca de cena)

Era uma mesa muito grande, imensa, uma tesoura muito grande e eu ficava prestando atenção naquilo. Um certo dia, eu estava passando férias na casa da minha tia, eu era muito pequena, me lembro vagamente e quando ela saiu, não tinha ninguém mais na sala, então eu fui, *(prepara a vela)* peguei a tesoura com muito sacrifício, muito pesada, e saí cortando o que ela tava cortando. No entanto, era uma roupa de uma senhora e, quando ela chegou que viu, botou a mão na cabeça que eu tinha botado a perder o vestido da mulher. E minha mãe correu brigando comigo, mas ninguém deixou e ficou por isso mesmo. *(riso)* Eu acho que eu tinha uns

cinco anos ou menos, eu eu me lembro muito vagamente
dessa história, muito vagamente.

Eu me lembro bem da mesa grande, que eu fui crescendo e
a mesa permaneceu e foi nisso que eu gostei de costurar e
fui costurando. Minhas bonecas todinhas tinham roupinha,
tinham sapatinho, tinham tudo que eu fazia, foi assim até os
14 anos, daí em diante comecei a costurar profissionalmente
e foi assim minha vida inteira

ANALICE

E continua hoje?

NATALI

(vai colocando a vela no bolo)

Foi até eu me aposentar, aí eu não costuro mais, costuro as-
sim pra quadrilha, né?

Essa tesoura meu pai que me deu quando eu aprendi a cos-
turar. Ele me deu quando eu tinha 14 anos, hoje tô com 75.
Eu costurava em máquina de pedal, então nesse ano que ele
me deu essa tesoura, a minha máquina quebrou e eu tava
com muita costura, então ele chegou e disse, “Minha filha,
vamo pra cidade comigo”. Eu disse “vamos, pai”. Aí quando
chegou na cidade ele não me disse o que era, entrou na loja,
na singer, e comprou a máquina pra mim. Foi. *(sorri)* Mas
eu fiquei feliz da vida aí ele comprou uma máquina moder-
na, né, era mais moderna do que as que eu tenho agora.

ANALICE

Agora eu que tive uma lembrança da minha avó. Ela tinha essas tesouras assim... Não era igual não, era bem retinha a dela, sabe? (os latidos ainda continuam) mas ela tinha umas grandonas assim porque ela costurava também.

NATALI

Uso até hoje. Tenho um bocado, mas essa daqui é a que fica de (sorri) de lembrança mesmo. O meu pai, chamava-se Clovis. Essa tesoura cortou muitas, muitas roupas, você não nem imagina. Só de quadrilha, de uma vez só, foram 46.

(coloca a vela no bolo)

7. MEMÓRIA/ METRÔNOMO

Natali e Analice sentadas diante da plateia. Jogo de som e movimento de acordo com o metrônomo de 60 BPM.

ANALICE:

Mas a gente... da vida né? A gente tem que pensar, memorizar se vai dar certo se não vai...

NATALI:

É algo que me fortalece nas lembranças, das coisas mais simples às mais interessantes.

ANALICE:

Aí botei pra memorizar, pensei, vai dar não vai dar, ai eu vi que, terminava sendo...

NATALI:

Eu tenho muita esperança no futuro, sempre tenho esperança no futuro.

ANALICE:

Eu sabia o que era que vinha mais tarde, nera? Que às vezes a gente pensa, a gente... o presente é uma coisa o futuro é outro né...

NATALI:

A gente tá sempre no presente, sempre no passado, sempre no futuro. O presente o tempo é esse que eu estou falando aqui com vocês. O passado já passou, já foi, e o futuro é aquele que vai chegar ainda.



JÚNIOR pausa o metrônomo

Tempo!

ANALICE:

A gente... passou agora e pra prevenir mais tarde? Memorizar o futuro mais tarde, tanto podia ter sido um futuro bom, como também ter sido um futuro ruim, nera?

Eu gosto de pensar no tempo a partir da etimologia. Eu adoro as palavras, eu sou apaixonada, porque eu gosto de livros, né, eu gosto de ler, então... e gosto de saber a origem, eu sou curiosa. Então, a questão do tempo me faz lembrar que há dois tipos de tempos, né, de tempos diferenciados, são dois.

NATALI:

É rápido para a gente que quer uma coisa e é longo para quando a gente espera

JÚNIOR pausa o metrônomo

Tempo!



ANALICE:

Esse tempo que a gente contabiliza dias, horas, minutos, segundos, séculos, milênios, etc., é o tempo mecânico, é o tempo de cálculo, de medida, de movimento. E o tempo Kairós, que é o tempo da criatividade.

Eu, Analice, aprendi que Kairós era o tempo de Deus, Então, eu penso... quando eu penso no tempo, eu penso “ai, tô atrasada, tô apressada, tá cedo”, esse tempo mecânico, medido, contado, né, racional. Mas também me vem à mente o tempo Kairós, que é... se escreve com K, ([*Aponta para Natali*: Natali sorri [*Natali de fato sorri*])

8. PROJEÇÃO - MARIA JOSÉ 2 - 01'23"

Depois que ele, ele morava no cabo, eu (gaguejando) ainda devia ter procurado saber onde é que ele... pra pelo menos pra ver, pra rever sabe? A amizade da gente, tudo (incompreensível) foi muito, muito antiga né, ai sempre eu fico pensando nisso na minha cabeça. [NATALI] E se ele não tivesse morrido e a senhora encontrasse com ele agora, o que a senhora diria pra o Amaro? [MARIA JOSÉ] (Risos) olhe, eu acho que se, se (gaguejando) mesmo depois que eu fiquei viúva se eu tivesse me encontrado com ele, sabe, ai, eu acho que a gente ia se amar novamente, porque foi uma pessoa

que eu nunca esqueci na minha vida, foi ele. Mas a gente... da vida né? A gente tem que pensar, memorizar se vai dar certo se não vai...Ai botei pra memorizar, pensei, vai dar não vai dar, aí eu vi que, terminava sendo... Eu sabia o que era que vinha mais tarde, nera? Que as vezes a gente pensa, a gente... o presente é uma coisa o futuro é outro né...A gente... passou agora e pra prevenir mais tarde? Memorizar o futuro mais tarde, tanto podia ter sido um futuro bom, como também ter sido um futuro ruim, nera?

Mudança de iluminação referente ao Jogo

9. O JOGO - 1

Sineta diante do público. Júnior media as perguntas, Natali e Analice respondem. A luz indica quem vai responder.

JÚNIOR

Boa noite! Vamos iniciar nosso jogo de perguntas e respostas: O AGORA! Essa cena foi construída com o auxílio de inteligência artificial, o elenco tem emoções conflitantes sobre isso. Sigamos! Cada competidora deve se posicionar no fundo do palco e correr até a sineta para responder assim que ouvir: AGORA! Quem tocar primeiro responde à pergunta. Quem acertar ganha uma vida. Prontas? OK!

Pergunta número um:

Em média quanto tempo de trabalho, um brasileiro ou brasileira que trabalha 40 horas semanais gasta em um período de 40 anos?

RESPOSTA: 83.200 horas

Pergunta número dois:

Vamos de matemática! Esse assunto tá muito em alta: Se um entregador de aplicativo ganha cinco reais por entrega, quantas entregas ele precisa fazer por dia para ganhar o altíssimo valor de R\$50 reais?

RESPOSTA: 10 entregas

Pergunta número três:

Quanto vale sua hora de trabalho?

10. VIDEOARTE APNEIA DE ANALICE

TOCA 12 VEZES O SINO.



11. SYLVIA PLATH 2 - DE VOLTA AO INÍCIO

JÚNIOR

(Repetindo o texto para que caiba em um único fôlego)

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro

Ergo as pálpebras e tudo volta a renascer

(Acho que te criei no interior da minha mente)

Saem valsando as estrelas, vermelhas e azuis,

Entra a galope a arbitrária escuridão:

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.

Enfeitiçaste-me, em sonhos, para a cama,

Cantaste-me para a loucura; beijaste-me para a insanidade.

(Acho que te criei no interior de minha mente)

Tomba Deus das alturas; abranda-se o fogo do inferno:

Retiram-se os serafins e os homens de Satã:

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.

Imaginei que voltarias como prometeste

Envelheço, porém, e esqueço-me do teu nome.

(Acho que te criei no interior de minha mente)

Deveria, em teu lugar, ter amado um falcão

Pelo menos, com a primavera, retornam com estrondo

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro:
(Acho que te criei no interior de minha mente.)

Analice interrompe a ação.

ANALICE

Dirigindo-se ao público:

Esse espetáculo também seria sobre isso, mas na sala de ensaio a gente percebeu que não era bem sobre a vida de Sylvia Plath que a gentealaria. O tal entrelugar depois dos 30 anos dela e antes dos 60 das nove mulheres já está aqui. Então a gente resolveu falar sobre o nosso encontro com elas. O que surge a partir do encontro delas com Natali e do nosso encontro com o resultado disso.

12. MEMÓRIA QUE GOSTARIA DE APAGAR

NATALI

Tá chorando por quê? Você não já tem dois?



ANALICE

Nesse momento, talvez não seja nem coisas assim, por exemplo, com a perda do... o aborto, tá entendendo? Foi doloroso pra mim, depois do meu segundo filho eu tive dois abortos. Mas o aborto que mais marcou foi logo o primeiro, que era uma menina. Né? Aí frustração, porque o aborto é triste, porque eu senti... e eu me recordo uma memória negativa quando a enfermeira disse “tá chorando por quê? A senhora não já tem dois?” e eu, como uma leoa, tá entendendo, defendi a minha cria. “Eu não estou lhe perguntando, eu poderia até ter mais, mas eu queria. ”. Foi aquela gestação que eu queria. Então, são essas situações que dói quando lembro, tá entendendo?

13. DEFINIÇÃO POÉTICA DE MEMÓRIA - OFF - NATALI COM OS TECIDOS

NATALI

A vida é um fio, a memória é seu novelo. Enrolo – no novelo da memória – o vivido e o sonhado. Se desenrolo o novelo da memória, não sei se tudo foi real ou não passou de fantasia. (...) E vêm de muito longe as palavras. Dormem desde antigamente em mim. Elas surgem da memória, lugar em que a verdade e a mentira travam uma longa conversa, misturando o vivido com o sonhado. (...) Eu me assento na

sombra da memória e deixo meu pensamento pensar sem limites. Minha memória desconhece as fronteiras por ignorar seu tamanho. Viajo sem passaporte para depois de mim, para dentro de mim, para além do sonho. (...) Minha memória tem espaço para infinitas paisagens. (...) Não tem tamanho e a ponta de seu fio nasceu com o meu nascimento.

Quem disse isso foi Bartolomeu Campos de Queirós, mas poderia ter sido eu.

TOCA 12 VEZES O SINO E TECIDOS. MUDANÇA DE ILUMINAÇÃO.

14. A INCERTEZA

Júnior inquieto com o celular na mão, está sentado. Escreve um pouco, mas decide mandar um áudio.

JÚNIOR

Oi, meninas. Tudo bem? Olha... eu abri todo o material que está no drive e... *(interrupção. Percebe que não está gravando).*

Ai! Eu não acredito que não estava gravando.

Pega o celular e aperta botão de mensagem de voz de novo.

Hellow, galera. Como vocês estão? Então, eu estou bem.



Dizendo logo antes que perguntem (ri de maneira falsa). Então...eu abri a pasta do drive com todo documento da pesquisa e eu não sei se eu deveria fazer esse espetáculo porque...(telefone toca). Que infeeeeeeerno!!! (*Atende ao telefone impaciente*). Alô! Quem é? Hum...quero não! (*Desliga o telefone sem se despedir*)

(*Volta para o WhatsApp e aperta botão de áudio. Respira e tenta ser simpático*)

Oi, meninas. Boa tarde. Como estão? Eu estou louca é isso! Olha, eu abri os arquivos que estão no drive e fiquei refletindo sobre o espetáculo. Eu não sei se quero fazer porque não sei como meu corpo vai contribuir com essas histórias. Eu já nem sei mais o que estou falando porque estou julgando justamente esse podcast-áudio que estou mandando. Por favor não acelera! Não acelera, Natali! (*Começa a falar mais rápido 1x*). E eu não sei falar também. Fico nervoso, um choro preso, um medo! Não acelera, Analice. (*Fala mais rápido 2x*). E por não saber falar que eu não sei se quero fazer esse espetáculo. Li na entrevista de Dona Maria José ela dizendo que hoje ela é a pessoa que é por passar tanto tempo no teatro. Que não sabe a pessoa que era antes do teatro. Não sabia falar, não sabia conversar, mas quando entrou no teatro foi tudo na vida. Dona Maria José fala lindamente dessa relação e ainda fala desse memorizar que as coisas vão dar certo...: “Memorize direito, nunca pense que não vai dar certo, memorize que vai dar certo que vai dar certo e você vai conseguir memorizar, você memorizou, pensou e memorizou,

você vai fazer dar certo. O negócio é memorizar o positivo e não negativo". É lindo.

15. ABUSO (AMARA RITA)

Natali pega um apito e se dirige ao centro do palco. É ladeada pelos demais atores.

NATALI

Apneia estática (parada respiratória em repouso) é a capacidade de reter a respiração por períodos prolongados embaixo da água. Já se chegou a marca de 11 minutos, mas essas são situações extremas e foram atingidas por profissionais treinados.

Natali marca a ação com um apito. Analice e Júnior fazem apnéia na bacia. Ao finalizar:

ANALICE

(Paralelamente à fala de Analice, Natali corta o bolo)

Minha memo- minha memória mais bonita?

Foi quando eu apresentei a primeira peça, é... quando me apresentei lá em Petrolina que eu fiz 70 anos no dia que eu fui me apresentar em Petrolina. Eu fiz 70 anos no palco, quando eu sai do palco, tô toda arrepiada, quando eu sai do palco,

tava uma mesa linda posta pra mim, uma torta, todo mundo batendo palma, então isso pra mim me marcou... que eu nunca tinha festejado meu aniversário, foi a primeira vez.

Na vida?

Na vida, assim, quer dizer, no começo eu festejava mais festejava o onomástico. O onomástico é a data que a gente entrou no convento, não era a nossa data de nascimento, aí foi isso me marcou muito.

Fui, fui freira.

Como foi isso aí?

Eu fui (riso), eu fui pro convento porque várias coisas me levaram a isso né.. É eu fui quando estava com 16 anos, nunca tive namorado, nunca tinha tido namorado, nunca tinha nada, mais eu era muito assim... perseguida, quer dizer... é... perseguida, assediada.

Eu era muito perse-assediada... sexualmente, pra sexo, essas coisas, então eu fugia muito, mais isso era desde criança, desde a minha idade de 4 anos que eu fui assediada, praticamente *estrupada*, sabe? E isso, é... me fez crescer.... muito, e eu nunca esqueço disso, são coisas... eu não tenho mágoa, não guardo mágoa, não guardo ódio, nada, vem a lembrança assim quando eu preciso falar, mas que eu fique remoendo isso, não me, não não é. Então eu fugia muito... Eu me escondia de baixo das camas, eu me escondia me trepava em pé de árvore, onde eu sabia que ninguém ia me procurar... e eu ficava lá, pé de jaca, então eu tinha um pé de goia-

ba que eu chamava ele de meu amigo, então ele era feito um tripé, e aí eu conseguia uma taboazinha, um pedaço de apoio, eu botei ali e ali eu me sentava, naquele pé de goiaba, e ali eu ficava até... sair a a pessoa, desaparecer, e eu voltar pra casa, né. Ficava perto de casa, me escondia muito, me escondia da minha mãe pra ela não me ver chorar por causa da doença dela, sabe? E isso, é tudo isso, é.. me interiorizou que quando eu fui crescendo pra, fiquei com meus 12 anos e já me tornei mocinha aí a situação piorou...Ao ponto de ser apontado faca, né, me mostrar a faca assim, se não fizer eu mato e eu desarmar essa pessoa...

minha madrinha que me terminou de me criar quando minha mãe morreu, eu ia pra missa com ela, aí o padre nesse dia falando de santa Terezinha aí eu fiquei impressionada,

Santa Terezinha foi pro convento, foi freira, aí eu fique –

Aí eu fui perguntar ao padre quando terminou a missa, eu saí por ali e fui perguntar ao padre – “padre, o que é freira?” aí ele me explicou, -“ e o que é convento?”, “é o lugar onde ficam as freiras”.... aí lá soltei –“eu acho que eu vou ser freira”, porque eu acho lá no convento não tem esse negocio de homem, dos home ta atras, , aí eu inventei e pedi pra ir pro convento e eu fui. Entrei e fiquei lá, gostei, me dei muito bem graças a deus, agradeço porque fui, agradeço muito a Deus porque fui e também agradeço porque saí, porque não deu, porque era uma coisa que eu pensava que fosse e num era, foi outra...eu Fui freira, eu queria ser santa, quando feito Santa Terezinha, menina (*risos*) quem é que nesse mundo é santo? (*risos*)

16. PROJEÇÃO VERA - 01'31"

Olha, pra falar a verdade, aqui em casa eu tenho dois objetos preferidos, inclusive eu disse pra minha filha "minha filha, quando eu morrer, leva isso pra você". Porque quando eu nasci, na casa de minha mãe tinha um objeto como esse. Ela morreu eu tinha 9 anos, meu pai voltou a casar, e ele já se foi, minha madrasta também já se foi e eu não sei pra onde foi. Esse objeto que se chama penca de balangandãs. E esse objeto aqui tem a ver com a, é, alforria das mulheres negras, as mulheres escravizadas. Quando elas começavam a comprar sua alforria, cada pagamento que elas faziam, elas recebiam uma representação de uma fruta. 25'46'' Aqui são todas frutas, exceto essa figa. E quando elas conseguiam completar a penca elas estavam libertas. Elas usavam, essa penca aqui na cintura. Trago ali na minha, ali na minha parede, na entrada da minha casa, pra sempre lembrar de onde eu vim, eu vim daqui, dessa da caminhada dessas mulheres, né, libertárias, todas elas.

17. O JOGO - 2

Analice media as perguntas, Natali e Júnior respondem. Quem levantar a mão primeiro, responde.

ANALICE

Boa noite! Vamos iniciar nosso jogo de perguntas e respostas: O AGORA! Essa cena foi construída com o auxílio de



inteligência artificial, o elenco tem emoções conflitantes sobre isso. Sigamos! Cada competidora deve se posicionar no fundo do palco e correr até a sineta para responder assim que ouvir: AGORA! Quem tocar primeiro responde à pergunta. Quem acertar ganha uma vida. Ready? OK!

Pergunta número um:

Qual foi o máximo de tempo que você esperou por um cachê?

RESPOSTA: 18 meses

E valeu a pena?

RESPOSTA: Não.

Pergunta número dois:

Quanto tempo um ator espera para ter o retorno de uma seleção de elenco de cinema?

RESPOSTA: Ainda estou esperando, mas o filme estreou.

Pergunta número três:

Quando o próximo teatro dessa cidade vai ser fechado?

(silêncio)

E quando você vai desistir?

(silêncio)

PROJEÇÃO TEATRO DE PAUDALHO



18. GRÁVIDA DE MIM

JÚNIOR

Sabe dizer é o que é que tu sentiu quando tu soube que estava grávida? e quando tu me viu a primeira vez? De verdade.

NATALI

Quando eu senti que eu estava grávida eu realmente não gostei porque eu não pretendia ter filhos e se tivesse não era logo. E graças também ao companheiro que eu tinha... Eu tive apoio da minha família, da minha mãe, mas dele infelizmente não. Apoio psicológico eu não tive. acho que por isso é mais sofrido.

JÚNIOR

E quando tu me viu a primeira vez?

NATALI

Quando eu vi você a primeira vez, foi isso que eu pensei: meu "Deus que responsabilidade." - porque eu só contava comigo basicamente (...) Eu não sei se eu tenho culpa. Não sei se devia ter agido diferente, mas eu não acho que eu conseguiria agir diferente, né? Não não tive isso, mas em compensação tive você que é maravilhosa. Sempre foi né? (emocionada) Aí compensa muito.

19. PROJEÇÃO - MARIA JOSÉ 3 - 01'08"

Foi o dia que a gente se encontrava, ele conversava comigo, me beijava, me abraçava, dizia que queria casar comigo, eu não fui casada com meu pai que meu pai sabia...

Foi no casamento de uma prima da gente, o casamento começou no sábado e terminou no domingo, casamento de família, né, mas ele era, ele foi convidado que ele era, ele era celeiro, tocava vi- ele era sanfoneiro... Mesmo assim a gente dançou a noite todinha, conversando...quando foi no dia a gente veio (incompreensível) ele me trouxe na casa da minha tia, ai por ai, ai pronto...

[NATALI] *Peraí, a senhora se conhe- conheceu ele no casamento?*

[MARIA JOSÉ] *No casamento da minha prima, da minha prima... A gente dançando né, ai começamos namorar ali, pronto.*

[NATALI] *E já começou a namorar ali?*

[MARIA JOSÉ] *Começamos a namorar ali... Primeira vez.*

[NATALI] *Dona Maria José, pra senhora o que é o tempo?*

[MARIA JOSÉ] *O tempo pra mim é... quer dizer que nesse, nesse caso eu (gaguejando) não tive nem tempo pra mim.*

[NATALI] *Na vida?*

[MARIA JOSÉ] *Não, na vida eu não tive tempo pra mim, na minha vida eu não tive tempo pra mim.*

20. SYLVIA PLATH 3 - MAIS UM INÍCIO

Com um microfone de karaokê. Júnior fazendo imagens atrás dela. Ambos caminham do fundo do palco em direção a plateia.

NATALI

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro
Ergo as pálpebras e tudo volta a renascer
(Acho que te criei no interior da minha mente)
Saem valsando as estrelas, vermelhas e azuis,
Entra a galope a arbitrária escuridão:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Enfeitiçaste-me, em sonhos, para a cama,
Cantaste-me para a loucura; beijaste-me para a insanidade.
(Acho que te criei no interior de minha mente)
Tomba Deus das alturas; abrande-se o fogo do inferno:
Retiram-se os serafins e os homens de Satã:
Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro.
Imaginei que voltarias como prometeste
Envelheço, porém, e esqueço-me do teu nome.
(Acho que te criei no interior de minha mente)
Deveria, em teu lugar, ter amado um falcão
Pelo menos, com a primavera, retornam com estrondo

Cerro os olhos e cai morto o mundo inteiro:
(Acho que te criei no interior de minha mente.)

Júnior interrompe a ação e pega o microfone.

JÚNIOR

Dirigindo-se ao público:

Esse espetáculo também seria sobre isso, sobre a poeta e romancista americana Sylvia Plath que tirou a própria vida em 1963. Mas a partir das conversas com essas nove mulheres a gente percebeu que falávamos sobre esse encontro. Sobre a ludicidade que elas trouxeram para a gente, mas em alguma medida a escritora ainda está.

21. A CARTA DE AMARO (OFF JR) E A DANÇA

22.PROJEÇÃO RAQUEL - 01'22"

Aí isso não saiu nunca da minha mente. é a experiência, o nervosismo, a insegurança, foi aquela primeira vez que me deram uma chance de ir para o palco. aquilo ali jamais esqueci. Como eu nunca tinha subido no palco, estava insegura. então isso marcou. (...) Desde pequena eu tive esse lado de nascer com a personalidade,



o corpo masculino mas não me aceitava, certo? Não me aceitava. e sempre... eu comecei... eu gostei do lado masculino da coisa, do homem, né? Então, o que eu fiz? eu pedi licença a minha família e disse: olha eu não vou mais morar com vocês e vou me identificar para o lado feminino. Isso eu tinha meus 15 a 16 anos. Saí de casa. Tive que sair de casa porque naquela época o preconceito era maior ainda, então fui tomando hormônio, foi deixando o cabelo crescer, entendeu? Foi onde surgiu a primeira oportunidade de Guilherme Coelho, um diretor que eu conheci, me colocar no vivencial diversiones. Aí já começou a minha vida artística desabrochar. aí fui fazendo um esquetes, textos. daí surgiu o convite para viajar. eu fui juntando o dinheiro para prótese, para plástica. foi melhorando o lado feminino. e até hoje eu sobrevivo e vivo da arte. é isso aí.

22. O Jogo 3 - IDADE

Natali media as perguntas, Analice e Júnior respondem. Quem levantar a mão primeiro, responde. Quem ganha recebe uma vela.

NATALI

Boa noite! Vamos iniciar nosso jogo de perguntas e respostas: O AGORA! Essa cena foi construída com o auxílio de inteligência artificial, o elenco tem emoções conflitantes sobre isso. Sigamos! Cada competidore deve se posicionar no fundo do palco e correr até a sineta para responder assim



que ouvir: AGORA! Quem tocar primeiro responde à pergunta. Quem acertar, ganha. Ready? OK!

Pergunta número um:

Com quanto anos uma pessoa é considerada da terceira idade em países em desenvolvimento como o Brasil?

Resposta: 60 anos.

Pergunta número 2:

Qual é a estimativa de vida de uma mulher trans e de uma mulher cis no Brasil?

Resposta: Mulher cis, 75 anos e mulher trans, 35 anos.

Pergunta número 3:

Com quantos anos uma pessoa pode se aposentar no Brasil?

Resposta: Depende do tempo de contribuição, mas eu ainda não entendi o cálculo.



23. A CINEASTA E O CALEIDOSCÓPIO

Natali, em diferentes pontos do palco. faz perguntas ao elenco e à plateia à medida em que partilha sua lembrança.

NATALI

(A primeira pergunta é direcionada a uma pessoa do elenco, mas varia a depender da apresentação)

Qual é a sua lembrança mais antiga?

PESSOA DO ELENCO RESPONDE

NATALI

(Pergunta a uma pessoa da plateia)

Qual é a sua lembrança mais antiga?

NATALI

A MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA - Na verdade, eu tenho muita dificuldade de lembrar da infância, às vezes são lembranças de fotografia, mas A MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA *(ela muda de ponto a cada nova lembrança)* é uma festa surpresa que eu recebi uma vez, não, não, mas teve antes. A MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA é um ensaio fotográfico que fizeram comigo, em casa, com vários looks e cenários, não, mas teve antes. A MINHA PRIMEIRA LEM-

BRANÇA foi o acidente. A queimadura de primeiro ao terceiro grau, do corpo todo na parte de trás, não, não, ainda não é isso, tem antes. A MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA é o meu pai tirando uma foto minha, todo dia, na frente do prédio, antes de ir para o trabalho, não, não, é o primeiro videocassete, não, é o pé de jasmim, não, não, é dançando Xuxa com meus primos, ou é brincando na Rua B-1, não, não, mas teve antes.

A MINHA PRIMEIRA LEMBRANÇA é a minha descoberta como cineasta, sem querer. Depois, eu entendi que foi.

(Com uma lanterna e um caleidoscópio, projetando a luz que sai do caleidoscópio na parede)

Eu devia ter cinco, seis anos e meu avô tinha um hotel e tinha um lago nesse hotel. Eu roubei a lanterna dele (com a lanterna e o caleidoscópio projeta imagens) e ficava jogando pedrinha no lago, botando a lanterna e projetando nas paredes as ondulações da água quando eu jogava a pedrinha. Quase levei uma surra por causa disso porque a lanterna não era um objeto acessível para uma criança e outra: eu estava jogando coisa, podia matar os peixinhos, entendeu? (Riso) E anos e anos e anos depois, eu descobri que isso era uma menina trelosa, mas querendo projetar alguma coisa numa parede em branco, não é? Usando a luz, sem a captação do negativo, era uma transferência direta, movimento e a luz. (Riso)

Luz caleidoscópica



PROJEÇÃO DE KÁTIA COM PROJEÇÃO DE CALEIDOSCÓPIO

Eu devia ter cinco, seis anos e meu avô tinha um hotel e tinha um lago nesse hotel. Eu roubei a lanterna dele (com a lanterna e o caleidoscópio projeta imagens) e ficava jogando pedrinha no lago, botando a lanterna e projetando nas paredes as ondulações da água quando eu jogava a pedrinha. Quase levo uma surra por causa disso porque a lanterna não era um objeto acessível para uma criança e outra: eu tava jogando coisa, podia matar os peixinhos, entendeu? (Riso) E anos e anos e anos depois, eu descobri que isso era uma menina trelosa, mas querendo projetar alguma coisa numa parede em branco, não é? Usando a luz, sem a captação do negativo, era era transferência direta, movimento e a luz.

(Riso)

(Luz estilo caleidoscópio toma conta do palco)

24. TRICILOMELO

JÚNIOR

(Direcionando-se para a platéia)

Percebi que as brincadeiras de criança que a gente conhece denunciam a nossa idade. Por exemplo: alguém aqui sabe brincar de tricilomelo? (aguarda) Eu sei que sabe, mas eu



vou ensinar. Alguém pode brincar comigo?

Brinca com uma pessoa da plateia.

Júnior: Foi Dona Maria?

25. VIDEO 24 HORAS

ELENCO

(Projeta)

Qual foi a coisa mais bonita que você viu nas últimas 24 horas?

ÁUDIO DE MARIA JOSÉ

Meu tempo pra mim é tudo na minha vida. Hoje eu tenho tempo pra tudo, entendeu? Até pra amar, se parecesse, eu ainda tinha tempo pra amar... fosse uma pessoa do meu jeito, meu tempo ainda tinha... meu tempo dá pra tudo, dá pra trabalhar, dá pra passear... E Poesia, pra mim, é muita coisa. Eu gosto de cantar, gosto de sorrir

26. PROJEÇÃO TODAS AS MULHERES

27. CARTA FINAL

NATALI

(diante do público)

Hoje é uma quarta-feira, faltam 8 meses para o meu aniversário. São 21h do dia 24 de janeiro de 2024 e, vó, eu apresentei o ensaio aberto do meu espetáculo pela primeira vez na Caixa Cultural do Recife, com dois amigos muito queridos que eu admiro muito. Também com vários outros artistas e amigos que me ajudaram a levar esse trabalho adiante e com uma plateia massa. Queria que você visse.

Hoje eu só quero você

Seja do jeito que for

Hoje eu só quero alegria

É meu dia, é meu dia

Hoje eu só quero amor

Hoje eu só quero prazer

*(Música aumenta, elenco entra e estoura papel de aniversário,
saem de cena dançando e cantando)*



Hoje vai ter que pintar
Só quero a massa real
É o meu carnaval
Hoje eu só quero amar
Hoje eu não quero sofrer
Não quero ver ninguém chorar
Hoje eu não quero saber
De ouvir dizer que não vai dar
Vai ter que dar, vai ter que dar
Esse é o meu carnaval
Vai ter que dar, vai ter que dar
Só quero a massa real

APÊNDICE B - REGISTROS DA EXPOSIÇÃO ENSAIO DO EFÊMERO



ENSAIO DO EFÊMERO

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



DIA 01.07

APRESENTAÇÃO MUSICAL:

PEDRO HUFF

MODELO: NATALI ASSUNÇÃO

FOTOS: ANA YONEDA

DAS 18H ÀS 21H

NO CAFÉ COM DENGO

Rua Desembargador Martins

Pereira, 45 - Rosarinho



@MEMORIAEMCHAMAS

Arte, assessoria de imprensa e produção: Memória em chamas/
Natali Assunção.









Abertura da exposição *Ensaio do efêmero*. Fotografias: Morgana Narjara.



Abertura da exposição *Ensaio do efêmero*. Fotografias: Morgana Narjara.

APÊNDICE C - REGISTROS DA ESTREIA DO FILME ENSAIO DA MEMÓRIA



Arte: Analice Croccia





Estreia do filme *Ensaio da memória*. Fotografias: Morgana Narjara.



Estreia do filme *Ensaio da memória*. Fotografias: Morgana Narjara.

**APÊNDICE D - REGISTRO FOTOGRÁFICO DO
PRIMEIRO ENSAIO ABERTO DO ESPETÁCULO
ENSAIO DO AGORA**



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.



Ensaio aberto do espetáculo *Ensaio do agora*. Fotografias: Morgana Narjara.

